



**PROFHISTÓRIA**

MESTRADO PROFISSIONAL  
EM ENSINO DE HISTÓRIA

---

ANDRÉ FELIPE SVOLINSKI

**UMA IMAGEM VALE MAIS DO QUE MIL PALAVRAS?  
Ensino de História e reflexões sobre o acervo  
fotográfico do Museu Municipal Deolindo Mendes  
Pereira em Campo Mourão-PR.**

Universidade Estadual do Paraná – Unespar  
Novembro / 2024



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ  
CAMPUS DE CAMPO MOURÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA  
NÍVEL DE MESTRADO PROFISSIONAL – PROFHISTÓRIA**

**ANDRÉ FELIPE SVOLINSKI**

**UMA IMAGEM VALE MAIS DO QUE MIL PALAVRAS? Ensino de  
História e reflexões sobre o acervo fotográfico do Museu Municipal  
Deolindo Mendes Pereira em Campo Mourão-PR.**

**CAMPO MOURÃO – PR  
2024**

**ANDRÉ FELIPE SVOLINSKI**

**UMA IMAGEM VALE MAIS DO QUE MIL PALAVRAS? Ensino de História e reflexões sobre o acervo fotográfico do Museu Municipal Deolindo Mendes Pereira em Campo Mourão-PR.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, nível de Mestrado Profissional, da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

**Área de Concentração:** Ensino de História  
**Linha de Pesquisa:** Saberes históricos em diferentes espaços de memórias.  
**Orientador(a):** Dr. Michel Kobelinski

**CAMPO MOURÃO – PR  
2024**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNESPAR e Núcleo de Tecnologia de Informação da UNESPAR, com Créditos para o ICMC/USP e dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Svolinski, André Felipe

Uma imagem vale mais do que mil palavras? Ensino de História e reflexões sobre o acervo fotográfico do Museu Municipal Deolindo Mendes Pereira em Campo Mourão-PR. / André Felipe Svolinski. -- Campo Mourão-PR, 2024.

140 f.: il.

Orientador: Michel Kobelinski.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Ensino de História) -- Universidade Estadual do Paraná, 2024.

1. história local. 2. fotografia. 3. patrimônio. 4. ensino de história. I - Kobelinski, Michel (orient). II - Título.

**ANDRÉ FELIPE SVOLINSKI**

**UMA IMAGEM VALE MAIS DO QUE MIL PALAVRAS?**

**ENSINO DE HISTÓRIA E REFLEXÕES SOBRE O ACERVO FOTOGRÁFICO DO  
MUSEU MUNICIPAL DEOLINDO MENDES PEREIRA EM CAMPO MOURÃO-PR**

**BANCA EXAMINADORA**



Dr. Michel Kobelinski (orientador) – Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – ProfHistória/Universidade Estadual do Paraná – Unespar

Documento assinado digitalmente

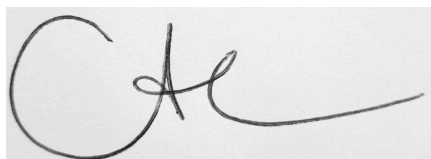


**JORGE PAGLIARINI JUNIOR**

Data: 29/11/2024 19:11:14-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. Jorge Pagliarini Junior – Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – ProfHistória/Universidade Estadual do Paraná – Unespar



Dr. Cleyton Antonio da Costa - Colégio Paulínia COC

Data de Aprovação - 27/11/2024

Campo Mourão - PR

## AGRADECIMENTOS

A conclusão deste trabalho só foi possível graças ao apoio e colaboração de muitas pessoas e instituições, às quais serei sempre grato.

Em primeiro lugar, agradeço à providência divina, que guiou cada passo ao longo deste caminho.

Gostaria de expressar minha profunda gratidão ao meu orientador, professor Dr. Michel Kobelinski, pela orientação e paciência durante todo o processo de pesquisa e redação desta dissertação. Seus incentivos foram fundamentais para a realização deste trabalho.

Agradeço também à UNESPAR - Universidade Estadual do Paraná e ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA) por proporcionarem um espaço de aprendizado e crescimento profissional desde os tempos da minha graduação.

Estendo meus agradecimentos a todos os professores do programa, Prof. Dr. Bruno Flávio Lontra Fagundes, Prof.<sup>a</sup> Dra. Cyntia Simioni França, Prof.<sup>a</sup> Dra. Eulália Maria Aparecida de Moraes, Prof. Dr. Federico José Alvez Cavanna e Prof. Dr. Ricardo Tadeu Caires Silva, cujos ensinamentos e reflexões contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa.

A banca examinadora desta pesquisa, composta pelos professores Dr. Jorge Pagliarini Júnior e Dr. Cleyton Antônio da Costa pelos valiosos apontamentos durante a qualificação, suas observações foram fundamentais para aprimorar o desenvolvimento da dissertação

Não posso deixar de mencionar também meus colegas de turma, que compartilharam momentos valiosos nos intervalos entre as aulas, regados a cafés e conversas que fortaleceram nossa jornada.

Estendo meu agradecimento a todos aqueles que, mesmo não mencionados nominalmente, contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho, que também foi uma rede de colaboração e apoio.

Por fim, minha gratidão especial aos alunos do Colégio Estadual Dom Bosco, que participaram ativamente do projeto. Vocês foram a verdadeira inspiração para este trabalho, e sem o envolvimento e participação de cada um, nada disso teria

sido possível. Suas contribuições enriqueceram esta pesquisa de maneira única e inesquecível.

A todos, meu muito obrigado!

## RESUMO

SVOLINSKI, Felipe André. **Uma imagem vale mais do que mil palavras? Ensino de história e reflexões sobre o acervo fotográfico do Museu Municipal Deolindo Mendes Pereira em Campo Mourão-PR.** 134f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – Mestrado Profissional. Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão. Campo Mourão, 2024.

Com o propósito de promover uma aprendizagem significativa para os alunos do Novo Ensino Médio (NEM) no Colégio Dom Bosco através do ensino de história local e educação patrimonial, a presente dissertação procurou analisar, manusear e ressignificar o ainda pouco explorado acervo fotográfico do Museu Municipal Deolindo Mendes Pereira, em Campo Mourão-PR. Centrando-se nas discussões da história pública e educação patrimonial, foi utilizada a metodologia da aula-oficina para valorizar a autonomia estudantil. As seguintes questões foram levantadas para explorar as relações entre as fotografias e suas representações: Como o ensino de história local e a educação patrimonial podem promover a aprendizagem sobre a cultura visual da cidade de Campo Mourão e seu patrimônio? Qual será a relevância do acervo fotográfico do museu municipal para o processo de ensino-aprendizagem? A metodologia da aula-oficina poderá valorizar a autonomia estudantil e promover a aprendizagem significativa? O objetivo principal da dissertação consistiu em produzir material didático com base na análise de imagens do acervo municipal como forma de fornecer sugestões de práticas de ensino-aprendizagens de professores da Rede Pública de Ensino, reduzindo, em parte, a carência de conteúdos sobre a presente temática, além de promover a produção do saber escolar para experiências de curadoria e exposição no espaço escolar.

**Palavras-chave:** Ensino de história, História Pública, Aula Oficina, Fotografia, Museu Deolindo Mendes Pereira.

## ABSTRACT

SVOLINSKI, Felipe André. **A picture is worth a thousand words? Teaching history and reflections on the photographic collection of the Deolindo Mendes Pereira Municipal Museum in Campo Mourão-PR.** Dissertation. Postgraduate Program in History Teaching – Professional Master’s Degree. State University of Paraná, Campo Mourão Campus. Campo Mourão, 2024

With the purpose of promoting meaningful learning for New High School (NEM) students at Colégio Dom Bosco through the teaching of local history and heritage education, this dissertation sought to analyze, handle and give new meaning to the still little explored photographic collection of the Municipal Museum Deolindo Mendes Pereira, in Campo Mourão-PR. Focusing on discussions of public history and heritage education, the workshop class methodology was used to value student autonomy. The following questions were raised to explore the relationships between photographs and their representations: How can teaching local history and heritage education promote learning about the visual culture of the city of Campo Mourão and its heritage? What will be the relevance of the municipal museum’s photographic collection for the teaching-learning process? Can the workshop class methodology value student autonomy and promote meaningful learning? The main objective of the dissertation was to produce teaching material based on the analysis of images from the municipal collection as a way of providing suggestions for teaching-learning practices for teachers from the Public Education Network, reducing, in part, the lack of content on the present theme, in addition to promoting the production of school knowledge for curation and exhibition experiences in the school space.

**Keywords:** History teaching, Public History, aula-oficina, Photography, Deolindo Mendes Pereira Museum.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Localização de Campo Mourão no Paraná.....	15
FIGURA 2 - Aspecto geral dos “Campos do Mourão”.....	30
FIGURA 3 - Trecho da estrada entre Campo Mourão e Maringá, 1922.....	33
FIGURA 4 - Construção da atual Catedral.....	35
FIGURA 5 - Fachada do Museu Municipal.....	38
FIGURA 6 - Construção do “Posto de saúde e higiene” edifício que atualmente abriga o Museu Municipal.....	39
FIGURA 7 : coleção de câmeras fotográficas antigas expostas no museu.....	41
FIGURA 8: Apresentação da proposta à comunidade escolar.....	63
FIGURA 9 : Montagem das câmaras escuras.....	66
FIGURA 10: Observação de flores pela câmara escura.....	67
FIGURA 11:Câmera lambe lambe.....	68
FIGURA 12: Câmara escura.....	69
FIGURA 13: Câmaras escuras e câmeras fotográficas usadas no projeto.....	71
FIGURA 14: Oficina com os objetos.....	72
FIGURA 15: Apontamentos dos alunos sobre a Praça.....	83
FIGURA 16: Apontamentos dos alunos sobre a construção da Catedral São José em Campo Mourão .....	84
FIGURA 17: Visita do presidente Fernando Henrique ao colégio.....	87
FIGURA 18: Espaços da escola.....	87
FIGURA 19: Oficina de fotografia nos espaços públicos.....	89
FIGURA 20: Caçambas.....	90
FIGURA 21: Casa antiga da esquina.....	91
FIGURA 22: O parquinho.....	92
FIGURA 23: Retorno ao colégio após a saída de campo.....	93
FIGURA 24: Preparação da exposição pelos alunos.....	94
FIGURA 25: Exposição: Fotografia e História local: aprendendo com o uso de imagens.....	96
FIGURA 26: Produto desenvolvido pelos estudantes.....	97
FIGURA 27: Fragmento da Exposição virtual.....	100
FIGURA 28: Cartaz de divulgação da exposição virtual.....	101

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Questionário sobre museus.....	75
--	----

## LISTA DE ABREVIATURAS

- BNCC** – Base Nacional Comum Curricular
- CEP** – Comitê de Ética em Pesquisa
- IPARDES** - Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social
- MMDMP** – Museu Municipal Deolindo Mendes Pereira
- NEM** – Novo Ensino Médio
- PPGHP** – Programa de Pós-Graduação em História Pública
- PROFHISTÓRIA** – Mestrado Profissional em Ensino de História

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO 1: FOTOGRAFIA E HISTÓRIA</b>	<b>23</b>
1.1 A fotografia como fonte histórica.....	23
1.2 A história de Campo Mourão através da fotografia.....	28
1.3 O Museu Municipal Deolindo Mendes Pereira e seu acervo fotográfico.....	36
1.4 História local e memória.....	42
<b>CAPÍTULO 2: FOTOGRAFIA E ENSINO DE HISTÓRIA</b>	<b>47</b>
2.1 Uma breve história da fotografia no ensino de história.....	47
2.2 Ensino de história no Brasil e os currículos .....	51
2.3 Pensando nos usos da fotografia no ensino da história local.....	55
2.4 A importância do planejamento: A metodologia da aula oficina.....	57
<b>CAPÍTULO 3: ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL ATRAVÉS DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA: PRODUÇÃO E RESULTADOS</b>	<b>61</b>
3.1 O projeto Fotografia e Ensino de História:Aprendendo com o Uso de Imagens	63
3.2 Dando os primeiros passos.....	73
3.3 Educação patrimonial para além da pedra e cal e do centro da cidade.....	78
3.4 O museu vai à escola; Imagens do museu em sala.....	81
3.5 História em Movimento: Trabalhando noções de temporalidade com as fotografias.....	88
3.6 Imagens Reveladas: Exposição dos Resultados do Projeto.....	88
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>101</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>104</b>
<b>APÊNDICE A: O Projeto Fotografia e história local: Aprendendo com o uso de imagens</b>	<b>110</b>

<b>ANEXO A: Parecer consubstanciado do CEP</b>	<b>134</b>
<b>ANEXO B: Termo de Ciência pelo responsável pelo campo de estudo</b>	<b>135</b>
<b>ANEXO C: Termo de Ciência pelo responsável pelo campo de estudo</b>	<b>136</b>

## INTRODUÇÃO

Que *insights* as imagens históricas do acervo do Museu Municipal Deolindo Mendes Pereira oferecem sobre a historiografia de Campo Mourão? Este acervo pode contribuir para a aprendizagem histórica dos alunos do Ensino Médio? Como a comunidade percebe a história local através deste acervo fotográfico? De que forma essa percepção contribui para a construção da história local?

A importância da história local na pesquisa e no ensino de história é um tema já conhecido e tem sido frequentemente abordado na busca por um ensino que valorize a formação histórica com foco no reconhecimento de identidades.

Diversos autores têm destacado os benefícios da história local, como por exemplo, Paulo Knauss (2014), Marlene Cainelli (2009) e Circe Bittencourt (2004).

Atualmente, há um consenso crescente na pesquisa em educação e nos trabalhos desenvolvidos no PROFHISTÓRIA - Mestrado Profissional em Ensino de História<sup>1</sup>, sobre a importância de conectar os conteúdos ensinados à realidade dos alunos. Isso porque a aprendizagem é mais efetiva quando os alunos podem relacionar os conteúdos ensinados com suas próprias experiências e vivências, o que aumenta sua motivação e interesse. O trabalho com a história local pode produzir a inserção do aluno na comunidade da qual faz parte, criar historicidade e identidade, gerando [...] atitudes investigativas, criadas com base no cotidiano do aluno, além de ajudá-lo a refletir acerca do sentido da realidade social (SCHMIDT, 2009, p. 139).

Programas de pós-graduação como o PROFHISTÓRIA, têm desempenhado um papel muito importante na formação de professores de História em todo o país. Os professores são os principais agentes da transformação na educação, e um programa de mestrado voltado ao ensino de história, permite que eles estejam atualizados das práticas educacionais, incorporando as mais recentes pesquisas e metodologias em suas salas de aula.

A ideia de que a história local permite aos alunos compreender o ambiente ao seu redor e reconhecer o passado em espaços é significativo para o nosso estudo

---

<sup>1</sup> O ProfHistória é um programa de mestrado profissional em Ensino de História, voltado principalmente para professores da educação básica que já atuam na área.

(BITTENCOURT, 1997). Acredito ser possível valorizar essas experiências com o passado, com a memória e com os saberes em um processos significativos de ensino-aprendizagem, visando assegurar a autonomia e a contribuição para a formação cognitiva e para a construção de identidades.

Ao falar em identidades, penso ser indissociável evocar o papel intrínseco da memória, um elemento fundamental na construção da imagem de um lugar. De acordo com Pollack (1992), a memória é um elemento essencial do sentimento de identidade, tanto a nível individual quanto coletivo. Ela desempenha um papel significativo na percepção de continuidade da existência de uma pessoa ou grupo ao longo do tempo. É através dessa abordagem sobre a memória que os alunos se sentem inseridos no contexto em que vivem, criando vínculos sociais com seu grupo e a comunidade, a memória instiga questionamentos e desperta um olhar voltado para a formação cidadã. É importante evocar o conceito de memória, fundamental para compreendermos como as sociedades se relacionam com o passado e constroem as suas identidades. A memória serve como um mecanismo essencial na maneira como percebemos e interpretamos acontecimentos e narrativas ao longo do tempo, influenciando na construção, transmissão ou no esquecimento desses elementos.

O ensino e a escrita da História sempre foram palcos de disputas e conflitos, refletindo-se, por exemplo, na produção dos currículos escolares, na escolha de livros didáticos, na construção de monumentos e na conservação e usos de acervos de objetos e fotografias, como é o caso do Museu Municipal.

As disputas históricas em Campo Mourão-PR são evidenciadas pelo destaque dado aos antepassados de famílias influentes na política e economia, por meio de monumentos, nomes em logradouros e datas comemorativas. Estas ações não apenas celebram suas contribuições, mas também reforçam o poder desses grupos, legitimando sua influência na construção da narrativa histórica da cidade e de sua cultura visual.

.As práticas de rememoração, evidenciadas na origem dos nomes de lugares como Campo Mourão, remontam ao século XVIII. Nessa época, a prática de nomear novos locais em homenagem a indivíduos notáveis era comum, visando perpetuar sua memória na história e na historiografia. No capítulo 1, destacamos que a ocupação dos sertões envolveu o envio de esquadras para os sertões. A do tenente Francisco Lopes nomeou o rio Mourão no início de dezembro de 1769 em

homenagem ao Governador, e capitão-general Dom Luiz Antônio de Souza Botelho Mourão.

(Kobelinski, 2008)

As práticas de rememoração e de escrita da história também podem gerar debates e conflitos em relação à representatividade histórica. A ênfase dada sempre aos mesmos personagens muitas vezes pode excluir ou minimizar a presença e contribuição de outros grupos e comunidades no desenvolvimento da cidade. Essas inquietações estiveram presentes ao longo da escrita da dissertação e, especialmente, no desenvolvimento das atividades de ensino-aprendizagem. Como selecionar algumas imagens em um acervo tão grande e ainda em catalogação e digitalização quanto o do Museu Deolindo? E mais importante, como evitar repetir os mesmos erros do passado, que celebraram a contribuição de alguns grupos em detrimento de outros, resultando em silenciamentos? Essas questões serão aprofundadas ao longo do texto, mas de antemão, é muito importante que os professores e historiadores estejam atentos a estas disputas e procurem trabalhar de maneira inclusiva, buscando contemplar ao máximo a multiplicidade de perspectivas e experiências para um melhor entendimento histórico.

Ao relacionarmos a discussão sobre as disputas acerca da historiografia local, fica evidente que a memória é um fenômeno social construído coletivamente e que não se mantém estática, mas sim passível de diversas transformações e esquecimentos ao longo do tempo. A obra de Pierre Nora se destaca com o conceito de Lugares de Memória, onde o autor argumenta que esses lugares nascem e vivem ao sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. (NORA, 1993, p. 12). A memória desempenha um papel importante na construção das identidades. Os eventos históricos podem ser selecionados e lembrados para fortalecer a coesão social e o sentimento de pertencimento e poder de um determinado grupo. Por outro lado, Pollack (1992) destaca que a memória e o sentimento de identidade, dentro de uma continuidade herdada, são essenciais na disputa por valores familiares e representam um aspecto central na vida das pessoas. Além disso, o aspecto conflitivo da memória se manifesta claramente nas organizações constituídas, como famílias políticas ou ideológicas.

Em Campo Mourão, uma cidade de colonização recente, assim como outras cidades do noroeste do Paraná, são comuns os discursos heroicos que exaltam os chamados pioneiros, muitos dos quais ainda estão vivos. Esses discursos estão fortemente presentes na historiografia local, manifestando-se na construção de monumentos, no batismo de logradouros públicos e em publicações diversas. Essas práticas evidenciam disputas entre grupos e famílias, que buscam, cada um a seu modo, reivindicar o direito à memória e construir suas próprias narrativas

Campo Mourão é um município localizado na região centro-oeste do estado do Paraná e teve a sua emancipação política em 1947. A região é caracterizada por terras férteis que se mostraram propícias para a agricultura, sendo esta a principal atividade econômica. Em 2023, de acordo com o censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população do município de Campo Mourão era de aproximadamente 99.432 habitantes.

**Figura 1:** Localização de Campo Mourão no Paraná



Fonte: Raphael Lorenzeto de Abreu -Parana MesoMicroMunici, (2006).

Refletir e escrever a história de um município de colonização recente como Campo Mourão, onde as disputas pela memória ainda são frequentes, representa

um desafio. Como apontado por Cainelli (2011), a luta pelo controle da memória que prevalecerá na cidade envolve um processo de confronto com a produção do conhecimento histórico local. Nesse contexto, o papel da escola pode ser de grande importância na reinterpretação dos espaços públicos. Sendo assim, acreditamos ser necessário estabelecer ligações entre o ensino de história dentro do espaço escolar com os ambientes externos, onde os alunos também têm seus espaços de vivência. Isso justifica, dessa maneira, o uso e a interpretação do acervo fotográfico do Museu Deolindo Mendes Pereira.

O Museu Municipal Deolindo Mendes Pereira, em homenagem a um dos pioneiros, é um dos espaços mais significativos na preservação da memória e na historiografia local. Seu acervo teve início na década de 1970, graças a doações da comunidade e do poder público, e o museu foi oficialmente inaugurado em 1984. Ao longo dos anos, ocupou diversos prédios antes de encontrar sua localização definitiva em 2001, no edifício que foi a primeira construção de alvenaria da cidade e que já abrigou um posto de saúde. No mesmo ano, foi declarado patrimônio histórico municipal.

O acervo do museu abrange mais de 5 mil peças, incluindo objetos arqueológicos, documentos históricos, instrumentos musicais, móveis antigos, entre outros. No entanto, destaca-se o seu extenso acervo fotográfico, que ainda não foi plenamente explorado e servirá como a principal fonte de pesquisa e tema a ser aprofundado nos capítulos seguintes

Durante a pesquisa, surgiram várias questões sobre como organizar a pesquisa. Como poderíamos trazer o acervo do museu para a sala de aula? Qual seria a metodologia mais apropriada para desenvolver atividades práticas com os alunos? Como poderíamos abordar a história local sem glorificar certos setores da sociedade ligados ao poder? Essas perguntas, juntamente com experiências realizadas em escolas no ano de 2023 indicaram que a abordagem ideal seria construir as atividades em conjunto com os alunos. Isso significava não se limitar ao uso exclusivo do acervo fotográfico do museu para análises e desenvolvimento de atividades, pois, como afirmou Schmidt, "A sala de aula não é apenas o local para transmitir informações, mas sim onde uma relação é estabelecida, na qual os interlocutores constroem significados e sentidos" (Schmidt, 2004, p. 31)."

Nesta perspectiva, nosso objetivo é construir, em colaboração com os alunos do Novo Ensino Médio do Colégio Estadual Dom Bosco, uma narrativa histórica da

cidade por meio de fotografias que retratam seus espaços, como ruas, avenidas, monumentos, edifícios e praças, os quais representam locais de patrimônio e interação da comunidade, incluindo os próprios estudantes. Essa narrativa visa promover uma compreensão mais profunda da história local e a valorização dos espaços compartilhados pelos cidadãos.

A dissertação teve como propósito acompanhar os alunos do novo ensino médio do Colégio Estadual Dom Bosco em Campo Mourão-PR, através de uma sequência didática durante o primeiro semestre do ano letivo de 2023 dentro da disciplina eletiva intitulada: Fotografia e História local: Aprendendo com o uso de imagens. Para além de aulas de caráter mais expositivo sobre a história da fotografia, noções de fotografia, educação patrimonial e também história local, a atividade se centrou em associar todas essas discussões às discussões referentes à memória, identidade e pertencimento. Neste contexto, um dos objetivos da pesquisa foi expandir o entendimento dos espaços patrimoniais da cidade, indo além da área central, onde o museu e outros edifícios e monumentos oficialmente reconhecidos como patrimônio estão localizados. Isso foi realizado através da ocupação das ruas e da praça próxima ao colégio, em uma região mais distante, para que os alunos pudessem produzir fotografias analógicas durante o horário escolar.

A escola onde a pesquisa foi realizada é o Colégio Estadual Dom Bosco, situado no bairro Jardim Lar Paraná, um dos bairros mais antigos de Campo Mourão, assim como a própria escola. O colégio oferece tanto o ensino fundamental quanto o ensino médio, e atualmente conta com cerca de 300 alunos matriculados. No ano em que a pesquisa foi conduzida, a escola passou a adotar o modelo de turno integral, representando um novo desafio tanto para os alunos quanto para todos os funcionários, pois requer uma abordagem pedagógica diferenciada e uma maior dedicação por parte de todos os envolvidos.

A faixa etária dos alunos varia dos 14 até os 18 anos. Todos os participantes concordaram em fazer parte do projeto após eles e seus pais ou responsáveis assinarem o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), que foi encaminhado para o Comitê de Ética em Pesquisa da UNESPAR. É importante destacar que os alunos têm a liberdade de se desligar do projeto a qualquer momento, caso assim desejem, sem nenhum tipo de consequência.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) desempenha um papel fundamental em pesquisas que envolvem seres humanos. Ele tem o propósito de informar aos pais e responsáveis dos alunos que participarão da pesquisa sobre os objetivos, procedimentos, possíveis riscos e benefícios do estudo. Além do TCLE, devidamente assinado pelos pais e responsáveis, os alunos do Ensino Médio que concordaram em participar também assinaram o Termo de Anuência Livre e Esclarecida (TALE). Este último é utilizado em pesquisas que envolvem menores de idade, como os alunos do ensino médio, que não possuem capacidade legal para dar seu próprio consentimento. O TALE consiste em uma versão simplificada do TCLE, tornando o processo de consentimento mais acessível aos estudantes. A utilização desses documentos é de extrema importância em pesquisas que envolvem seres humanos, especialmente quando se trata do uso de fotografias. Esses termos garantem que a pesquisa seja conduzida de maneira ética, legal e em conformidade com a legislação que visa proteger os direitos e o bem-estar dos menores de idade conforme determina a Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

Como professor contratado em regime temporário (PSS), no período que precedeu o início da pesquisa, eu ainda não tinha conhecimento sobre a escola e as turmas em que lecionaria durante o ano letivo. No entanto, ao ser designado para uma escola de dedicação integral, surgiu a oportunidade de assumir a disciplina Eletiva. Essa disciplina envolve a criação e execução de um projeto ao longo do semestre, com a disponibilidade de 25 vagas para os alunos que optassem por participar com base em seu interesse.

A oportunidade de conduzir a disciplina Eletiva com os alunos aliviou uma preocupação que eu tinha quando estava planejando o projeto de pesquisa. Eu me questionava sobre como seria possível realizar atividades que se adequassem à realidade do Novo Ensino Médio (NEM).

A implementação do Novo Ensino Médio (NEM) tem gerado consideráveis debates e críticas, especialmente devido à redução significativa das aulas de História, o que resultou em limitações para incluir conteúdos relacionados à história local no currículo. Essa redução na carga horária tem levado a uma fragmentação dos conteúdos e a uma abordagem superficial da matéria. Além disso, reflete uma abordagem pragmática da educação, que enfatiza a formação técnica em detrimento do pensamento crítico e das artes. Embora a preparação para o mercado

de trabalho seja importante, não se deve limitar o papel da escola apenas a essa função.

É fundamental reconhecer que o ensino de História desempenha um papel crucial no desenvolvimento do pensamento crítico dos alunos. Ele capacita os estudantes a analisar fontes, avaliar evidências, compreender diversas perspectivas, e entender as consequências das ações humanas. Além disso, incentiva a reflexão sobre o impacto de suas próprias ações na sociedade e promove o respeito à diversidade. Portanto, o ensino de História desempenha um papel essencial na formação dos estudantes e não deve ser negligenciado.

Atrelada às polêmicas relacionadas ao NEM, a implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), também tem gerado diversas críticas relacionadas ao ensino de história. A BNCC é um documento normativo que estabelece as diretrizes para o que deve ser ensinado nas escolas em todo o país, sejam elas públicas ou privadas. Assim como o NEM, a BNCC tem enfrentado uma série de críticas desde o momento da sua formulação e promulgação. A principal crítica está relacionada a sua amplitude. A BNCC busca estabelecer diretrizes para todas as áreas do conhecimento, o que, quando associadas ao NEM, contribuem para a falta de profundidade no ensino-aprendizagem. Os professores têm enfrentado pressões e demandas para abordar uma ampla variedade de tópicos, aplicar várias avaliações, além dos testes externos impostos pelo estado, tudo isso em uma carga horária reduzida. Outro ponto que também tem sido alvo de diversas críticas é o da padronização. A BNCC procura criar uma estrutura comum para todas as escolas do país, desprezando as grandes diferenças sociais que existem entre as regiões brasileiras, algo muito caro, sobretudo em uma pesquisa relacionada ao ensino de história local.

É importante destacar que o interesse pela temática da pesquisa e algumas atividades práticas relacionadas à fotografia e à história local não surgiram recentemente. Essa pesquisa tem suas bases em experiências embrionárias realizadas em outros colégios da cidade. Nas atividades iniciais, foram conduzidas oficinas sobre a história da fotografia e a evolução das diversas formas de armazenamento de informações, desde a fotografia analógica até a fotografia digital armazenada em nuvem. Uma das atividades culminou com a realização de uma exposição fotográfica do espaço do colégio, como o pátio, jardim e outros espaços de convivência organizada pelos alunos e que foi apresentada no museu municipal

durante a Semana Nacional dos Museus realizada entre os dias 15 e 21 de Maio de 2023. Os resultados dessa experiência resultaram na produção de um artigo e na apresentação de uma comunicação no II Congresso Nacional do Profhistória em Outubro de 2022, no Rio de Janeiro. Esse momento foi extremamente enriquecedor, pois permitiu o diálogo com professores de todas as regiões do país, proporcionando valiosas sugestões para a pesquisa.

A universidade pública tem um papel fundamental na construção de uma sociedade mais justa e avançada em termos de conhecimento. Neste contexto, destaco o programa de pós-graduação em Mestrado profissional em Ensino de História da UNESPAR como um exemplo significativo. Através deste programa, minha formação como professor foi enriquecida de maneira inestimável.

No primeiro capítulo, intitulado "Fotografia e História", abordamos a evolução da fotografia desde suas origens até sua aceitação como fonte histórica. Consideramos importante discutir as contribuições de teóricos que se debruçaram sobre a fotografia, pois suas análises e reflexões enriquecem nosso entendimento sobre como a fotografia se tornou uma ferramenta valiosa para a compreensão histórica, destacando seu papel na documentação e na construção da memória visual ao longo do tempo. Em um segundo momento, analisamos as relações entre alguns elementos de cultura visual e a narrativa historiográfica sobre Campo Mourão. Este exercício nos permitiu pensar a importância da gestão do acervo fotográfico do Museu Deolindo Mendes Pereira, a divulgação pública de imagens, formas de compartilhamento com os visitantes, o discurso iconográfico no museu recém remodelado, além da política de acessibilidade de pesquisadores ao acervo fotográfico.

É fundamental reconhecer que essa análise da cultura visual também nos levou a refletir sobre como as imagens, por meio de exposições e outros meios de divulgação, podem desempenhar um papel significativo na educação patrimonial e na construção do sentimento de pertencimento à história local. Essas estratégias de compartilhamento e acessibilidade das imagens não apenas enriquecem a experiência dos visitantes, mas também contribuem para o fortalecimento dos laços entre a comunidade e seu patrimônio histórico.

No segundo capítulo, intitulado "Fotografia e Ensino de História", é discutido o papel da fotografia no ensino de história, com foco especial em sua aplicação no ensino da história local. O capítulo explora como a fotografia pode ser uma

ferramenta poderosa para incentivar os alunos a refletirem sobre identidade, temporalidade e pertencimento.

O conceito de pertencimento foi mais uma vez enfatizado, mostrando como o envolvimento com a história local pode fortalecer o vínculo dos alunos com a comunidade.

O capítulo também aborda a importância de contextualizar as imagens, orientando os alunos a não apenas observarem as fotografias, mas a interpretá-las criticamente, levando em consideração o contexto histórico, cultural e social em que foram produzidas.

O terceiro capítulo, intitulado "Ensino de História Local por Meio de uma Sequência Didática: Produção e Resultados", oferece uma visão detalhada das atividades realizadas, apresentando os produtos concretos que emergiram do projeto. Esse capítulo descreve o processo de concepção e implementação da sequência didática, incluindo os desafios enfrentados, as metodologias escolhidas e os erros e acertos ao longo do caminho. Relatos e percepções dos alunos participantes são integrados para ilustrar a evolução do projeto junto com algumas imagens, culminando na criação de novos produtos: uma exposição fotográfica realizada na escola e numa exposição virtual permanente, que reúne o acervo completo das imagens registradas pelos estudantes.

Durante o semestre em que conduzimos as atividades na escola, alcançamos resultados bastante significativos. Disponibilizar aos alunos câmeras fotográficas analógicas e digitais antigas, em contraste com os modernos dispositivos celulares, permitiu que eles se expressassem através das lentes, capturando o que consideravam interessante, curioso ou relevante nos espaços externos da escola, como o pátio, jardins e corredores, bem como no entorno urbano próximo à instituição. Esse processo demonstrou ser um meio eficaz de ampliar o protagonismo dos alunos em sua aprendizagem, incentivando a criatividade e a observação crítica do ambiente ao seu redor, relacionando-a à historicidade das imagens e sua interpretação. Ao fim da implementação do projeto, as imagens capturadas foram reunidas e exibidas em cartazes e varais na biblioteca da escola, no evento "Culminância" das eletivas. Essa exposição proporcionou à comunidade escolar a oportunidade de apreciar as perspectivas dos alunos e de refletir sobre as questões retratadas nas fotografias.

Nas considerações finais, é feita uma reflexão sobre os resultados alcançados e as possibilidades de uso do projeto em outras escolas e turmas em diferentes contextos. O texto destaca as possibilidades do material desenvolvido, de forma que outros professores da rede possam utilizar o produto em suas cidades e realidades locais. Essa abertura para a adaptação fez parte do projeto desde o seu início, sendo um dos objetivos centrais da pesquisa, ampliando o alcance da pesquisa além da escola onde foi originalmente implementada.

# CAPÍTULO I

## FOTOGRAFIA E HISTÓRIA

A fotografia se mostra como uma das mais importantes fontes de registro visual da história. Desde o seu surgimento, durante o século XIX, ela tem sido uma ferramenta que desperta a atenção de historiadores devido às suas várias possibilidades. Através do registro fotográfico, é possível compreender a estética e a cultura visual de um determinado período e grupo histórico, bem como as mudanças sociais e culturais que ocorreram ao longo do tempo. Neste capítulo, exploraremos a relação entre fotografia e história, destacando sua importância como fonte e suas possibilidades para a pesquisa e interpretação histórica.

### 1.1 A fotografia como fonte histórica

“Disse até aqui o que vi e o que consegui saber por mim mesmo em minhas pesquisas. Falarei agora do país, baseado no que me disseram os egípcios, acrescentando à minha narrativa o que tive ocasião de observar com os meus próprios olhos”. (HERÓDOTO, 2006, p.177)

Escolhi Heródoto para iniciar este capítulo, frequentemente reconhecido como o pai da história. Sua obra "Histórias" é uma das principais referências sobre a Antiguidade Clássica. Ali, Heródoto destaca que muitos dos eventos que narra foram por ele testemunhados ou ouvidos diretamente. Frequentemente, ele utiliza a expressão "vi com meus próprios olhos", enfatizando a relevância da observação direta na confirmação de informações. Heródoto acreditava que a escrita da história não deveria ser uma simples compilação de curiosidades, mas sim uma interpretação das experiências humanas. Sua obra é um relato importante de como as pessoas viviam, como se relacionavam e como seus conflitos e guerras moldaram a realidade de seu tempo.

Mais de dois milênios após Heródoto, a história e a cultura visual experimentaram transformações radicais. Durante o Renascimento, a técnica da caixa escura (ou câmera obscura) foi essencial no aprimoramento das pinturas, especialmente retratos. Com o advento da fotografia, a capacidade de documentar visualmente a vida cotidiana tornou-se prática e acessível, permitindo às pessoas documentarem o cotidiano.

O desenvolvimento da fotografia foi resultado do esforço de diversos pesquisadores ao redor do mundo.

Conforme afirma Boris Kossoy em *Fotografia e História* (2014, p. 54), "Ao longo das três primeiras décadas do século XIX, em diferentes lugares, diversos pesquisadores buscavam alcançar um antigo desejo: tornar permanentes as imagens dos objetos externos formados no interior da câmera obscura." Portanto sua descoberta não é atribuída a um único autor, mas sim a vários inventores que contribuíram para o seu surgimento e aprimoramento, ainda que muitos apontem o francês Joseph Nicéphore Niépce como inventor. Niépce é conhecido por ter produzido a primeira imagem fotográfica permanente em 1826, utilizando uma técnica chamada heliografia. Ele usou uma câmera obscura, a mesma técnica usada pelos pintores renascentistas para projetar a imagem de uma janela em um papel sensibilizado com produtos químicos e expôs o papel à luz do sol. Depois de várias horas de exposição, a imagem da janela foi gravada no papel e tornou-se a primeira fotografia permanente da história.

A partir das experiências bem-sucedidas de Niépce, outros inventores, como Louis Daguerre e William Henry Fox Talbot, fizeram importantes contribuições para o desenvolvimento da fotografia. Daguerre inventou o processo de daguerreotipia, que produzia imagens em placas de metal, o que permitiu a criação de imagens muito mais nítidas do que a técnica de Niépce. Já Talbot inventou um processo chamado de calotipia, que permitiu a produção de várias cópias de uma mesma imagem por meio de um papel sensibilizado, o famoso negativo.

Boris Kossoy nos relembra sobre as experiências do imigrante suíço Hercule Florence que fez de forma independente importantes contribuições para o desenvolvimento da fotografia no Brasil, e por estar distante dos grandes centros industriais europeus, não teve o devido reconhecimento de suas invenções até não muito tempo. Em 1833, ele criou um processo que ele chamou de "photographie", sendo o primeiro a usar o termo, a partir do grego "gravar com luz", onde "foto" (luz) e "graphein" (escrever, gravar), que envolvia a gravação de imagens em papel tratado com produtos químicos de sua própria criação, algo semelhante aos feitos de Talbot e Daguerre. Florence nunca patenteou a sua criação (KOSSOY).

Ao longo do século XIX, a fotografia tornou-se cada vez mais popular como uma forma de documentação visual, hobby e arte. Posteriormente, foram criadas tecnologias, como a película fotográfica e a câmera digital, atualmente presente em

todos os aparelhos smartphones e que continuaram a transformar e evoluir a fotografia até os dias de hoje.

No momento em que a fotografia estava sendo inventada e aprimorada, a profissionalização do ofício do historiador também estava em curso, através do surgimento da escola metódica na Europa. Contudo, os historiadores associados a essa escola não consideravam a fotografia como uma fonte histórica válida. Isso se devia, principalmente, a dois motivos: a fotografia era uma tecnologia ainda relativamente nova e pouco compreendida e os historiadores desta escola consideravam apenas os documentos escritos como fonte para suas produções.

Os historiadores da escola metódica valorizavam a objetividade e a factualidade dos documentos históricos, dessa forma, as imagens fotográficas não se encaixavam facilmente nesse conceito de fonte primária, já que não eram documentos escritos.

Dessa forma, o recorte era restrito às fontes escritas, os documentos oficiais, relatórios, tratados, cartas, diários e memórias. Nas palavras de dois dos historiadores franceses mais influentes deste movimento, Henri Langlois e Charles Seignobos “A história se faz com documentos. [...] nada supre os documentos. Onde não há documentos, não há história” (LANGLOIS E SEIGNOBOS, 1946, p. 184). Como afirma Kossoy, os primeiros fotógrafos muitas vezes eram vistos como artistas tal como os pintores preocupados em retratar paisagens turísticas e retratos experimentais, e não como profissionais que poderiam produzir imagens documentais.

Assim, os historiadores da escola metódica acreditavam que a história deveria ser escrita somente a partir destes materiais acima citados, sem interpretações subjetivas ou juízos de valor, em uma concepção que hoje julgamos como bastante ingênua, o que significava que o papel do historiador era de um mero compilador de informações. Logo a fotografia era vista como um registro que poderia distorcer a verdade factual dos acontecimentos.

Logo esta concepção começou a receber diversas críticas, seja pelo esgotamento dos objetos de pesquisa, a falta de criticidade dada às fontes e o entendimento de que outros materiais também poderiam ser considerados como fontes, nas palavras de Marc Bloch: “Tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica tudo o que toca pode e deve informar sobre ele”. (BLOCH, 2001, p.79.)

Marc Bloch, um dos fundadores da Revista dos Annales junto com Lucien Febvre na década de 1920 na França, era um dos maiores críticos da escola metódica, para além da crítica à concepção muito limitada de fontes, sua escola histórica introduziu o estudo de novas temáticas, se afastando da história política e militar tão característica dos metódicos, passando a se ocupar também na análise das temporalidades, das estruturas sociais, econômicas e culturais.

Desse modo, a Escola dos Annales passou a reconhecer o valor da fotografia como documento e que ela poderia transmitir informações pertinentes sobre o cotidiano, os costumes, a moda, além de permitir a visualização de lugares e pessoas que não mais existe, sobretudo a das pessoas comuns que não eram de interesse dos metódicos.

A aceitação da fotografia como fonte, mesmo dentro dos Annales não foi imediata, eles também não a aceitaram de maneira acrítica, considerando que as imagens são produzidas e selecionadas de acordo com determinadas perspectivas culturais e sociais do fotógrafo.

As imagens por si só não são fontes históricas, como apontou o historiador francês Le Goff (2016), herdeiro da escola dos Annales em seu consagrado texto Documento/Monumento, um documento não nasce como documento histórico, mas torna-se, devido a uma série de fatores que o fizeram resistir ao longo do tempo e fosse classificado e selecionado como fonte histórica. Le Goff nos sugere que o valor documental, seja um monumento ou uma fotografia, parafraseando o título de seu texto não está na sua capacidade de representar fielmente a realidade, mas sim na sua capacidade de transmitir uma mensagem sobre quem a produziu.

Da escola dos Annales, empresto o conceito do “ídolo das origens”, uma crítica dada pelos teóricos do movimento historiográfico a prática tradicional de atribuir uma grande influência as origens e início das instituições, como se esses movimentos iniciais tivessem um poder absoluto e determinante sobre os desenvolvimentos seguintes.

O ídolo das origens se manifesta, por exemplo, com grande frequência nas historiografias locais com a exaltação de figuras fundadoras ou de eventos inaugurais, atribuindo a eles uma importância desproporcional e ignorando o papel de mudanças seguintes.

Marc Bloch afirma que só é possível explicar um fenômeno histórico de acordo com seu momento. Parafraseando o provérbio árabe, “os homens se

parecem mais com sua época do que com seus pais” (p.60), destacando que as pessoas são moldadas mais pelo contexto histórico em que vivem do que por suas raízes ancestrais.

A Escola dos Annales se preocupou com o contexto em que as fotografias foram produzidas e como elas foram usadas e interpretadas ao longo do tempo. Eles acreditavam que as imagens deveriam ser consideradas como documentos históricos que refletem e influenciam as ideias e os valores da sociedade em que foram produzidas, e que sua análise deve ser feita associada a outras fontes, como relatos escritos, mapas e estatísticas, por exemplo. Dessa forma, a fotografia foi vista como uma fonte complementar aos documentos escritos e outras fontes, o que poderia fornecer uma perspectiva diferenciada para a compreensão do passado. Como afirma Peter Burke, "A fotografia é, no sentido mais profundo do termo, uma fonte histórica. Ela nos fornece provas tangíveis de um mundo que já não existe, um mundo que podemos estudar, analisar e comparar com o nosso" (Peter Burke).

Desse modo, com as mudanças e transformações da historiografia e da própria fotografia, as imagens fotográficas passaram a ser valorizadas como uma forma de documentação visual.

O início da fotografia digital remonta às décadas de 1950 e 1960, quando os primeiros avanços foram feitos na captura e armazenamento eletrônico de imagens. No entanto, a verdadeira revolução da fotografia digital ocorreu somente no final do século, com o desenvolvimento de tecnologias que permitiam a captura, processamento e armazenamento de imagens digitais de maneira mais acessível a um público mais amplo, momento em que as câmeras digitais se tornaram mais acessíveis e começaram a ganhar popularidade entre os consumidores que tinham condições de adquiri-las.

A partir de então, a fotografia digital se tornou dominante e praticamente substituiu a fotografia analógica, hoje, poucos são os laboratórios que trabalham com revelação fotográfica. A chegada das câmeras digitais compactas, seguido pela popularização dos smartphones com câmeras embutidas, dispositivo cada vez mais presente entre os alunos e o avanço do compartilhamento de imagens online contribuíram para a ampla adoção da fotografia digital. E estas inovações não pararam mais, a fotografia digital abriu novas possibilidades criativas e transformou a maneira como capturamos, armazenamos e compartilhamos.

Ana Maria Mauad, historiadora brasileira com importantes contribuições sobre o estudo das imagens em seu texto *Através da imagem, Fotografia e História Interfaces* (1996) sinaliza que a fotografia não é somente uma ferramenta para registrar a realidade, mas também é um objeto cultural que reflete as ideias, valores e crenças de uma sociedade desempenha um papel importante na construção da memória e na preservação da história. No texto ela também argumenta que a fotografia permite que as pessoas se lembrem do passado e que as imagens fotográficas podem evocar lembranças e emoções poderosas.

Assim, ao encerrar este primeiro texto, retomo novamente a ideia de Heródoto que ao buscar dar maior credibilidade aos seus escritos, enfatizou diversas vezes que seu testemunho era verdadeiro pois ele testemunhou com seus próprios olhos. O uso da fotografia como fonte histórica milênios depois se relaciona de certo modo a ideia do historiador grego na medida em que a observação direta é uma forma importante de obter informações sobre o mundo.

A fotografia pode ser vista como uma forma moderna de "dar testemunho" visual, pois ainda que a fotografia não nos mostre a realidade em si, ela funciona como testemunha que conta uma história ao seu modo, pois, assim como os documentos escritos tão valorizados pelos metódicos, eles muitas vezes registram o que parece ser o mais conveniente quando foram escritos. Mauad (1996, p. 8) no texto citado destaca que: "a fotografia é uma fonte histórica que demanda por parte do historiador um novo tipo de crítica. O testemunho é válido, não importando se o registro fotográfico foi feito para documentar um fato ou representar um estilo de vida". Assim, a fotografia se estabelece como uma ferramenta poderosa no ensino-aprendizagem de história no Ensino Médio, possibilitando uma compreensão mais rica e ampla do passado. A transição da história para a fotografia e sua aplicação no ensino de história, desde que vem bem articulada, mostra-se como é possível enriquecer a compreensão dos alunos sobre o passado.

## **1.2 A história de Campo Mourão através da fotografia**

Explorar a história local muitas vezes representa um desafio, tanto pela escassez de fontes documentais quanto pela necessidade de envolver diferentes atores na narrativa, como os alunos e seus familiares. No segundo capítulo, sob o

tópico "História Local e Memória", discutiremos os cuidados necessários nesta jornada, abordando questões específicas relacionadas a essa produção..

Este estudo, focado no uso de imagens para o ensino da história local, justifica a apresentação da história do município através de imagens do acervo fotográfico do Museu Municipal. Complementarmente, serão utilizadas produções de historiadores locais, obras de memorialistas e registros de órgãos públicos como o IBGE<sup>2</sup> e o IPARDES<sup>3</sup>, bem como da prefeitura municipal.

É importante ressaltar que meu objetivo não é criar uma nova historiografia sobre a cidade, nem substituir as narrativas já estabelecidas por outros historiadores e memorialistas que dedicaram tempo e esforço para documentar a história de Campo Mourão. Reconheço a importância dessas contribuições e o valor do trabalho já realizado, pois ao iniciar este projeto, percebi que pouco conhecia sobre a história de Campo Mourão. Sentia a necessidade de me familiarizar com as produções historiográficas locais antes de abordar o tema com os alunos em sala de aula.

Sobre esta historiografia local, percebo que a maior parte da produção foi realizada até então por memorialistas. WEBER (2020) aponta que embora possa encontrar alguma produção acadêmica sobre a história de Campo Mourão, os estudos ainda são relativamente tímidos. Mas no geral, essas narrativas glorificam a chegada dos primeiros migrantes aos Campos de Mourão. Sendo retratados com adjetivos como empreendedores, pioneiros, desbravadores que lutaram bravamente e deram a vida para “domar” os indígenas selvagens e a natureza hostil.

Os álbuns de fotografias das cidades representam um riquíssimo reservatório de informações sobre a história urbana e a cultura visual. Através da análise detalhada dessas imagens, é possível desvendar inúmeros aspectos da vida cotidiana e das transformações sociais ao longo do tempo. Estas fotografias em conjunto, muitas vezes capturadas sem a intenção de criar um registro histórico, acabam por se tornar janelas preciosas para o passado.

Como aponta POSSAMAI (2005) “em qualquer coleção, é estabelecida uma escolha arbitrada pelo colecionador. Assim o álbum fotográfico configura uma

---

<sup>2</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

<sup>3</sup> Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social

seleção de determinadas imagens, entre tantas outras vistas por quem o elaborou, e, dessa forma implica sempre um determinado olhar”.

Por exemplo, ao observar as fotografias mais antigas do acervo, nos deparamos com as paisagens naturais que dão nome ao município, os chamados “Campos do Mourão”, que receberam esse nome devido aos abundantes campos naturais de cerrados que já existiam no momento em que os primeiros ibéricos realizaram as primeiras expedições de reconhecimento, como mostra a foto abaixo registrada por Alexandre Linzmayer, fotógrafo curitibano que integrou uma expedição de reconhecimento e medição topográfica na década de 20.

**Figura 2** - Aspecto geral dos “Campos do Mourão”



Fonte: Acervo Museu Municipal Deolindo Mendes Pereira/ Alexandre Linzmayer, (1926).

A região dos chamados Campos do Mourão já era ocupada a muito tempo antes da chegada das primeiras expedições por povos indígenas como os guaranis e kaingang, notáveis caçadores coletores. A sociedade guarani era organizada em torno da figura do cacique, que detinha o poder político e religioso da comunidade (MOTA, 2008). Na agricultura tem destaque o cultivo de milho, mandioca e batata-doce. Além disso, eles também produziam objetos diversos em cerâmica,

tecelagem e plumária. Já entre os kaingangs, de perfil mais sedentário e baseados na caça e pesca tinham como estrutura social os clãs e a presença de um chefe que era eleito por suas habilidades e conhecimentos. Na região, se destacou a presença do cacique capitão índio Bandeira, também conhecido como Cacique Bandeira Branca, figura de destaque da historiografia local que também dá nome à principal avenida da cidade, e onde também está localizado o atual prédio do Museu Municipal. Apesar da homenagem toponímica, sua história é pouco conhecida, e as poucas informações disponíveis sobre ele são marcadas por lacunas e divergências.

Ao buscar compreender quem foi Índio Bandeira e qual foi sua contribuição para o processo de colonização da região, deparamo-nos com uma escassez significativa de registros históricos. Nas obras de historiadores locais, sua figura é mencionada de forma superficial. Já nos textos de memorialistas e em publicações na internet como *blogs*, predominam narrativas que oscilam entre a exaltação folclórica e a redução de seu papel a um mero guia de viajantes. Segundo essas versões, Índio Bandeira seria alguém que conhecia bem a região e indicava caminhos aos desbravadores, recebendo pagamentos por seus serviços.

A historiografia, como construção humana, é permeada por escolhas e, muitas vezes, essas escolhas refletem os interesses e os valores daqueles que detêm o poder de escrever a história. Assim, enquanto algumas figuras são elevadas ao status de heróis ou ícones, outras são sistematicamente apagadas, como se suas existências e contribuições nunca tivessem existido.

Voltando ao nome do município, sua origem tem raízes no Brasil colônia, ainda em meados do século XVI, e se deve ao primeiro governador da capitania de São Paulo, o nobre português Luís António de Sousa Botelho Mourão, que governou a região de 1765 a 1775 (VEIGA, 1999). Durante a sua gestão ele teve que lidar com as constantes ameaças de invasões espanholas, promovendo várias expedições de reconhecimento pelo interior da colônia.

Segundo Kobelinski (2011), estava a cargo do Morgado de Mateus, ao assumir o posto de Capitão General e Governador da Capitania de São Paulo fazer o reconhecimento destas áreas desconhecidas do interior da colônia.

Outras expedições também buscaram reconhecer estas regiões desconhecidas para os portugueses, sendo um processo lento e descontínuo,,

onde desbravadores espanhóis também disputavam o território que atualmente constitui o estado do Paraná.

A primeira destas expedições foi liderada pelo capitão Estevão Ribeiro Bayão, ele veio a falecer devido à malária durante o percurso. A expedição teve então que ser concluída pelo capitão Francisco Lopes da Silva, que foi responsável por proclamar a denominação dos Campos do Mourão para a região situada entre os rios Ivaí e Piquiri como uma homenagem ao governador no qual era subordinado.

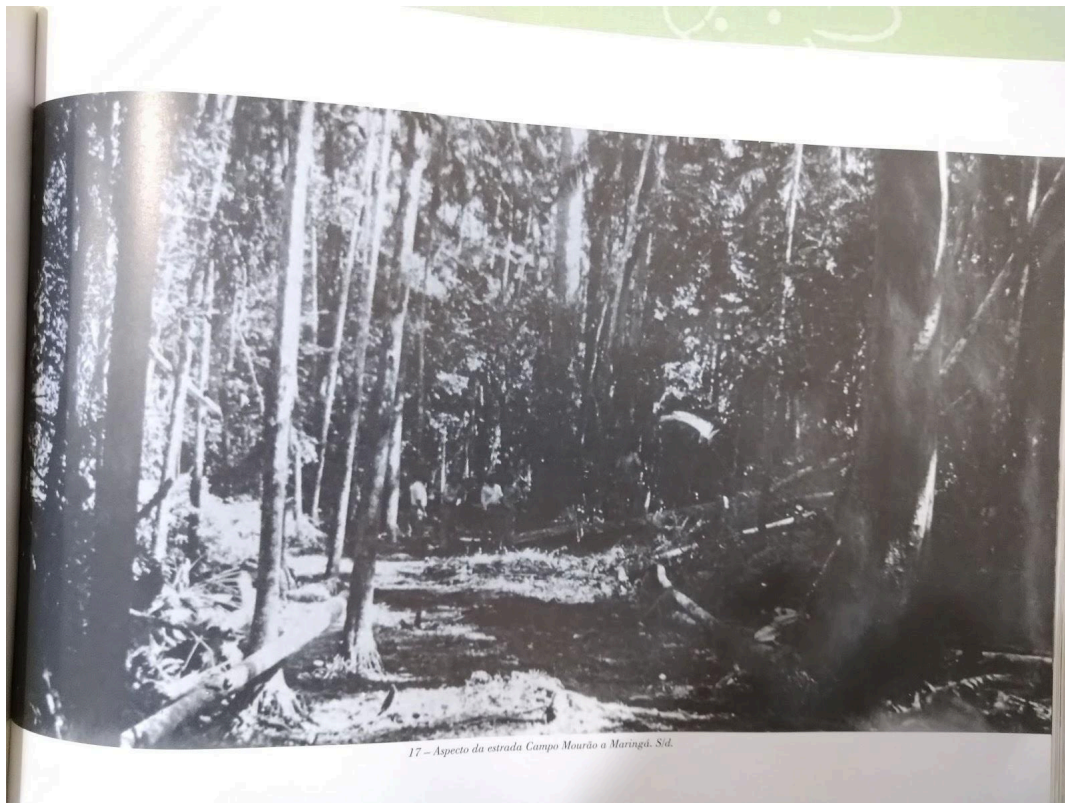
Porém o interesse em ocupar e explorar os campos do Mourão só começou ainda que lentamente no final do século XIX, com a chegada à região de fazendeiros de Guarapuava interessados em usar os campos naturais para a criação de gado (VEIGA, 1999, p.36).

Uma das primeiras missões destes fazendeiros foi a de estabelecer contato com os povos indígenas que habitavam a região, sendo o capitão Índio Bandeira a principal liderança na região.

No entanto, esse movimento expedicionário, embora tenha contribuído posteriormente para a vinda e estabelecimento de outras famílias, não marcou o início da ocupação de Campo Mourão. (LARA, 2003, p. 23) . Somente em 1920, o expedicionário Guilherme de Paula Xavier se estabeleceu na região, após obter do governo o título de posse das terras. Essa data marca o início efetivo da fixação de famílias na localidade de Campo Mourão.

A infraestrutura urbana neste momento era muito limitada, com poucas construções e serviços, a vida cotidiana da população era marcada pela simplicidade e pelo trabalho árduo na lavoura e na pecuária como mostram as imagens do período. As comunicações e os transportes também eram muito dificultados pelas limitações naturais, como indica a imagem logo abaixo que retrata a estrada que liga a cidade a Maringá neste período. A presença indígena original já havia sido impactada pela presença dos colonizadores e a população local estava em contato direto com diferentes grupos étnicos e culturais (MOTA, 2008 p.51).

**Figura 3** - Trecho da estrada entre Campo Mourão e Maringá em 1922



Fonte: Acervo do Museu Municipal Deolindo Mendes Pereira (1922).

Estas estradas, também conhecidas na época como picadões, mesmo que muito precárias, contribuíram para o início da colonização da região, sendo importante destacar o papel da Estrada Boiadeira, que ganhou este nome devido ao uso que era dado pelos tropeiros (ONOFRE, 2005, p.57).

A região foi palco de intensos conflitos e disputas por posse de terras, com a chegada dos colonizadores e a expansão das atividades agrícolas e pecuárias motivou o interesse de diferentes grupos em ocupar a terra, divergências e disputas surgiam frequentemente, levando a litígios e confrontos por terras muitas vezes violentos, envolvendo a atuação de “pistoleiros” como mostra o relato abaixo:

Os conflitos nos campos paranaenses iniciam-se no começo do século XX, tais como a Guerra do Contestado em 1912, em que o estado do Paraná e de Santa Catarina disputavam a fronteira que milhares de posseiros ali já residiam e ficaram no meio da disputa. Além disso, [...] podemos citar Jacarezinho (1920-1930), na região do Tibagi e Faxinal (1933-35 e depois em 1941), em Jaguapitã (1946-1949), Campo Mourão (1948-1952), Porecatú (1950-1951), [...] Essas lutas foram sempre por terra, que se

desencadeava em ter trabalhadores sem títulos, os quais caracterizavam-se por uma economia de subsistência com base no trabalho familiar e fazendeiros ou empresas colonizadoras, estas faziam da exploração comercial seu investimento de capital. (PIRIN; TSUKAMOTO, 2007, p.8).

Durante a primeira metade do século XX, à medida que a região atraía novos moradores, começou a surgir uma luta pela emancipação política de Campo Mourão, apesar de todas as dificuldades e limitações enfrentadas, as lideranças da comunidade local nutriam o sonho de alcançar a independência política do distrito, buscando maior autonomia nas questões políticas e no desenvolvimento da região (JUNIOR, 2011, p.141).

Em 10 de outubro de 1947, a Assembleia Legislativa do Estado do Paraná aprovou a Lei nº 2, que desmembrou Campo Mourão do município de Pitanga (PARANÁ, 1947), concedendo-lhe o status de município. A partir de então, Campo Mourão passou a ter sua própria administração municipal, com prefeito, vereadores e estrutura política e administrativa.

No campo social, a vida no recém emancipado município era marcada pela forte influência da religiosidade. A igreja católica exercia uma grande influência sobre a população como podem ser vistas nas fotografias e cartões postais da época e as festas religiosas e eventos comunitários eram momentos importantes de integração social (JUNIOR, 2011).

A Catedral São José, edificação que se tornou símbolo da cidade e objeto dominante das fotografias da época como cartão postal, começou a ser construída após a emancipação. A construção da igreja atual foi um processo gradual que durou várias décadas. A ideia de construir uma igreja mais imponente e representativa que substituisse a antiga de madeira para a cidade que recém tinha conquistado a sua emancipação.

A imagem abaixo descreve o interessante processo de construção do templo, nota-se que o atual edifício foi construído por “dentro” da antiga igreja, desse modo não suspendendo as celebrações religiosas no local.

**Figura 4 - Construção da atual Catedral**



Fonte: Acervo do Museu Municipal Deolindo Mendes Pereira.

A construção da catedral foi um esforço conjunto da comunidade local, que se mobilizou em campanhas de arrecadação de dinheiro e doações para viabilizar a obra. Muitos voluntários se envolveram nas etapas de construção, doando seu tempo e habilidades para o término da obra <sup>4</sup>. A torre foi finalizada em 1971, e a inauguração oficial da Catedral São José ocorreu no ano seguinte, em 19 de março de 1972, dia do padroeiro da cidade, São José, feriado municipal. Desde então, a Catedral São José se tornou um dos mais importantes marcos arquitetônicos da cidade, sendo não só um local de referência para celebrações religiosas como um símbolo de identidade da cidade.

Atualmente, a região é reconhecida como um importante polo agrícola, sobretudo na produção de grãos através da agricultura mecanizada e técnicas mais sofisticadas, onde as cooperativas agrícolas têm uma presença consolidada e marcante. Recentemente, além de grãos, outras atividades agrícolas têm se

---

<sup>4</sup> Informações fornecidas pela Diocese de Campo Mourão.

destacado na economia local, como a produção de aves, gado e de leite. Não menos importante, a agricultura familiar também tem desempenhado um papel importante em Campo Mourão, com produtores locais que cultivam hortaliças, frutas e outros produtos de consumo regional, muitos deles orgânicos.

A agricultura não é a única atividade comercial significativa no município, o comércio e o setor de serviços também tem sua parcela de importância, com uma significativa variedade de estabelecimentos que atendem tanto a população local quanto as cidades vizinhas, quanto a indústria, embora em escala menor do que a agricultura, o setor industrial também está presente, existindo empresas que atuam em diferentes setores, como alimentício, têxtil, plástico e o madeireiro.

A história de Campo Mourão é construída não apenas pelos eventos e ações de personagens notáveis como fazendeiros e personalidades políticas, mas também pela população comum, cujas vidas diárias moldam a identidade coletiva do município.

### **1.3 O Museu Municipal Deolindo Mendes Pereira e seu acervo fotográfico**

O acervo fotográfico de um museu é uma valiosa fonte de informações e registros visuais que podem contribuir significativamente para o aprendizado da história local. O Museu Municipal Deolindo Mendes Pereira (MMDMP) possui um extenso acervo fotográfico contendo imagens que retratam a paisagem natural e urbana, celebrações, eventos e demais aspectos do cotidiano passado, além do extenso acervo visual o museu também conta com um grande acervo material.

O acervo fotográfico do Museu desempenha um papel fundamental na representação da cultura visual de Campo Mourão. Composto por aproximadamente 4.000 fotografias<sup>5</sup>, esse acervo passará por um importante processo de digitalização e catalogação por meio de uma parceria firmada entre o museu e o campus local da

---

<sup>5</sup> Não se sabe ao certo a quantidade exata de fotografias no acervo do museu. A estimativa mais recente sugere que o acervo contém aproximadamente 4.000 fotos com dados fornecidos pela prefeitura.

UTFPR - Universidade Tecnológica Federal do Paraná<sup>6</sup>. O objetivo dessa iniciativa é tornar mais fácil o acesso a essas imagens aos pesquisadores e a comunidade em geral.

Hoje, muitos museus passam por processos de digitalização de suas coleções como forma de divulgação, pesquisa e catalogação de seus acervos. Essa democratização permite facilitar a produção de atividades e aproximar as instituições de um público mais amplo, como o espaço escolar. Essa iniciativa a meu ver, é de grande importância, pois permite a preservação da memória visual da cidade, pois além de promover novas pesquisas e estudos, enriquece o conhecimento sobre a história e a cultura local.

Por cultura visual entende-se a expressão e comunicação de ideias, valores e identidades por meio de imagens visuais. Em uma definição abrangente, a cultura visual pode ser definida como o conceito da diversidade do mundo das imagens, das representações visuais dos processos de visualização (KNAUSS).

No caso do acervo fotográfico do Museu Deolindo Mendes Pereira, as fotografias constituem uma forma de cultura visual importante, pois capturam diversos momentos que fizeram parte da cidade e de seus moradores.

Para além de seu acervo fotográfico, o museu também é constituído por diversos objetos relacionados à história da cidade, expostos em salas temáticas intituladas de pioneirismo, saúde, educação, religião e comércio, além de uma sala que simula o gabinete do prefeito nos anos 70.

O referido museu foi fundado no dia 19/03/1984 através da doação de diversos objetos pertencentes a Deolindo Mendes Pereira, morador que dá nome a instituição, a pedidos de seu pai Miguel Luiz Pereira, além de outros artefatos pertencentes ao poder público. O prédio que abriga o museu já ocupou vários imóveis da cidade, desde o espaço compartilhado com a Casa da Cultura até o prédio atual, o primeiro prédio construído em alvenaria da cidade, inscrito como patrimônio histórico municipal pelo Decreto Nº 1362, em 8 de maio de 2001 (Campo Mourão, 2001). A fachada foi restaurada de acordo com suas características arquitetônicas originais para preservar sua importância histórica. (Campo Mourão-PR, 2002).

#### **Figura 5 - Fachada do Museu Municipal**

---

<sup>6</sup> Informação extraída do Jornal Tribuna do Interior, edição 13/06/2023.



Fonte: Prefeitura Municipal, (2022)

Na página do museu, ele é apresentado da seguinte maneira: “Entre turistas e estudantes, universitários e munícipes, o Museu Municipal Deolindo Mendes Pereira recebe atualmente muitos visitantes e atua na salvaguarda de parte da história e da memória local, servindo como ponto de encontro para o lazer, a pesquisa e difusão da cultura mourãoense”.(MUSEU MUNICIPAL DEOLINDO MENDES PEREIRA, 2018).

**Figura 6** - Construção do “Posto de saúde e higiene” edifício que atualmente abriga o Museu municipal.



Fonte: Acervo do Museu Municipal Deolindo Mendes Pereira (1949)

Ao estudar a história do Museu Deolindo, podemos perceber como ela se relaciona também com o contexto do desenvolvimento dos museus, sua evolução ao longo do tempo, reflete as mudanças no propósito, nas práticas e nas abordagens dos museus em todo o mundo.

O surgimento dos museus está associado à criação dos chamados gabinetes de curiosidades, coleções privadas que se popularizaram durante os séculos XVI e XVII. Essas coleções eram formadas por uma variedade de objetos, como curiosidades naturais, artefatos “exóticos”, obras de arte, objetos científicos, entre outros, frequentemente sem uma organização temática clara. Com o tempo, os museus evoluíram e se transformaram em instituições mais estruturadas, com objetivos educacionais, de pesquisa e preservação. Com a profissionalização dos museus e a adoção de práticas curatoriais mais rigorosas, os museus passaram a se especializar em temas específicos, como arte, história, ciência ou antropologia, e a organizar suas coleções de acordo com essas áreas temáticas (MARTINS, 2015).

Os acervos museológicos e os objetos que eles contêm como a fotografia desempenham um papel fundamental na preservação e na produção de conhecimentos históricos, artísticos e científicos, as exposições refletem os valores e interesses de quem as mantém, a criação de de uma coleção pode estar sujeita a diferentes influências como disputas pelo poder, a ideologia dominante, por exemplo

de parte de quem doou grande parte das fotografias e demais objetos que compõem um museu.

Os monumentos públicos, logradouros, museus e materiais didáticos mesmo quando revelam essa faceta limitada e excludente podem e devem ser empregados por professores e estudantes com uma nova interpretação, ressignificando essas narrativas hegemônicas e indagando quais são os interesses em excluir e silenciar certos setores da sociedade, quais foram os interesses dos sujeitos que produziram essa narrativa e para que ela serve, pois:

“A pluralidade de memórias, implica pensar ao mesmo tempo nas relações de poder, as estratégias de esquecimento, de apagamentos; reportando-nos a imbricações do passado no presente, com acenos de um redesenho de futuros possíveis” (HADLER, 2015, p. 231).

Assim, mesmo os museus com abordagens mais tradicionais como o Deolindo Mendes Pereira, podem contribuir para uma análise mais crítica da história, assim a proposta da pesquisa que envolve a seleção de imagens do acervo para serem trabalhadas em conjunto com os alunos se mostra pertinente, pois permite uma reflexão mais aprofundada sobre a história da cidade.

Ao selecionar cópias de imagens do acervo do museu e levá-las para sala de aula, os alunos têm a oportunidade de explorar visualmente aspectos históricos da cidade.

Durante a implementação das atividades com os alunos no primeiro semestre de 2023, o museu municipal encontrava-se fechado para reformas, o que inviabilizou a realização de uma visita presencial com os alunos, prática que já havia sido realizada no ano anterior com outras turmas e estava prevista no projeto de pesquisa.

No entanto, mesmo diante desse imprevisto, foi possível, dentro do possível, aproximar o acervo do museu para as atividades, no caso, a seleção de imagens do acervo que foram trazidas para a sala de aula. Essa mudança de planos e adaptação será discutida mais detalhadamente no capítulo seguinte da pesquisa.

**Figura 7:** coleção de câmeras fotográficas antigas expostas no museu



Fonte: Imagem do arquivo pessoal (2023).

Ao utilizar as imagens do acervo do museu como um recurso pedagógico, os alunos tiveram a oportunidade de explorar visualmente aspectos históricos da cidade, mesmo sem a possibilidade de uma visita física ao local. Essa abordagem permitiu que eles interpretassem as fotografias, suas características e identificassem mudanças ao longo do tempo, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades de análise e reflexão histórica.

Esta não é a primeira dissertação a utilizar o acervo fotográfico do museu, recentemente, Liége Barros apresentou sua dissertação no PPGHP<sup>7</sup>, concentrando-se nas representações femininas nas fotografias do acervo. Ela também enfrentou muitas dificuldades em ter acesso ao material.

Infelizmente, ter acesso ao acervo fotográfico do museu, mesmo que parte delas já digitalizadas, mostrou-se uma missão impossível. Foram várias as tentativas de acesso às imagens, mesmo tendo desenvolvido outras atividades no museu com alunos de outro colégio em anos anteriores, doado alguns objetos pessoais e visitado o museu diversas vezes durante a escrita da dissertação. No entanto, mesmo após enviar vários e-mails solicitando acesso, e solicitando presencialmente, nunca obtive respostas concretas.

---

<sup>7</sup> Programa de Pós-Graduação em História Pública

A única forma de ter acesso às imagens de forma pública e em boa resolução tem sido acompanhar as redes sociais do museu, como Facebook e Instagram. Frequentemente, são postadas nas redes sociais imagens do acervo acompanhadas de breves descrições, são geralmente imagens relacionadas a acontecimentos marcantes na vida da cidade e datas comemorativas, como o Natal, onde foram postadas imagens da decoração pública da cidade na década de 90 e a chegada do papai noel.

Assim, lamento que, apesar das reformas tanto estruturais quanto na forma de exposição do acervo, que se mostravam muito necessárias, o museu continue sendo um espaço estritamente contemplativo, limitando a interação com o público e professores pesquisadores.

#### **1.4 História local e memória**

Enquanto a história global e nacional nos mostra uma visão ampla dos eventos e processos históricos, é a história local que nos conecta de forma mais presente com o lugar onde vivemos. Ela nos permite mergulhar nas histórias individuais e coletivas de pessoas comuns, instituições locais como as escolas, práticas e atividades culturais que moldaram o nosso cotidiano.

Cainelli (2009) afirma que o estudo da história local contribui para uma compreensão múltipla da história, pelo menos em dois sentidos, na possibilidade de se ver mais de um eixo da história e na análise de macro-histórias, pertencentes a alguma outra história que englobe, e ao mesmo tempo reconheça suas possibilidades.

É sabido que por muito tempo a escrita e o ensino de história se valeu dos políticos marcantes nacionais, pela construção do imaginário de “heróis nacionais” e de lideranças que conduziram os grandes acontecimentos políticos e militares, ou seja, elites ligadas ao poder político e econômico. Todos os fatores contribuíram para que, para muitos, a História fosse entendida como algo distante, desinteressante e sem grande relevância em seu cotidiano, restringindo a rememoração de datas e acontecimentos considerados importantes.

Nesse sentido, a história local desempenha um papel importante na educação dos estudantes, proporcionando a eles uma compreensão do lugar onde

vivem, promovendo o senso de pertencimento e valorização do local onde vivem. Através de projetos de pesquisa, como visitas a museus e passeios fotográficos, os estudantes podem vivenciar uma aprendizagem significativa.

Sabendo que sala de aula não é um espaço apenas de transmissão de conteúdos prontos e acabados, mas um local onde o conhecimento também é construído, levar em conta a bagagem dos alunos aproximamos a história deles tornando as aulas mais estimulantes, quando eles estabelecem ligações com o lugar onde vivem. É o que nos afirma Schmidt, “A sala de aula não é apenas o espaço onde se transmite informações, mas o espaço onde se estabelece uma relação em que interlocutores constroem significações e sentidos” (2004, p. 31).

Para o historiador Michel de Certeau:

“Toda pesquisa historiográfica é articulada a partir de um lugar de produção socioeconômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de estudo ou de ensino, uma categoria de letrados, etc. Encontra-se, portanto, submetida a opressões, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade. É em função desse lugar que se instauram os métodos, que se precisa uma topografia de interesses, que se organizam os dossiês e as indagações relativas aos documentos.” (CERTEAU, 1982, pg. 18)

Ao caminhar pelas ruas de Campo Mourão, me deparo com diversos logradouros fazendo alusão aos intitulados pioneiros, são nomes de avenidas, praças, monumentos e diversos órgãos públicos como escolas, hospitais, instituições culturais e museus, rememorando essas personalidades, até mesmo ao visitar o cemitério municipal podemos perceber suntuosos jazigos de famílias que dão nome a estes logradouros em posição destacada.

Este desejo de sempre rememorar essas narrativas de pioneirismo através da homenagem por meio do batismo de ruas e avenidas, construção de monumentos públicos, materiais didáticos e museus por exemplo está associada a necessidade de determinados grupos do poder público, a imprensa, elites em patrimonializar e monumentalizar esse passado considerado glorioso, Andreas Huyssen, em sua obra, “Seduzidos pela memória” explica essa necessidade:

Algo mais deve estar em causa, algo que produz o desejo de privilegiar o passado e que nos faz responder tão favoravelmente aos mercados de memória: este algo, eu sugeriria, é uma lenta mas palpável transformação da temporalidade nas nossas vidas, provocada pela complexa interseção de mudança tecnológica, mídia de massa e novos padrões de consumo,

trabalho e mobilidade global. Pode haver, de fato, boas razões para pensar que a força da rememoração tem igualmente uma dimensão mais benéfica e produtiva. No entanto, muito disso é o deslocamento de um medo do futuro nas nossas preocupações com a memória e, por mais dúbia que hoje nos pareça a afirmação de que somos capazes de aprender com a história, a cultura da memória preenche uma função importante nas transformações atuais da experiência temporal, no rastro do impacto da nova mídia na percepção e na sensibilidade humanas.” (HUYSSSEN, 2000, pg. 25 e 26)

Considerando que quem tem o poder político para determinar estas políticas é justamente oriundo dessa elite de pioneiros, herdeiros e descendentes, se explica o porquê desta narrativa ser tão dominante.

Pollack (1992) aponta que a memória, bem como o sentimento de identidade nessa continuidade herdada, constitui um ponto importante na disputa pelos valores familiares, um ponto focal na vida das pessoas. [...] o caráter conflitivo se torna evidente na memória de organizações constituídas, tais como as famílias políticas ou ideológicas.

A relação entre os conceitos de memória e identidade é estreita. A memória, ainda que não seja um conceito consensual, pode ser definida de forma generalista como o conjunto de lembranças e representações de acontecimentos, experiências e períodos do passado que são considerados importantes para um indivíduo ou grupo. Ela, portanto, abrange tanto as memórias individuais quanto as memórias coletivas, que são compartilhadas por uma comunidade.

Para discorrer sobre este importante conceito, evocamos novamente Pollak (1992) que aponta que a memória não se resume à vida de uma pessoa, mas também é uma construção coletiva, um fenômeno construído, organizado a partir do presente, e é também em parte herdada.

Pois as experiências não são apenas aquelas vividas pessoalmente, mas também aquelas que herdamos de um grupo maior.

Assim, como elo, pode-se afirmar que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992, p. 200-212)

Quanto às discussões sobre identidade, citando a obra de Stuart Hall, que foi um importante teórico cultural, define a identidade, não como algo inato e imutável, mas sim uma construção discursiva surge através de processos históricos e sociais.

Para ele:

[...] O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas [...] A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia (HALL, 2006, p.13).

E para os alunos? O que toda essa narrativa e discussões teóricas significam? O que esses monumentos públicos dizem a respeito de suas identidades e de seu cotidiano? É importante trazer a história local para a realidade das pessoas comuns, como aponta (SCHMIDT, 2009, p. 139), o trabalho com a História local pode produzir a inserção do aluno na comunidade da qual faz parte, criar a historicidade e a identidade dele. [...] o seu estudo ajuda a gerar atitudes investigativas, criadas com base no cotidiano do aluno, além de ajudá-lo a refletir acerca do sentido da realidade social.

Ensinar e aprender a história local e do cotidiano é parte do processo de (re) construção das identidades individuais e coletivas, fundamental para que os sujeitos possam se situar, compreender e intervir no espaço local em que vivem como cidadãos críticos (FONSECA, 2009, p. 123).

Apesar de todos os benefícios apontados ao utilizar essa metodologia, o professor esbarra em muitas dificuldades em trabalhá-la em sala de aula, além da narrativa dos pioneiros e elites tão cristalizada e predominante já ressaltados, outras dificuldades se mostram presentes: faltam materiais didáticos apropriados, a redução da carga horária referente a disciplina de História, sobretudo com a imposição do Novo Ensino Médio (NEM) recentemente, outros conteúdos foram postos como prioritários fazendo do ensino da história local significativa um desafio.

É importante citar que a história local não visa substituir a história geral ou tentar forçar uma divisão arbitrária entre as duas, mas sim entender de que cada localidade tem também a sua história, suas identidades e particularidades e que elas são importantes de serem produzidas, reconhecidas e ensinadas e não são só restritas às personalidades ligadas ao poder político e econômico.

Também não é o propósito excluir e silenciar a historiografia tradicional e substituí-la por outra, mas sim torná-la mais inclusiva e significativa contemplando

pessoas que até então não estavam inseridas, aquilo que (HUYSSSEN 2000) identificou no pós segunda guerra mundial como uma guinada da perspectiva da unidade cultural para a promoção e a luta por reconhecimento da diversidade.

O meio no qual vivemos traz as marcas do presente e de tempos passados. Nele encontramos vestígios, monumentos, objetos, imagens de grande valor para a compreensão do imediato, do próximo e do distante. O local e o cotidiano como locais de memória são constitutivos, ricos de possibilidades educativas, formativas (FONSECA, 2009, p. 117).

Nesse sentido, como professor acredito que a história local é fundamental para a formação cidadã e crítica, aproximando o saber histórico do dia a dia. Cabe a nós, mesmo diante das dificuldades explicitadas pensar e aplicar alternativas que contemplem os alunos em suas necessidades e demandas, por uma educação realmente expressiva.

## **CAPÍTULO 2: FOTOGRAFIA E ENSINO DE HISTÓRIA**

As imagens são pistas para se chegar a outro tempo, revelam aspectos da cultura material e imaterial das sociedades, compondo a relação entre o real e o imaginário social. Dessa forma, nos ensinam conteúdos sobre esse passado que só pode ser apreendido visualmente, numa nova forma de aprender, que implica num novo tipo de didática a qual valoriza a imagem visual como forma de conhecimento. Sem jamais esquecermos que o conhecimento não é neutro, sua produção implica na adoção de uma visão de mundo e de um sistema de valores. Assim, educar e instruir se tornam faces de um mesmo aprendizado (MAUAD, p.85)

Ao considerar os usos da fotografia nas aulas de história local, abrimos as portas para um ensino mais enriquecedor. A fotografia permite que os alunos explorem os registros visuais, tornando o processo de aprendizagem mais atrativo e no desenvolvimento de novas habilidades através da compreensão das mudanças e permanências sociais e culturais conectando-se de maneira mais profunda com os conteúdos estudados em sala. A fotografia, quando usada com método não só aproxima o objeto de estudo dos alunos como também pode contribuir no desenvolvimento de habilidades de análise e interpretação críticas.

### **2.1 Uma breve história da fotografia no ensino de história**

A chegada da fotografia na sala de aula marcou um ponto de virada importante no ensino de história, trazendo novas possibilidades e abordagens para os professores, pois “as crianças têm necessidade de ver as cenas históricas para compreender a história. É por essa razão que os livros de história que vos apresento estão repletos de imagens”. (LAVISSE, apud BITTENCOURT, 1997, p.75)

O trecho acima do historiador francês Ernest Lavissee, autor de diversos livros didáticos do século XIX, já indica as possibilidades e a necessidade de “ver as cenas” para se ter uma melhor compreensão histórica.

Gradualmente a fotografia deixou de ser uma mera ilustração nos livros didáticos e manuais para se tornar uma ferramenta poderosa no processo de ensino e aprendizagem.

Circe Bittencourt, autora destacada no campo do ensino de história em sua obra "Livros Didáticos entre Textos e Imagens," afirma que “atualmente, as

produções didáticas estão repletas de ilustrações que parecem concorrer, em busca de espaço, com os textos escritos, tendo sido amplamente utilizados recursos tecnológicos” (Bittencourt, 1996 p.69).

Ainda que os materiais didáticos estejam repletos de imagens, percebo que não se tem refletido muito o quanto e como estas imagens são lidas em sala de aula. Sendo assim, refletir sobre os usos da fotografia em sala de aula, desde as primeiras figuras impressas até os mais recentes recursos digitais, neste texto se mostra pertinente ao pensar qual papel as imagens têm desempenhado no ensino de história? Como são feitas a leitura destas imagens? as imagens, mesmo nos materiais digitais não tem sido somente um complemento aos textos?

Antes da popularização da fotografia, temática abordada no capítulo anterior, os livros didáticos e demais materiais educativos ao final do século XIX eram adornados por retratos, pinturas, gravuras e ilustrações que buscavam representar personalidades históricas e acontecimentos históricos. Essas representações visuais, muitas vezes idealizadas, eram as principais fontes visuais utilizadas no ensino de história.

As pinturas e gravuras com temáticas históricas, sobretudo as do século XIX, no contexto do Academicismo, que foi um movimento artístico de origem europeia baseado em rígidas regras formalizadas e ensinadas pelas academias de arte, frequentemente romantizaram e glorificaram os eventos nacionais considerados decisivos e marcantes.

Essas representações visuais tornaram-se parte integrante do imaginário coletivo por gerações, influenciando a maneira como os estudantes percebem a história brasileira. As pinturas contribuíram para a construção de uma narrativa nacional, moldando ideias sobre heroísmo e a identidade nacional. Essas pinturas históricas foram amplamente incorporadas aos livros didáticos, sendo apresentadas como ilustrações definitivas dos acontecimentos, cristalizando estas narrativas.

No caso do Brasil, o movimento academicista teve grande destaque com a obra de artistas como Pedro Américo e Victor Meirelles retratando acontecimentos históricos nacionais muitas vezes de maneira romantizada e gloriosa como a independência, a proclamação da república, a coroação de Dom Pedro e a execução de Tiradentes como exemplo, até os dias de hoje tem influenciado a maneira em que os estudantes compreendem a história nacional.

Com o advento da fotografia nos materiais didáticos, a inclusão de retratos fotográficos de figuras históricas nos materiais didáticos tornou-se uma prática comum.

De acordo com Pinto e Turazzi, com a popularização das publicações ilustradas, os livros didáticos de história do Brasil lançados no início do século XX começaram a utilizar e valorizar as imagens como instrumento pedagógico para o ensino de história. (PINTO; TURAZZI, 2012, p. 110).

No contexto do Estado Novo de Getúlio Vargas (1937-1945), observamos uma imposição de uma narrativa nacionalista e autoritária nos livros didáticos.

As imagens, nesse período, tinham o propósito de transmitir uma carga emotiva e provocar sensações, visando impactar a população e os trabalhadores. Esperava-se que essas imagens provocassem reações emocionais como aceitação, contentamento e satisfação, sem envolver uma reflexão crítica. (LENHARO, 1986, p.16).

As fotografias presentes nos livros didáticos desse período muitas vezes retratavam Vargas como uma figura central, sempre sorridente e rodeado de crianças e trabalhadores. Essa estratégia visual visava criar uma imagem unificada e homogênea da nação, alinhada aos interesses do regime. A crítica às representações visuais torna-se crucial para entender as escolhas ideológicas por trás dessas imagens e expor as estratégias de construção de uma identidade nacional.

Contudo, a verdadeira virada não residia apenas na utilização da fotografia como um mero documento de comprovação ou de exaltação de determinados personagens históricos e acontecimentos presentes nos textos. Os professores passaram agora a poder explorar em conjunto com as novas discussões e abordagens da escola dos Annales, as potencialidades da fotografia como uma fonte histórica e recurso pedagógico.

Não basta apenas apresentar a imagem, agora é possível orientar os alunos a questionar, interpretar e extrair significados delas. Compreender o contexto por trás de cada imagem torna-se então tão essencial quanto reconhecer os eventos e processos que a imagem retrata.

Com o passar do século, a democratização do acesso à educação por força de lei garantida na Constituição de 1988 assegura em seu artigo 205 afirma que:

“A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. (BRASIL, 1988).

Para além das mudanças na legislação, os avanços tecnológicos também moldaram os materiais didáticos de história. A inclusão de fotografias passou a refletir mais recentemente uma preocupação crescente com a diversidade de vozes e perspectivas na construção historiográfica.

A chegada das câmeras digitais, computadores e celulares no século atual trouxe consigo uma revolução na forma como os materiais didáticos são usados, expandindo as possibilidades de recursos didáticos (CAIMI, 2016). A digitalização, por exemplo, recurso que irei me aprofundar ao longo deste capítulo e fez parte importante da pesquisa, permite uma democratização de acervos audiovisuais e recursos interativos, proporcionando novas experiências de aprendizado e também de pesquisa.

A democratização se deve a possibilidade de acessar uma ampla gama de fontes visuais online, muitas delas gratuitas e de fácil acesso, expandindo as opções disponíveis para os educadores, enriquecendo as aulas de história.

Nesse processo, a interpretação das fotografias emergiu como uma habilidade importante no ensino de história, presentes em vários documentos que norteiam o ensino no país, como a BNCC<sup>8</sup>. Os alunos não apenas vêem as imagens como algo estático, congelado do passado, mas aprendem a ler visualmente, decifrando os elementos e entendendo o papel do fotógrafo na construção da narrativa visual.

Concordamos com o afirma Silva:

A Fotografia serve para educação, desde que contextualizada para esse propósito, acionada como dispositivo pedagógico. Logo, ela precisa ser contextualizada para servir como instrumento que se preste a tal função. (SILVA, 2012, p.84)

Sendo assim, a introdução da fotografia como ferramenta nas aulas de história não esteve e ainda não está isenta de dificuldades. Ensinar os alunos a analisar criticamente as fotografias e a considerar o contexto por trás das imagens é

---

<sup>8</sup> Base Nacional Curricular Comum

um desafio constante que esteve presente na escrita da dissertação desde a escrita do projeto.

## **2.2 Ensino de história no Brasil e os currículos**

O texto a seguir não tem como objetivo trazer uma definição definitiva sobre currículo, tampouco apresentar uma narrativa linear e livre de conflitos e contradições sobre o desenvolvimento deles. A proposta é apresentar o currículo como um produto e construção da sociedade, resultante do seu tempo e contexto onde foram produzidos, sendo portanto necessário conhecer essa trajetória e problematizá-la para compreendermos melhor a trajetória das políticas educacionais no Brasil.

O currículo é em sua essência uma seleção de conteúdos, e como tal, está sujeito a muitas disputas e polêmicas.. Alguns conteúdos são considerados mais importantes e, portanto, são selecionados e privilegiados, enquanto outros são reduzidos ou até mesmo excluídos. O educador Michael Apple, (1996, p.47) define o currículo como parte de uma seleção de alguém ou de um grupo, que reflete uma visão específica sobre o conhecimento considerado legítimo. Ele argumenta que o currículo é produzido a partir de conflitos, tensões e compromissos culturais, políticos e econômicos que moldam e reorganizam uma sociedade.

A escola reproduz toda essa complexidade, indo muito além de cumprir uma extensa lista de conteúdos que devem ser trabalhados de forma passiva ao longo do ano letivo e que não são isentos de interesses ideológicos, sociais e econômicos

No Brasil, o ensino de história passou por um longo caminho desde sua institucionalização em 1838, momento em que a disciplina passou a fazer parte do currículo do tradicional Colégio Dom Pedro II no Rio de Janeiro, dando início a uma longa e complexa trajetória que acompanhou as transformações sociais e políticas do país.

Desde o seu início, podemos identificar uma grande preocupação com a questão da construção de uma identidade nacional para o país recém independente, pelo seu caráter predominantemente cívico e patriótico, com foco na exaltação dos feitos heróicos.

A introdução da disciplina de História no Colégio Dom Pedro II tinha como propósito contribuir com a construção do Estado Nacional ao ajudar a formar a

identidade brasileira. Para isso, era necessário criar uma História Nacional que fortalecesse essa identidade entre a população. Assim, tornou-se necessário estudar o Brasil, entender suas origens e torná-las conhecidas tanto internamente quanto externamente (GUIMARÃES, 2006, p. 71).

Os currículos eram baseados em narrativas lineares e eurocêntricas, priorizando uma história política e militar que se conectasse com a chamada “História Geral”, focada no continente europeu.

No início do século XX, o ensino de História passou por mudanças importantes. Inspirada nas ideias da Escola Nova que ganhou força no país na década de 1920, que propunha uma pedagogia mais centrada na figura dos alunos, isto é, a aprendizagem depende da participação ativa do aluno.

Na década seguinte, com a chegada de Getúlio Vargas ao poder, a ênfase nacionalista se intensificou, com o objetivo de fortalecer (reforçar o que estava sendo construído) uma identidade nacional e preparar os jovens para o contexto da Segunda Guerra Mundial que estava em curso.

Neste momento, os currículos passaram pela sua primeira grande reforma com a justificativa de que se fazia necessária uma modernização do sistema escolar inserindo os pressupostos da Escola Nova.

Tem destaque neste processo o então ministro Francisco Campos do recém criado MEC, Ministério da Educação e Saúde, que propôs em sintonia com o regime de Vargas uma maior centralização e controle do sistema educacional pelo governo federal, visando uniformizar os currículos e padrões educacionais em todo o país, sendo assim, não abrindo portanto espaços para a história local. A história de outros países era pouco abordada, sendo a Europa vista como o centro do mundo, dentro da mentalidade eurocêntrica da época.

É importante pontuar que a reforma educacional de 1930 não democratizou o acesso à educação, pois as escolas e as poucas universidades existentes atendiam a uma pequena parcela da população, situação que demorou ainda muito tempo para mudar, apesar do acentuado processo de urbanização e industrialização que o país passou nos anos seguintes, o censo de 1960 indicava que 15,9 milhões de jovens e adultos (39,6% da população nessa faixa etária) ainda era analfabeta (IBGE). Outros problemas que esbarravam esse processo e até hoje se mostram muito atuais são a falta de recursos, escolas sem infraestrutura adequada, falta de

professores e de formação, especialmente nas áreas mais pobres, regiões que mais sofrem as desigualdades sociais.

A situação que não era muito favorável, com o golpe em 1964 piorou, impondo um retrocesso na educação brasileira. De um lado, a expansão do ensino básico e a criação de novas universidades federais representaram uma expansão da educação. Por outro lado, a repressão política e a falta de recursos adequados limitavam o acesso à educação de qualidade e impediam a construção de um sistema educacional democrático.

Uma contradição nesse contexto é que o aumento do número de brasileiros frequentando a escola coincide com a redução da carga horária de disciplinas da área de ciências humanas, como História e Geografia que foram preteridas pela implantação da disciplina Educação Moral e Cívica, tendo em vista que a história era vista com grande desconfiança pelos militares, frequentemente acusada de “subversiva” e “comunista”.

A educação moral e cívica priorizava a memorização e o ensino tradicional com o intuito de formar cidadãos obedientes que não questionassem a ordem vigente através da memorização de datas e hinos, nomes e eventos históricos relacionados à história militar nacional relacionados à disciplina, ordem e hierarquia.

Quanto aos professores e a universidade, eram constantemente vigiados e obrigados a seguir este currículo.

A ênfase na memorização do nome de generais, presidentes, princesas, nomes de rios e outros acidentes geográficos tem marcas na educação muito presentes até hoje, prejudicando o desenvolvimento do pensamento crítico e da autonomia dos alunos apesar do fim do regime em 1985.

A ditadura militar representou um retrocesso, mas também gerou resistência e mobilização por uma educação mais democrática. Diante do cenário da redemocratização do país, a educação do país sofria os efeitos das décadas anteriores e os graves problemas econômicos que o Brasil enfrentava impactavam no ensino. Este cenário possibilitou enfim a participação da sociedade na discussão e construção de políticas públicas para a educação, como os currículos e a formação de professores.

A historiadora Selva Guimarães (2010) afirma que a produção didática não surge em um vácuo, mas sim a partir de um diálogo constante entre diversos espaços e agentes e contextos.

A LDB, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, promulgada em 1988, ano que entrou em vigor a nossa Constituição, representou um passo na história da educação brasileira. A lei definiu os princípios e diretrizes da educação brasileira, estabelecendo a educação pela primeira vez como um direito fundamental de todos os cidadãos.

Segundo Guimarães (2010), no contexto brasileiro atual, observa-se uma diversidade de práticas no ensino de história, refletindo a complexidade da realidade escolar do país. Nesse sentido, diferentes agentes educacionais têm contribuído para a produção de conhecimento histórico, apresentando uma variedade de temas e novas metodologias para as práticas escolares. Essa diversidade citada pela autora, reflete nos avanços e debates presentes no campo do ensino de História no Brasil, na busca por respostas às demandas presentes na atualidade, como a história local e a fotografia.

Essa diversidade, como destaca a autora, hoje se traduz em avanços e debates no campo do ensino de História no Brasil. Professores, pesquisadores, autores e também movimentos sociais, por meio de diferentes iniciativas, têm contribuído na construção dos currículos escolares mais conectado com as demandas da sociedade. Por exemplo, A LDB recebeu um importante acréscimo em 2003, sendo sancionada pelo Presidente da República a Lei Federal nº 10.639, tornando obrigatória a inclusão da “História e Cultura Afro-Brasileira e Africana” nos conteúdos das disciplinas Artes, História e Língua Portuguesa do ensino básico, atendendo assim uma antiga demanda dos movimentos sociais.

Todavia, a inclusão da Lei na LDB não garante sua efetiva implementação. Para que os objetivos da lei sejam atingidos, é fundamental que os professores recebam formação continuada e de qualidade, bem como tempo adequado para o planejamento e execução das atividades, para que assim os professores possam se apropriar dos conhecimentos e ferramentas necessárias para promover uma educação inclusiva e antirracista.

Diante destas fragilidades, é que proponho o projeto de estudo da história local do município de Campo Mourão através da fotografia abaixo. Muitas vezes, os professores interessados em trazer temáticas como essa para sala de aula acabam encontrando muitas dificuldades por não encontrarem materiais sobre o conteúdo além da carga horária em sala muito reduzida, assumindo a responsabilidade de incluir essas temáticas em suas aulas.

## 2.3 Pensando nos usos da fotografia no ensino da história local

Desde muito cedo, os alunos entram em contato com uma grande variedade de recursos visuais. O livro didático, por exemplo, está repleto de imagens, são fotografias, gráficos, mapas e outros artifícios que visam enriquecer a experiência de aprendizado.

Ao observar uma fotografia histórica, os alunos são convidados a mergulhar em uma narrativa visual. Cada elemento na imagem, desde as expressões faciais, roupas, prédios e automóveis contam uma história única.

Mas essas imagens, se não acompanhadas de problematização e de uma metodologia acabam se restringindo a meras ilustrações, perdendo a oportunidade de contribuir para a construção do conhecimento, é o que nos afirma <.....>

A problematização das imagens é importante para proporcionar esta aprendizagem significativa e crítica dos alunos, levando-os a questionar não somente o que está mais explícito nas imagens mas também o contexto onde elas foram produzidas, seu autor, propósitos e significados

A fotografia não documenta somente as mudanças sociais, ela também pode propiciar uma formação mais crítica dos alunos quando estes são desafiados a observar os detalhes, explorar e questionar, incentivando-os a refletir.

Atualmente vivemos em uma era de saturação visual. A proliferação de dispositivos digitais, como os smartphones, hoje todos contando com câmeras fotográficas e redes sociais que facilitam o compartilhamento e leitura destas imagens resultou em um acesso sem precedentes a fotografias, tendo implicações bastante significativas de como estas imagens estão sendo consumidas, interpretadas e utilizadas, não somente em sala de aula.

A historiadora Flávia Caimi (2012, p. 94), afirma que “o uso intensivo das tecnologias digitais têm influenciado o modo de pensar e o comportamento do homo zappiens” isso é, os usuários dos dispositivos móveis que se comunicam através dele. Ela também aponta que “a relação desses jovens com a escola mudou, em comparação ao comportamento de outras gerações” (p. 94). Portanto, ao inserir esses recursos, é possível dialogar e incorporar essas mudanças e transformações que têm ocorrido.

A expressão homo zappiens, é uma adaptação do termo "Homo sapiens", utilizado para se referir à espécie humana, indicando uma mudança de

comportamento e pensamento decorrente do uso extensivo das tecnologias digitais, em especial a comunicação via dispositivos móveis.

Os autores desta expressão, Veen e Wraeking (2009) na sua obra *Homo Zappiens: Educando na Era Digital*, conforme citados por Caimi (2014, p. 167), demonstram que os jovens da geração *Homo zappiens* têm uma relação diferente com a escola, diferente das gerações anteriores. Algumas características se destacam: eles veem a escola como um dos interesses, mas não o único, pois têm outros, como amizades, trabalho de meio período e eventos sociais, percebem a escola como algo desconectado de suas vidas diárias e de seu mundo, têm demonstrado comportamento ativo, e, em alguns casos, hiperativo, prestam atenção ao professor por curtos períodos de tempo e aprendem melhor por meio de jogos, atividades de descoberta e investigação, de maneira colaborativa e criativa.

Diante deste vasto acúmulo de informações visuais, os alunos são constantemente expostos a uma abundância de imagens que abrangem diversos aspectos do seu cotidiano, os fatores sociais, políticos, econômicos e ideológicos, assim como conhecimentos prévios. Essa saturação contribui para um ambiente educacional complexo, no qual os alunos são desafiados a processar e contextualizar uma variedade extensa de conteúdos e experiências.

Sendo assim, é necessário contextualizar sempre as imagens, pois a contextualização permite que os alunos não apenas absorvam as imagens, mas também as relacionem ao contexto histórico, social e cultural, enriquecendo assim o aprendizado.

Em um primeiro momento, julgo ser importante destacar que as imagens não se limitam apenas a entretenimento, mas também incorporam uma ampla gama de conteúdos informativos. Questões sociais, políticas, econômicas e ideológicas são apresentadas de maneira visual, muitas vezes exigindo que os alunos assimilem uma quantidade expressiva de informações complexas.

Também é fundamental reconhecer que essa saturação visual não é apenas um desafio, mas também uma oportunidade de desenvolver habilidades.

A historiadora Ana Maria Mauad, em seus trabalhos, ressalta a importância de considerar não apenas a imagem em si, mas também o contexto em que foi produzida. Ela argumenta que as fotografias podem ser fontes complexas que requerem uma análise crítica, levando em conta fatores como o momento da captura, o fotógrafo, o propósito da imagem e os elementos visuais presentes.

No texto através da imagem fotografia e história interfaces (1996) ela afirma que em primeiro caso, a fotografia é vista como um índice, uma marca da materialidade passada que fornece informações sobre diversos aspectos desse passado, como condições de vida, moda, infraestrutura urbana e rural e as condições de trabalho. No segundo caso, a fotografia é percebida como um símbolo, representando o que a sociedade do passado escolheu para ser preservado como a imagem a ser lembrada no futuro.

Assim, a abordagem crítica do historiador deve considerar não apenas o conteúdo factual da fotografia, mas também seu papel na construção da narrativa histórica e na percepção cultural da sociedade que a produziu.

A linguagem fotográfica merece atenção. O papel do fotógrafo vai além do registro documental, pois através de suas preferências estéticas, lentes, composição e enquadramento, o fotógrafo também molda a percepção e a interpretação do leitor, influenciando posteriormente a maneira como os eventos históricos são lembrados e compreendidos

Sendo assim, consideramos que mesmo as fotografias que foram deliberadamente adulteradas para fins políticos por exemplo, podem ser consideradas válidas para a pesquisa e ensino de história, desde que haja consciência dessa manipulação. Isso ocorre porque a manipulação também reflete uma intencionalidade, e tais imagens podem e devem ser compreendidas como tal.

#### **2.4 A importância do planejamento: A metodologia da aula oficina**

Dentro da proposta de formulação de uma sequência didática em História, é muito importante apresentar de forma detalhada os percursos trilhados e os resultados obtidos das experiências obtidas. Para isso, pensei ser importante começar apresentando a estrutura da pesquisa antes de relatar como ela de fato foi conduzida.

Nos professores em nossas rotinas diárias muitas vezes nos deparamos com as mais diversas situações imprevistas, exigindo a habilidade de também improvisar, sendo necessário ter um “plano A,B,C...”. A prática docente raramente segue um roteiro fixo, sendo necessário ter “cartas na manga” para lidar com as mais variadas dificuldades, como falta de internet, materiais limitados e insuficientes e a questão do tempo.

Diante da complexidade dessas questões apresentadas, torna-se imprescindível pensar o planejamento indo além da simples formalidade de preencher formulários com "objetivos" e "conteúdos" predefinidos.

Sendo portanto necessário refletir sobre o que realmente queremos ensinar e o que os alunos necessitam aprender, o planejamento portanto deve incluir um processo contínuo de avaliação: o que foi efetivamente ensinado? O que os alunos de fato aprenderam?

Sendo assim, ao discutir as experiências da pesquisa, começaremos não pelo relato de como ela ocorreu na prática, mas sim de como ela foi planejada.

Inicialmente, abordaremos as dificuldades encontradas que foram sendo transformadas ao longo do desenvolvimento da pesquisa. Essas transformações foram possíveis graças às leituras dos textos e às problematizações que surgiram durante as aulas no primeiro semestre do programa, além de num segundo momento das orientações que perduraram até o término da escrita da pesquisa.

Com base nessas considerações iniciais, identificamos as aulas-oficinas como uma abordagem possível, pois buscamos promover desde o início a autonomia aos alunos.

Assim, propusemos durante a implementação da sequência didática a criação de problematizações baseadas nas fontes históricas, no caso as fotografias. Nessa abordagem, o professor incentiva os alunos e os apresenta a problemas relacionados às fontes, promovendo a investigação e a reflexão crítica, não sendo algo pronto e acabado.

Esse modelo vai de acordo com as proposições do “produto pedagógico” defendido pelo ProfHistória, que valoriza práticas pedagógicas diferenciadas no ensino de história.

Em nossas práticas diárias, o ato de planejar desempenha um papel fundamental no processo de aprendizagem dos estudantes, sendo tão relevante quanto a própria execução da aula.

#### Segundo Libâneo:

O planejamento escolar é uma tarefa docente que inclui tanto a previsão das atividades em termos de organização e coordenação em face dos objetivos propostos, quanto a sua revisão e adequação no decorrer do processo de ensino. O planejamento é um meio para

as ações docentes, mas é também um momento de pesquisa e reflexão (LIBÂNEO, 1994, p1)

Nos seguintes textos, exploraremos a importância do planejamento, as metodologias utilizadas e os resultados alcançados.

Antes de iniciar qualquer atividade referente a pesquisa com os alunos, penso ser fundamental que o professor conheça os conhecimentos prévios conforme apontado por Libâneo, como uma etapa crucial, pois permite que os professores identifiquem as habilidades e também lacunas e deficiências dos estudantes, facilitando assim a identificação dos conceitos e temas que precisam ser reforçados e destacados durante todo o processo.

Outro aspecto muito importante a ser considerado é o de criar etapas para o desenvolvimento da aprendizagem, pois ainda nos permite fazer ajustes conforme necessário durante o processo, facilitando o acompanhamento e a avaliação do progresso dos alunos.

Cainelli (2011) afirma que o ensino de história até não muito tempo atrás se resumia quando se trabalhava com fontes a uma mera classificação de documentos, sendo as ilustrações presentes nos livros didáticos, complementações, como vestígios diante para se escrever a história.

A mesma autora nos afirma que os trabalhos da historiadora portuguesa Isabel Barca têm influenciado profundamente o ensino de história, em especial na região norte do Paraná, em uma “mudança de paradigma metodológico” (CAINELLI, 2011).

A autora portuguesa propôs uma nova metodologia que superasse o ensino centrado na memorização de fatos históricos sem muita problematização e que não prioriza as diferentes fontes. Sua metodologia chamada de “aula-oficina” possibilita experiências coletivas entre professores e alunos na formação do pensamento histórico.

Com sua metodologia ela buscou contrapor ao que ela chama de aula-conferência, concebida dentro do modelo tradicional, baseada na lógica de que o professor é o detentor do verdadeiro e único conhecimento. Nessa visão, os alunos são vistos como seres que “não sabem nada” e “não pensam”, sendo sua principal função receber passivamente as informações e reproduzi-las corretamente em avaliações. Em outras palavras, “o aluno, agente de sua formação com ideias

prévias e experiências diversas, e o professor, investigador social e organizador de atividades problematizadoras.” (BARCA, 2004, p. 132).

Pois se o professor deseja promover uma educação verdadeiramente transformadora, deve, antes de tudo, considerar e incluir o conhecimento prévio dos alunos.

No trecho a seguir, é apresentada uma síntese das características, objetivos e métodos da Aula-Oficina, que Isabel Barca descreve da seguinte maneira:

1. Recolha inicial de dados sobre as ideias prévias dos alunos acerca de um conceito substantivo, selecionado dentro de uma determinada unidade em estudo.
2. Análise das ideias prévias dos alunos segundo um modelo (simplificado) de progressão conceptual: categorização das ideias de alunos desde ideias incoerentes e alternativas até às relativamente válidas.
3. Desenho, planeamento e implementação de uma unidade temática tendo em conta um refinamento progressivo das ideias históricas dos alunos previamente diagnosticadas.
4. Recolha de dados sobre as ideias dos alunos a posteriori, aplicando o mesmo instrumento do momento inicial.
5. Aplicação de um instrumento de metacognição aos alunos para monitorizar o processo de ensino e aprendizagem.  
(BARCA, 2012, p.47).

Podemos observar que apesar de estar descrito em tópicos enumerados, não se trata de um guia fechado e dogmático, mas sim de etapas que são variáveis.

O objetivo desse modelo de aula é promover o avanço do conhecimento histórico, incluindo conceitos específicos e, principalmente, o entendimento que surge na narrativa histórica criada pelos alunos, que é o foco principal de todo o processo.

A escolha em trabalhar com esta metodologia no projeto se justifica por ela priorizar e valorizar as fontes históricas, aqui a fotografias, compreendendo os alunos como seres com autonomia de pensar e agir, tendo uma direção guiada pelo professor.

## **CAPÍTULO 3: ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL ATRAVÉS DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA: PRODUÇÃO E RESULTADOS**

"Participar do projeto me fez olhar a história da minha cidade de um jeito diferente. Antes, eu passava pelos lugares sem prestar atenção, mas agora vejo que todo lugar também tem uma história, e eu faço parte dela."

Aluno "D" - 1ºA

O último capítulo da dissertação é dedicado a apresentar os relatos e resultados obtidos ao longo da implementação do projeto. Nele, são compartilhadas as experiências vivenciadas por mim e pelos alunos durante a sequência didática, desde a seleção dos alunos participantes até a exposição no final do semestre.

Procurei detalhar o engajamento dos alunos, os desafios e as reflexões provocadas pelo uso da fotografia como fonte e ferramenta para o ensino de história e os resultados que essas atividades tiveram na produção e no aprendizado da história local.

### **3.1 O projeto Fotografia e Ensino de História: Aprendendo com o Uso de Imagens**

As reflexões apresentadas até o momento deixam em evidência a urgência de mudanças nas práticas escolares, de forma a atender às demandas de uma geração muito diferente, que muitas vezes se queixa de se sentir pouco representada na educação formal.

Diante desse contexto, torna-se ainda mais importante e desafiador trabalhar com as abordagens da educação patrimonial e o estudo da história local, com o objetivo de enriquecer a aprendizagem por meio das interações entre o espaço escolar, os alunos e as memórias sobre a cidade.

Nesse sentido, propomos o projeto "Fotografia e ensino de história: aprendendo com o uso de imagens", cujo processo de elaboração e implementação será detalhado a seguir.

O projeto teve seu início efetivo junto aos alunos do Novo Ensino Médio do Colégio Estadual Dom Bosco, no âmbito da disciplina chamada Componente Curricular Eletivo, que é própria do ensino integral no Paraná. Sobre essa disciplina,

encontramos no documento norteador do ensino integral, que as temáticas devem ser ofertadas semestralmente, sendo propostas tanto pelos professores quanto pelos estudantes. Esses componentes têm como objetivo diversificar e enriquecer os conteúdos e temáticas abordados nos componentes curriculares da Base Nacional Comum Curricular.

No mesmo documento também encontramos as seguintes informações: as atividades desenvolvidas nos Componentes Curriculares Eletivos devem apresentar características lúdicas e práticas, utilizando metodologias diferenciadas. Devido à sua organização flexível, esses componentes não precisam passar pelo mesmo processo de avaliação das disciplinas obrigatórias. Tudo foi contemplado no projeto

Nessa proposta, os alunos tiveram a oportunidade de escolher entre várias opções oferecidas pelos professores aquilo que mais lhe agradava.

Embora o modelo de ensino integral tenha sido alvo de diversas críticas, ele se mostrou bastante propício para a implementação das atividades. O fato de contar com as duas últimas aulas da manhã às quintas-feiras foi fundamental para permitir a execução de todas as atividades planejadas. Tal disponibilidade horária possibilitou o desenvolvimento de atividades de maneira mais aprofundada,

Estas atividades, como as saídas de campo e outras práticas seriam praticamente inviáveis no modelo de ensino regular, especialmente devido a carga horária cada vez mais reduzida e à falta de flexibilidade para atividades realizadas no contraturno.

A escolha dos alunos se deu da seguinte maneira, os professores tiveram a oportunidade de explicar em 15 minutos no pátio os temas que seriam abordados ao longo do semestre. Foi ressaltado aos alunos que ao final do trimestre, antes do recesso de Julho haveria uma “culminância”, isto é, uma apresentação para a comunidade escolar de tudo aquilo o que foi produzido na disciplina, sendo este mais um produto da dissertação.

**Figura 8:** Apresentação da proposta à comunidade escolar



Fonte: Imagem do arquivo pessoal (2023).

É importante afirmar que todos os projetos foram previamente apresentados no formato de ementa e aprovados pela equipe pedagógica do colégio.

Após a apresentação das opções, os alunos preencheram um formulário indicando a temática que mais os interessava para as atividades que iniciaram logo na quinta-feira seguinte. Ao todo, 18 alunos que terão suas identidades preservadas das turmas do primeiro e segundo ano se inscreveram, pois apesar do TCLE, optei por não citar o nome dos alunos em nenhum momento, se restringindo a informar as suas iniciais e turma em seus relatos.

Em paralelo, logo me apressei em preparar os termos de autorização de imagem para que os alunos os preenchessem e encaminhassem aos seus pais e responsáveis legais tendo em vista ser um projeto que trabalha com o uso de imagens. Também foram elaboradas as primeiras etapas do projeto, visando proporcionar a melhor experiência logo de cara aos estudantes.

### **3.2 Dando os primeiros passos**

Era uma tarde de quinta-feira bastante quente, dia 2 de Março de 2023 quando iniciei a sequência didática junto com os alunos, disputando a voz com os ventiladores bastante antigos e barulhentos iniciamos a proposta de percorrer desde as primeiras experiências com fotografia no século XIX até a era digital em que

vivemos, onde pudemos explorar como essa ferramenta capturou e moldou a memória do mundo.

Nossa aventura começou a partir dos primeiros experimentos fotográficos, com Joseph Nicéphore Niépce e Louis Daguerre que tiveram suas contribuições mencionadas no capítulo anterior. Através de imagens presentes na sequência didática, mergulhamos em suas histórias e contribuições, descobrindo como eles desvendaram os segredos de registrar imagens usando a luz.

Adaptei o conteúdo do primeiro capítulo sobre a história e o desenvolvimento da fotografia para apresentar aos alunos de forma que eles pudessem entender que esse processo não aconteceu de maneira simples e instantânea. Procurei mostrar que a fotografia, como a conhecemos hoje, é resultado de muitos esforços e superações ao longo do tempo.

Os alunos observaram com atenção os primeiros registros fotográficos conhecidos, como a heliografia de Niépce e o daguerreótipo de Daguerre, e compreenderam o impacto que essas novidades tiveram na época.

Na semana seguinte, avançamos na evolução da fotografia. Os alunos aprenderam sobre o desenvolvimento de negativos e positivos, a invenção da película e o surgimento das primeiras câmeras domésticas ao final do século XIX.

Em seguida, a aula teve continuidade com uma câmera fotográfica pessoal de uso decorativo que trouxe para a escola, uma Zenit profissional modelo EM fabricada na União Soviética na década de 1980 para comemorar os Jogos Olímpicos de Moscou.

Cada aluno teve a oportunidade de manusear pela primeira vez uma câmera analógica, mesmo que com mecanismos defeituosos. A textura, o cheiro, o peso de uma máquina inteiramente feita de metal, sem plásticos e a mecânica desse instrumento despertaram a fascinação e a curiosidade dos alunos que queriam saber exatamente o que cada botão fazia.

Na próxima aula, dia 10, discutimos o papel que a fotografia tem e teve na comunicação, documentação e expressão artística. Observamos através das imagens de pioneiros como Marc Ferrez, fotógrafo brasileiro de destaque durante os anos finais do Império e a Primeira República, que registrou as mudanças e transformações que o país passava nesse período, a capital, Rio de Janeiro e o campo, com a esvaidão que ainda se fazia presente.

O uso de imagens nas aulas-oficina, para além de ilustrar os textos e informações apresentadas pelo professor transformou-se em uma ferramenta para a compreensão das mudanças e permanências, bem como servir como conexão entre a história local e a vivência dos alunos.

Analisamos também algumas obras selecionadas de outros grandes fotógrafos, como os norteamericanos Ansel Adams e Dorothea Lange, e identificamos como eles usaram a fotografia para contar histórias e transmitir sensações.

Susan Sontag (2004) nos mostra que as imagens, por si só, não são incapazes de contar uma história, sendo necessário o apoio de textos, legendas ou narrativas que as contextualizam e as deem significado. Foi exatamente essa abordagem que buscamos adotar nas aulas-oficina.

Ao final da aula um aviso, como na semana seguinte não teríamos aula devido a um recesso, solicitei para que os alunos guardassem e trouxessem algumas caixas de papelão para fazermos a nossa primeira atividade prática.

Momento este, em que a teoria se uniu à prática de forma empolgante. Dividi a sala em três grupos e guiados por instruções e tutoriais presentes na sequência didática, os alunos começaram o desafio de construir suas próprias câmaras escuras aplicando aquilo que aprenderam nas aulas anteriores.

Com materiais simples, como as caixas de papelão que eles lembraram de trazer, canetas pretas permanentes, fita isolante, lupas e papel vegetal que comprei, cada aluno se comprometeu à construção de uma parte da câmera. O ambiente vibrava com a criatividade e o entusiasmo enquanto as câmaras tomavam forma.

**Figura 9** : Montagem das câmaras escuras



Fonte: Imagem do arquivo pessoal (2023).

Antes mesmo das câmaras ganharem forma, os alunos não escondiam a expectativa de ver se já era possível observar alguma luz se projetava através da fina folha de papel vegetal, era necessário tampar todas as frestas e aberturas da caixa e garantir que a lupa estava colocada em uma posição certa, que garantisse o foco. A aula já estava chegando ao fim, mas já era possível mesmo dentro da claridade da sala perceber que as câmaras estavam bem encaminhadas e faltavam poucos ajustes.

Estas atividades iniciais foram essenciais para que a pesquisa alcançasse os seus objetivos, especialmente considerando a metodologia planejada, que priorizava a participação ativa dos alunos no processo de produção de conhecimento.

O momento de usar as câmaras escuras foi mágico. Observar a imagem se projetar na superfície do papel vegetal, capturada pela luz que entrava pela lupa à medida em que se mudava sua posição, foi uma grande experiência. Os alunos experimentaram ver as imagens ganharem forma nos objetos que eles mesmo construíram sem a necessidade de tecnologia complexa.

Todos os fundamentos e conceitos estudados estavam ali presentes, da imagem sendo projetada de cabeça pra baixo, o foco mudando a medida em que a

lente da lupa era movida, tudo deveria ser observado pelas câmaras, seus rostos, os corredores, plantas, postes, esta foi a nossa primeira saída a campo.

**Figura 10:** Observação de flores pela câmara escura



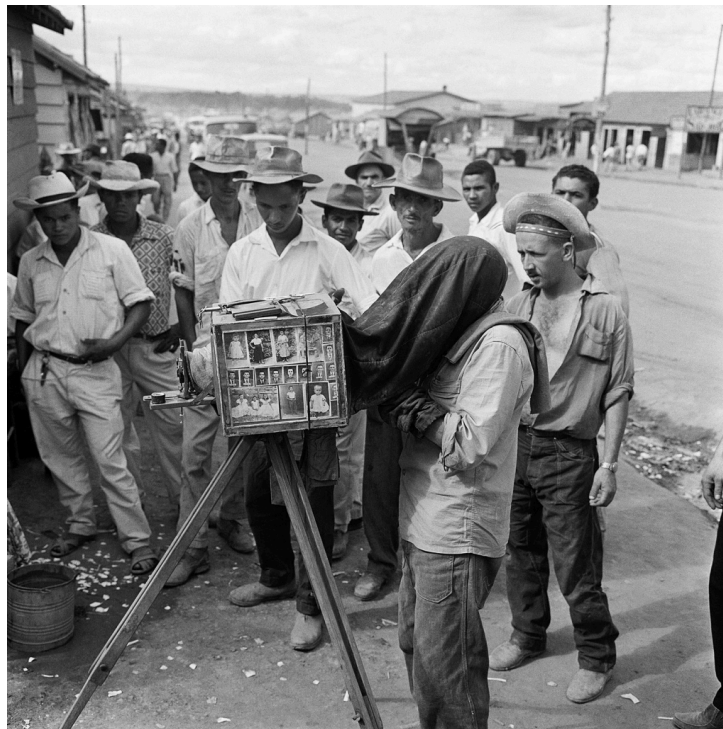
Fonte: Imagem do arquivo pessoal (2023).

Não posso deixar de mencionar a engenhosidade e criatividade dos alunos ao propor usar um saco de lixo como “o pano preto” ao usar a câmara escura, assim como os fotógrafos “lambe-lambe” de antigamente usavam e eles aprenderam na aula de história da fotografia. Foi sugerido usar o saco de lixo preto (Figura 11) para visualizar melhor a tela de papel vegetal onde as imagens eram projetadas. Com essa adaptação, o grupo conseguiu eliminar os reflexos indesejados, tornando as imagens mais nítidas.

Os fotógrafos lambe-lambe eram profissionais itinerantes que ofereciam serviços fotográficos em praças e outros locais públicos pelo país, especialmente na primeira metade do século XX, KOSSOY (1980 apud FRANCO, 2011) afirma que 'tratava-se de uma nova fase da expansão fotográfica no Brasil, um momento de democratização da fotografia.'"

O nome lambe-lambe vem do fato de que, após revelar a foto, eles lambiam a imagem com água para remover o excesso de produtos químicos<sup>9</sup>. O “pano preto”, que cobria tanto a câmera quanto o fotógrafo durante a captura da imagem, tinha a função de bloquear a luz ambiente no momento da revelação, pois a câmera também era o laboratório.

**Figura 11:** Câmera lambe lambe



Fonte: Fotografia de rua, Brasília, Peter Scheier / Acervo IMS (1958)

**Figura 12:** Câmara escura

---

<sup>9</sup> Há controvérsias em torno dessa denominação. Para uma análise mais detalhada, ver FERNANDES Jr., 2011, p. 2; KOSSOY, 1974, p. 5, apud FRANCO, 2004, p. 22.



Fonte: Imagem do arquivo pessoal (2023)

A sequência continuou em sala, os alunos compreenderam os princípios básicos da fotografia, conceitos como exposição e abertura foram abordados bem como composição, enquadramento e proporção, pois ao observar as imagens poderiam também se inspirar ao realizarem seus próprios registros.

Na semana seguinte, os alunos tiveram a oportunidade de registrar suas primeiras fotografias, aplicando na prática os conceitos previamente discutidos. Para exemplificar esses novos conhecimentos, foram utilizadas duas câmeras: uma Zenit e uma Kodak Instamatic 100, esta última um modelo inteiramente de plástico, incluindo a lente, que os alunos já estavam familiarizados. A escolha desses equipamentos possibilitou não apenas a experimentação técnica, mas também um contato mais próximo com diferentes tecnologias fotográficas. Dessa forma, os alunos puderam consolidar o aprendizado por meio da experiência prática.

Antes de saírem até o espaço externo do colégio para fazerem os seus primeiros cliques foram dados algumas instruções e lembretes, a fotografia analógica não é barata e a quantidade de fotografias é limitada, 36 poses por filme, portanto os alunos precisavam antes pensar muito bem naquilo que queriam registrar bem como se ater aos conceitos estudados na aula anterior, sem desperdícios, diferente de uma foto descompromissada registrada pelo celular, que

pode ser apagada e refeita infinitas vezes sem custo algum. Também foi solicitado para que eles pensassem e dessem um nome para as suas fotos, visando a exposição no final.

Boris Kossoy nos alerta para uma análise com atenção das descrições das imagens, como legendas, anotações e dedicatórias (KOSSOY, 2014), pois “podem se tratar de importantes indícios para a identificação do documento como um todo ou da imagem em particular” (p. 98) além de trazerem consigo a relação do fotógrafo com aquilo que ele registrou em sua imagem.

Para estes registros e todas as demais fotografias analógicas do projeto foi usada uma câmera da Samsung, modelo Máxima Zoom 105, que também pertencia a minha família sendo usada para registros pessoais como festas de aniversário e viagens além do meu próprio crescimento, registrado em alguns dos álbuns da minha infância. Ela ficou guardada por quase vinte anos em sua bolsa original e para minha surpresa ao colocar novas pilhas e fazer alguns testes em casa se mostrou em perfeitas condições com todas as funcionalidades funcionando muito bem. A máquina fotográfica, um dos últimos modelos fabricados pela multinacional coreana antes da era digital, em um momento que a fotografia digital já era uma realidade entre as pessoas de poder aquisitivo maior e disputava mercado com o analógico que agora continha funcionalidades como zoom óptico, timer e rebobinamento automático bem diferentes da modesta Kodak inteiramente de plástico, o que contribuiu para as belas fotografias que foram registradas, junto aos conhecimentos teóricos aprendidos.

Os usos da fotografia nesta primeira prática foram pensados principalmente como uma maneira de incentivar a expressão dos alunos, permitindo que com suas fotografias criassem uma espécie de "texto visual" com suas percepções sobre o patrimônio circundante.

**Figura 13:** Câmaras escuras e câmeras fotográficas usadas no projeto

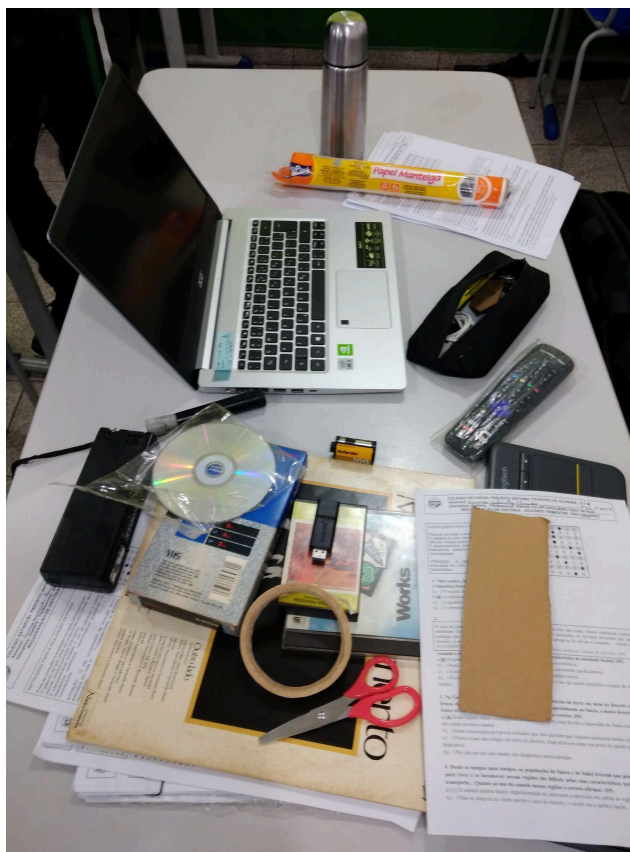


Fonte: Imagem do arquivo pessoal (2023).

O entusiasmo dos alunos com a fotografia analógica era notável naquele momento. A expectativa de ver como as fotos ficaram era a maior inquietação, e só se concretizou com a revelação que foi feita meses depois. Na semana seguinte, enquanto uma frente fria se aproximava, a aula foi em sala de aula. A fotografia digital, tema do dia, era, ao contrário do que muitos pensavam, uma invenção antiga. Seus primeiros registros bem sucedidos datam da década de 50, e logo suas possibilidades foram exploradas na área espacial com imagens de satélite e na medicina com diversos exames como tomografias.

Neste momento, apresentei aos alunos objetos que até não muito tempo atrás eram usados para registrar todo tipo de dados, disquetes, fitas VHS, CDs e discos de vinil que eu tinha em casa. Objetos distantes da realidade dos alunos, que vagamente eles conheciam de um filme ou da reprise de uma novela, agora se tornaram presentes e concretos. Expliquei que nas primeiras câmeras digitais, as imagens eram armazenadas nesses dispositivos que eles manuseavam, cuja capacidade de memória era extremamente limitada apesar do tamanho.

**Figura 14:** Oficina com os objetos



Fonte: Imagem do arquivo pessoal (2023).

O historiador Francisco Régis Lopes Ramos (2011) destaca a importância de refletir sobre os usos dos objetos. Embora estejamos sempre rodeados por uma infinidade de objetos dos mais variados em nosso cotidiano, raramente paramos para pensar sobre sua origem e seus usos ao longo da história.

Acredito ser importante que os alunos tenham contato físico com estes objetos, sentindo sua textura, peso, cheiro, pois isto os convida a participarem mais, fazendo mais perguntas e investigarem mais sobre o contexto de cada mídia física que passou por suas mãos, experiência impensável no museu municipal, onde não é permitido o contato físico com o acervo exposto.

A aula terminou com os alunos animados para também experimentar a fotografia digital, a compreensão da evolução tecnológica, desde a ansiedade pela revelação das fotos analógicas que perdurou até quase o término do projeto até a instantaneidade do digital, aguçou a curiosidade deles. No entanto, antes de mergulharem na fotografia digital, era necessário um passo fundamental, conectar a história local ao projeto, através das fotografias do acervo do museu e as registradas pelos estudantes.

### **3.3 Educação patrimonial para além da pedra e cal e do centro da cidade**

Inserir e estudar o patrimônio cultural na escola é importante, pois permite aos alunos compreenderem e valorizarem a história e a identidade de sua comunidade.

Para me auxiliar nesta parte do projeto, foi de grande valia o Manual de Atividades Práticas do Patrimônio Cultural, (GRUNBERG, 2007) , material publicado pelo IPHAN, no qual tive conhecimento ainda nas aulas do mestrado.

O texto indica uma possibilidade para usar os bens culturais como recursos de ensino. O processo envolve "observar, registrar, explorar e se apropriar" dos bens culturais pelos alunos, guiados pelos professores. Com essa metodologia, os alunos podem conhecer e investigar a história local da sua cidade, bairro e comunidade, explorando tanto os patrimônios materiais quanto os imateriais, e até elegendo patrimônios quando não foram ainda reconhecidos pelo poder público.

A historiadora Selva Guimarães Fonseca nos afirma que:

“O ensinar e o aprender História não são algo externo, a ser proposto e difundido com uma metodologia específica, mas sim a ser construído no diálogo, na experiência cotidiana em um trabalho que valorize a diversidade e a complexidade, de forma ativa e crítica. (FONSECA, 2006, p. 132).

Indo além de transmitir fatos e datas, ensinar história envolve criar um espaço onde alunos e professores participem ativamente do processo. A construção do conhecimento histórico precisa ser algo dialógico. Isso significa que os professores devem incentivar discussões, debates e reflexões, permitindo que os alunos façam conexões entre o passado e o presente.

Ao iniciar a primeira aula sobre o patrimônio na primeira semana de Abril, logo pude perceber que os alunos já tinham uma certa noção sobre a temática mesmo que muito restrita.

Essa observação me levou a refletir sobre como a educação patrimonial é abordada nas escolas, frequentemente de forma superficial e limitada. Em muitos casos, o tema é trabalhado somente nas aulas iniciais do sexto ano, momento em que os estudantes são apresentados a conceitos básicos, como patrimônio, fontes históricas, tempo histórico e tempo cronológico. Embora esses conceitos sejam essenciais para a compreensão da história, eles geralmente apresentam um caráter

abstrato que dificulta sua assimilação por alunos dessa faixa etária. Além disso, o tema raramente é retomado ou aprofundado nos anos seguintes, o que compromete o desenvolvimento de uma visão mais ampla e significativa sobre o patrimônio e seu papel na formação da identidade cultural.

No âmbito desta temática, promovemos um debate com o intuito de explorar as concepções iniciais dos alunos acerca dos conceitos de patrimônio cultural material e imaterial.

Comecei logo trazendo a seguinte questão para avaliar os conhecimentos prévios: O que é o patrimônio cultural? Foram citados pelos alunos presentes grandes monumentos da “pedra e cal” de uma temporalidade distante como o Coliseu Romano, as pirâmides de Gizé no Egito e a Grande Muralha da China, do Brasil, apenas um aluno citou o Cristo Redentor no Rio como exemplo.

Em seguida, fui apresentando o material produzido, mas antes de trazer uma definição de patrimônio, apresentei algumas imagens de exemplos de bens patrimoniais brasileiros, seguidos de uma definição presente na página do IPHAN, que define o patrimônio como: O patrimônio cultural é composto por monumentos, conjuntos de construções e sítios arqueológicos, de fundamental importância para a memória, a identidade e a criatividade dos povos e a riqueza das culturas. Pontuei que ao longo do tempo vários edifícios, não sendo somente grandes edificações mas também objetos e diversas manifestações culturais são também parte do patrimônio cultural.

Apesar de ter utilizado como base a concepção de patrimônio promovida pelos órgãos oficiais de preservação no Brasil, como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), concordo com o que nos afirma Simone Scifoni (2015) entre outros profissionais da área, da necessidade de se criticar o modelo estabelecido de ensino patrimonial no país, onde frequentemente se limita a instruir a população sobre o que deve ser valorizado, em detrimento de outros patrimônios que ainda não são reconhecidos por força de lei.

Longe de tentar trazer uma definição definitiva sobre o patrimônio, que pode ter diferentes significados, dependendo do contexto em que é usado. Na Roma antiga, estava ligado ao "pater", o patriarca da família, e à aristocracia, sendo um conceito ligado ao poder. Durante a Revolução Francesa, a palavra estava associada aos bens arquitetônicos e às construções edificadas, ideia que ficou cristalizada até os dias atuais.

Nas atividades centradas na educação patrimonial, tanto em museus quanto em sala de aula, consideramos fundamental promover debates que abordem a constituição desse patrimônio, pensando também em suas implicações sociais. Devemos sempre questionar por que certas produções culturais foram valorizadas em detrimento de outras. Quem foram os responsáveis por essas escolhas e sob quais circunstâncias decidiram o que preservar ou não (OLIVEIRA, 2017, p. 240).

Hoje em dia, embora ainda falemos de patrimônio em termos individuais, como herança ou finanças, o patrimônio cultural tem um contexto social, muito mais do que individual.

Diante dos exemplos citados, caberia também trazer a discussão para a realidade local. Apresentei para encerrar um formulário que deveria ser preenchido pelos alunos mediante a plataforma Google Forms, que ficou aberto por uma semana contendo as seguintes questões: 1. Você conhece o Museu Municipal de Campo Mourão?, 2.Você já visitou um museu ou uma exposição presencial? 3.E uma exposição virtual? Conhece algum museu on-line? Os resultados da pesquisa podem ser vistos na tabela abaixo:

**Tabela 1: Questionário sobre museus**

	<b>Sim</b>	<b>Não</b>
Você conhece o Museu Municipal de Campo Mourão?	15	3
Você já visitou um museu ou uma exposição presencial?	16	2
.E uma exposição virtual? Conhece algum museu on-line?	4	14

Todos os 18 alunos participantes responderam e diante destes resultados, foi possível perceber que a grande maioria dos alunos já tinha visitado alguma vez o Museu Municipal, sendo já familiarizados com o espaço museal diante da impossibilidade de visitá-lo durante o projeto.

Iniciei a aula da semana seguinte trazendo mais questões, desta vez de forma oral, no modo expositivo dialogado. Sempre gostei de instigar os alunos com questionamentos, antes de buscar trazer definições definitivas para os conceitos apresentados, pois “a Educação Patrimonial tem que fazer uso de situações que provoquem reações reflexões e aguçar a criticidade a respeito do significado e valor dos bens culturais e sua preservação. (CAVALCANTE, 2017, p. 54).

Sobre a primeira questão, se já tinham visitado o museu alguma vez, seis alunos responderam sim afirmaram que visitaram mais de uma vez, questionados de como foi esta visita, a maioria deles, 11, afirmaram serem visitas escolares, reforçando a ideia presente no primeiro capítulo do grande público dos museus no Brasil ser o escolar.

Em seguida, perguntei sobre o acervo do museu e suas impressões sobre ele, questionando sobre o que está exposto nele. Todas as respostas convergiram para a ideia de que o Museu é importante pois guarda a história de Campo Mourão, e que o seu acervo é constituído por objetos que pertenceram aos moradores mais antigos e importantes para serem exibidos ali. Fiquei intrigado com o fato de nenhum aluno ter mencionado as imagens, como as diversas fotografias e quadros dispostos nas paredes das salas do museu.

Busquei aprofundar esta discussão pedindo aos alunos que pensassem o porquê que todas as culturas valorizam o preparo de um prato, uma lenda e uma dança como um patrimônio imaterial e um objeto e uma construção como patrimônio material.

Dando continuidade à atividade, solicitei que os alunos mencionassem exemplos de patrimônios que conheciam em sua cidade. Todos confirmaram a existência de bens patrimoniais no município e, entre os exemplos citados, destacou-se a predominância de edificações localizadas na região central. Os mais mencionados foram a Catedral São José, o chafariz e o coreto. Além disso, dois alunos recordaram o Museu Municipal.

É relevante destacar, a partir das respostas obtidas, que a legislação municipal referente ao patrimônio local e aos bens tombados<sup>10</sup> estabelece que todos esses estão situados na área central da cidade, exceto os parques e áreas de

---

<sup>10</sup> [https://sapl.campomourao.pr.leg.br/media/sapl/public/materialegislativa/2009/6837/pl\\_159-2009.pdf](https://sapl.campomourao.pr.leg.br/media/sapl/public/materialegislativa/2009/6837/pl_159-2009.pdf)  
Acessado em 13 de Julho de 2024.

proteção ambiental, localizados próximos aos rios. Dessa forma, nenhuma das estruturas fotografadas pelos alunos está oficialmente tombada como patrimônio.

Cabe sempre enfatizar que os bens, mesmo quando não reconhecidos e tombados pelo poder público, muitas vezes acaba sendo reconhecido e valorizado pela própria comunidade local que faz uso dele, portanto podem e devem ser valorizados.

Questionei se o Colégio não poderia ser um exemplo de patrimônio também, e se o bairro onde ele está inserido, o Lar Paraná, não teria também exemplo de patrimônios. Falei sobre a praça do bairro, localizada a poucas quadras do colégio que também conta com uma igreja, um coreto e um jardim, assim como a praça central, assim foi possível os alunos começarem a perceber a região onde vivem como patrimônios também.

É fundamental que os alunos compreendam como os espaços patrimoniais de Campo Mourão são frutos das relações do passado e do presente. Da mesma forma, é importante que entendam o que é valorizado em termos de preservação da memória local e construção do patrimônio. A percepção das disputas de interesses sobre o território ajuda a entender como esses patrimônios são estabelecidos, quem deseja preservá-los e quais são os motivos por trás dessa escolha.

Na definição de patrimônio, os alunos aprenderam que sua definição vai muito além das edificações, contemplando também as mais variadas manifestações culturais como danças, culinária, as festas... pedindo alguns exemplos, um aluno citou o Carneiro no Buraco, o prato típico da cidade que consiste em cozinhar a carne de carneiro em um buraco no chão com legumes por longas horas e as feiras itinerantes, que ocorrem a cada dia em um bairro diferente da cidade e que tem público fiel.

Por fim, intrigado pela questão levantada anteriormente e ampliando as discussões, relatei a fotografia às reflexões sobre o patrimônio.

Perguntei aos alunos: "A fotografia também pode ser considerada um patrimônio?" Inicialmente, nenhum aluno se manifestou, mas após algum tempo, todos disseram que sim. Para promover maior interação, perguntei de que maneira a fotografia poderia ser um patrimônio. Um aluno rapidamente levantou a mão e disse que a fotografia registra acontecimentos históricos e nos permite lembrá-los.

Buscando maior engajamento, também perguntei quais seriam esses acontecimentos. As respostas focaram em eventos marcantes e grandiosos, ainda

distantes da realidade comum. Questionei se eles ainda mantinham o hábito de ter álbuns de fotografias em casa e de registrar momentos.

Os álbuns de fotografias familiares são uma maneira de registrar e preservar a história de uma família, perpetuando essas memórias para as gerações futuras. Bordini (2021) nos afirma que desde os anos 1950, com o advento das câmeras portáteis, muitas famílias incorporaram à fotografia um papel primordial de experimentação visual, documentação e preservação da memória familiar.

Todos os alunos relataram a presença de álbuns de fotografias em suas casas, contendo imagens de parentes que eles nunca chegaram a conhecer, viagens e momentos especiais que marcaram a história de suas famílias.

Segundo Susan Sontag (2004), os álbuns permitem que cada família construa uma "crônica visual de si mesma", afirmando sua história e registrando a identidade de seus integrantes. A partir desse ponto, os alunos começaram a se reconhecer como protagonistas de suas próprias histórias, valorizando suas memórias e experiências, como viagens e festas de aniversário.

As fotos, mesmo as mais simples, mostram como era a vida no dia a dia. Além de nos fazer lembrar do passado, elas ajudam a construir nossas memórias.

Percebo que ao incorporar o estudo do patrimônio cultural ao projeto, foi fortalecido o senso de pertencimento e identidade dos alunos.

### **3.4 O museu vai à escola; Imagens do museu em sala**

Na fria semana seguinte, mais precisamente na quinta-feira, 18 de maio de 2023, os alunos continuaram trabalhando com fotografias. No entanto, dessa vez, não se tratava de imagens que eles próprios haviam registrado nem de fotografias de profissionais renomados, mas sim de uma seleção de imagens pertencentes ao acervo do Museu Municipal. Para facilitar a análise e o manuseio durante as oficinas em sala de aula, escolhi algumas fotografias que considerei relevantes e as imprimi para que os alunos pudessem explorá-las em grupo.

Diante de um acervo tão vasto, a seleção das imagens para as atividades pedagógicas tornou-se um desafio. Para essa escolha, apoiei-me no pressuposto de que "as imagens visuais são elementos ativos nos processos de ensino e aprendizagem da História, dependendo, para tanto, de que alguns princípios sejam considerados."(MAUAD, 2015, p.86).

Sendo assim, considere os seguintes elementos ao selecionar as imagens, de acordo com Mauad, a fotografia deve:

- a) Ensejar uma compreensão histórica aprofundada do tema apresentado;
- b) Ser historicamente identificada segundo a sua natureza, como indicado acima;
- c) Ser acompanhada de sua procedência: arquivo, museu, internet, agência de imagem, imprensa, etc.
- d) Ter legibilidade adequada: imagens diminutas ou mal impressas não se prestam a uma leitura visual adequada;
- e) Vir acompanhadas de indagações críticas sobre a natureza visual da representação – pintura, foto, filme, mapa -, não somente o conteúdo apresentado;
- f) Articular-se à informação verbal de forma complementar não acessória.” (MAUAD, 2015, p.86).

Ao apresentar as imagens, busquei estabelecer uma conexão entre a história da cidade e os elementos retratados nas fotografias. Busquei trazer imagens que não se limitavam à região central da cidade, usando somente os lugares e edifícios que os anteriormente os alunos consideravam como os únicos patrimônios da cidade. Busquei ampliar a perspectiva dos alunos nesse momento, destacando não apenas a região central, mas também aqueles que se relacionam diretamente com os bairros e o próprio colégio. Foi a maneira que encontrei de trazer a história local para mais perto de suas realidades cotidianas.

A primeira imagem apresentada é também uma das primeiras imagens do acervo do museu e retrata os aspectos naturais da região, os chamados “Campos do Mourão” que dão nome ao município.

Comecei então a apresentar a história da cidade perguntando a eles a respeito da origem do nome da cidade. Todos afirmaram que já tinham conhecimento que a região onde hoje está localizada a cidade, a região dos Campos de Mourão era originalmente composta por uma combinação de campos naturais, cerrado e áreas de matas, mas o Mourão despertou muitas dúvidas. Quem foi o Mourão? Um explorador português? Ele era brasileiro? Estas foram algumas das perguntas, demonstrando que seu nome não era muito familiar.

Contextualizei que a exploração dos campos remontam ao período das reduções jesuítas, representando as possessões espanholas em territórios disputados pelo domínio português. A Coroa Portuguesa, por meio do governador

da Província de São Paulo, Dom Luís António de Sousa Botelho Mourão – conhecido como Morgado de Mateus, que organizou diversas expedições na região, combatendo essas incursões. Em homenagem a este governador, a região ficou conhecida como Campos do Mourão, posteriormente simplificada para Campo Mourão.

Reforcei que antes das expedições à região já era ocupada a muito tempo pelos povos indígenas como os kayngangs. Sobre a presença indígena na região, apresentei uma gravura do Capitão Índio Bandeira, figura chave na historiografia local que apesar de ser um nome muito familiar por dar nome a principal avenida da cidade não é muito conhecido pela população, não são muitos os estudos a respeito de sua atuação nos campos do Mourão, seu único registro visual é uma gravura em metal produzida pelo artista plástico e escultor Erbo Stenzel presente no Museu Municipal.

Sem deixar de reconhecer o papel dos pioneiros, fiz com que os alunos imaginassem as dificuldades enfrentadas durante a colonização do município, incluindo a falta de infraestrutura e comunicação mais básicas, além do desconhecimento natural da região. Apresentei imagens das estradas que conectavam o estado ao então distrito e posteriormente município emancipado destacando a simplicidade dessas vias e das primeiras construções, como casas e comércios, que careciam de conforto.

Para evitar cair em uma narrativa linear de desenvolvimento urbano e econômico, também selecionei e apresentei imagens que retratam o cotidiano da população ao longo do tempo nos espaços urbanos. Essas fotos mostravam suas rotinas, vestuário e construções, reforçando a ideia de que a história é construída coletivamente por todos.

As imagens, frequentemente utilizadas como meros complementos ou adereços ao texto escrito conforme problematizado anteriormente, foram aqui abordadas de forma diferente. Propusemos, em nossas aulas, problematizar as fontes a partir das próprias imagens.

### **3.5 História em Movimento: Trabalhando noções de temporalidade com as fotografias**

Ao longo de minha jornada como professor de história na educação básica, presenciei um desafio persistente, a dificuldade dos alunos em compreender a noção de tempo histórico.

Trabalhar com esta temática sempre se mostrou um desafio pela sua grande abstração e também pelo fato deste e outros importantes conceitos para a história como documentos, memória, rupturas e permanências serem conteúdos presentes logo nas primeiras aulas do sexto ano.

Diante desta realidade, é importante aprofundar sobre diferentes tipos de tempo, o tempo cronológico e o histórico, passado, presente e futuro, e também sobre as durações. Acredito que o uso da fotografia possa em muito contribuir para preencher essas lacunas no ensino, pois permite aos alunos compreender melhor as transformações nos espaços que os cercam.

Ao explorar os lugares de memória e patrimônios de Campo Mourão, observando e registrando estes espaços e práticas através da fotografia, buscamos ensinar os alunos a entenderem como os espaços se transformam ou permanecem com o tempo e as diferentes experiências que as pessoas têm nesses lugares ao longo das gerações.

Para retomar as oficinas práticas com a seleção de imagens do museu, comecei trazendo o conceito de paisagem da Geografia para a sala de aula.

Milton Santos (1988) define a paisagem como tudo aquilo que a visão abrange, ou seja, o “domínio do visível” (p. 21).

Na Geografia, o conceito de paisagem transcende a ideia do senso comum de contemplação da natureza estática e intocada, integrando elementos naturais e socioculturais. Para além da visão tradicional de um panorama físico, geralmente de grande beleza, a paisagem se configura como um resultado da interação entre a natureza e a ação humana ao longo do tempo.

Ela não é fixa pois, “a rua, a praça, o logradouro funcionam de modo diferente segundo as horas do dia, os dias da semana, as épocas do ano” (p. 24).

Sendo assim, as paisagens, aqui aquelas imortalizadas pelas fotografias, além de serem compostas por elementos naturais e socioculturais, estão em constante transformação. Essas mudanças revelam a diversidade de usos que um

mesmo espaço pode ter, atendendo às necessidades da população em diferentes épocas, permitindo aos alunos compreenderem melhor as rupturas e permanências ocorridas na cidade.

A primeira seleção de imagens mostra aspectos de trânsito na região central da cidade na década de 60. Trata-se de um ponto de táxi, ainda hoje em funcionamento.

Para esta oficina, que chamei de “A praça como um lugar de memória”, contei com uma metodologia que já conhecia e gosto de utilizar em minhas avaliações, conhecida como rotação por estações. Nesta metodologia pedagógica, cada “estação”, aqui um grupo de alunos tem uma atividade ou tarefa específica, e os alunos rotacionam entre essas estações em intervalos de tempo predeterminados, trabalhando de forma autônoma ou em pequenos grupos.

Segundo Coussirat (2020), ela pode ser definida da seguinte forma: várias atividades diferentes são organizadas em estações de trabalho, independentes, porém que devem apresentar o mesmo tema, cada uma delas com início, meio e fim, onde eles só mudam de estação quando concluem as atividades.

Ou seja, o professor atua como mediador, acompanhando o progresso dos alunos e fornecendo suporte conforme necessário, mas o aprendizado é essencialmente construído por meio da interação entre os estudantes e os materiais disponibilizados em cada estação.

Para Balardim (2021), as estações de aprendizagem devem estar conectadas a um tema central comum, sendo que cada estação deve oferecer atividades diferenciadas, com o objetivo de atender aos diferentes estilos de aprendizagem, além da leitura e escrita o visual por exemplo. Dessa forma, antes de iniciar o processo, o professor precisa definir claramente o tema da aula, delimitando o número de estações de acordo com a quantidade de grupos. A diversidade nas atividades é essencial, pois cada aluno possui um ritmo de aprendizagem diferente

Essa metodologia também possibilitou que os alunos atuem em grupos menores, permitindo ao professor oferecer um acompanhamento mais próximo de cada aluno

Em um primeiro momento, pedi para que eles formassem pequenos grupos para analisar as fotografias e seus significados. Pedi para que eles analisassem atentamente os significados presentes nela. Quais lembranças estas imagens poderiam levantar?

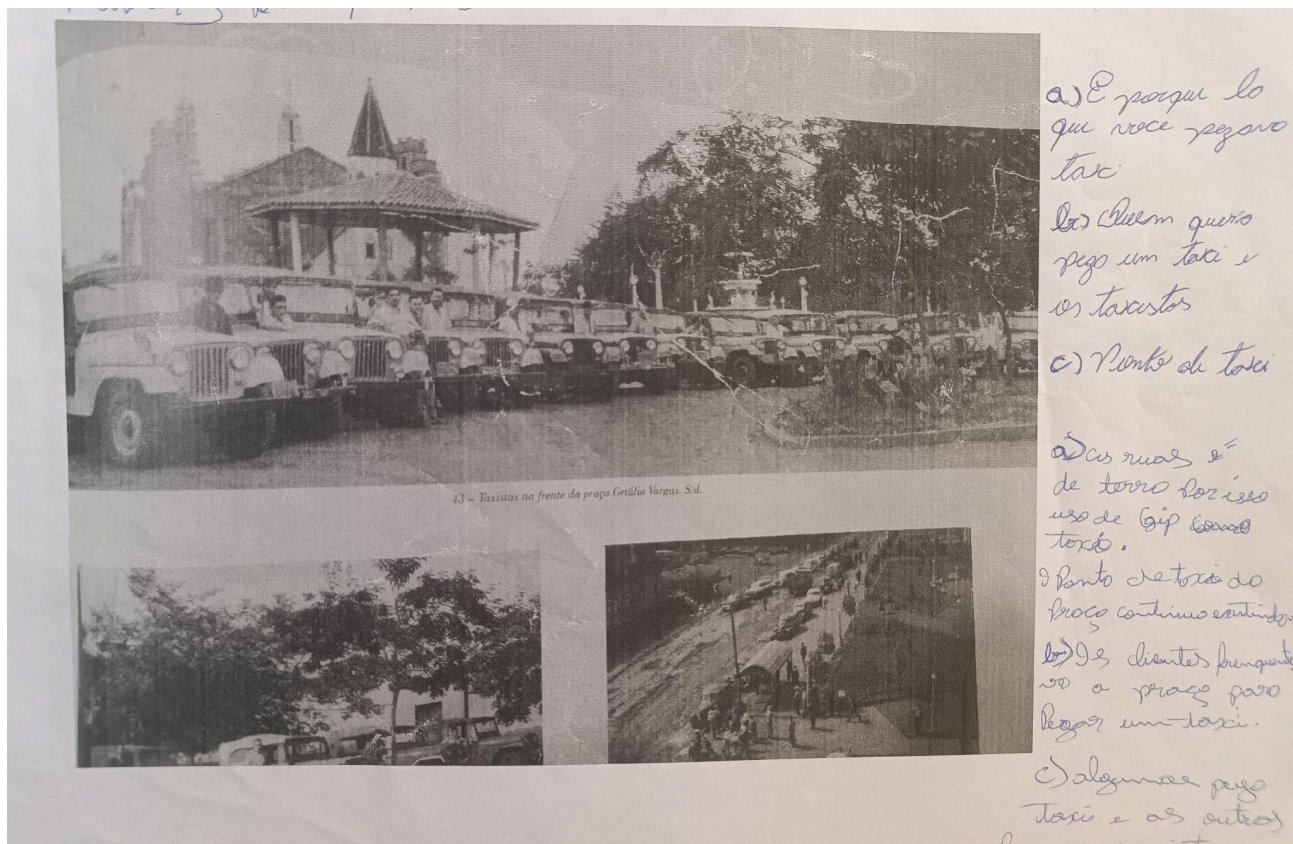
Segundo Peter Burke (2013), as imagens não devem ser consideradas simples reflexos de suas épocas, mas sim prolongamentos dos contextos sociais em que elas foram produzidas.

Os estudantes foram então instigados a observar todos os elementos presentes nas paisagens retratadas nas fotos, escrevendo suas impressões.

Um dos mais importantes objetivos do ensino de história é fazer com que os alunos consigam se expressar sobre os conteúdos estudados, seja da forma escrita ou verbal, como forma em que eles possam entender e explicar a sua realidade, fazendo ligações entre o passado e o presente, tendo também capacidade de se posicionar.

A imagem que retrata um ponto de táxi localizado na praça Getúlio Vargas os levou a refletir do porquê dos táxis daquele período serem veículos tão robustos, levando a pensar na situação das ruas, que mesmo na região central da cidade ainda não eram asfaltadas.

**Figura 15:** Apontamentos dos alunos sobre a Praça



Fonte: Imagem do arquivo pessoal (2023).

Alguns deles mostraram surpresa em saber que já existia serviço de táxi naquela época e alguns deles mencionaram que o ponto de táxi retratado nas fotografias ainda existe no mesmo lugar até hoje embora tenha perdido bastante cliente nos últimos anos para os aplicativos.

A seguinte imagem retrata novamente a praça central em diferentes momentos, mas em todas as imagens tem destaque a Catedral São José. Procurei aqui relacionar o local com o nacional, perguntando qual é o nome da praça onde a igreja está localizada, Getúlio Vargas, com os conteúdos trabalhados nas aulas de história naquele semestre, a Revolução de 30 e o Estado Novo.

Das imagens selecionadas do acervo, a que mais chamou atenção dos alunos é a que retrata a construção do prédio da atual Catedral São José.

**Figura 16:** Apontamentos dos alunos sobre a construção da Catedral São José



Fonte: Imagem do arquivo pessoal (2023).

Na foto, é possível ver a igreja original, modesta e de madeira, sendo "engolida" pelo novo templo, que é maior e mais imponente, tornando-se o principal cartão postal da cidade. João, um dos alunos, disse: "Essa imagem me impressionou porque mostra uma grande mudança. A pequena igreja de madeira representa nosso passado simples, enquanto a nova catedral simboliza o crescimento e a modernização de Campo Mourão."

Em um dos grupos da atividade, foi feito o seguinte relato: "a imagem mostra uma grande mudança. A pequena igreja de madeira representa simplicidade, enquanto a nova simboliza o crescimento."

Este relato convergiu com as demais narrativas criadas pelos outros grupos ao analisar a imagem, em todos eles fica notável a ideia de progresso percebida pelos alunos, numa ideia de crescimento contínuo e ininterrupto, característica muito comum na historiografia local e na própria narrativa do museu, respostas que foram muito similares às das imagens da construção do prédio que abriga atualmente o museu, o primeiro edifício de alvenaria da cidade, os alunos identificam que a construção de alvenaria significa progresso social.

Praças são lugares de memória por excelência, onde ao longo do tempo milhares de pessoas fizeram uso destes espaços das mais diferentes maneiras, levando consigo as mais diferentes memórias e impressões.

Optei por trabalhar com eles com duas praças, a central, Getúlio Vargas e a do Lar Paraná, mais próxima ao colégio, pois para além da região central da cidade, os alunos também trabalharam com imagens do bairro e do colégio agora também reconhecidos como patrimônios. A Praça Alvorada, que fica a poucas quadras do colégio, não foi esquecida. Em um primeiro momento me chamou a atenção o fato de nenhum dos alunos agora conhecia o nome oficial do logradouro embora dissessem frequentar bastante o lugar, mesmo que só de passagem, se referiam a ela como "a Praça do Lar Paraná" ou a "Praça da Igreja". Assim como a praça central, a praça Alvorada também possui uma imponente igreja Nossa senhora do Caravaggio, muito retratada nas fotos dos alunos.

Usando as imagens dos templos religiosos, procurei instigá-los sobre os usos dos espaços públicos. Os coretos foram as construções que geraram mais comentários, pensamos em seus usos ao longo do tempo, desde a sua construção até a atualidade. Eles pontuaram que diferente das igrejas, que ganharam construções mais suntuosas à medida em que a cidade crescia, seu uso se

manteve inalterado como um lugar sagrado de oração enquanto os coretos que mantiveram suas características arquitetônicas preservadas ganharam outros usos.

Perguntei a eles se frequentavam o coreto e sabiam de seus usos e recebi respostas das mais variadas.

As análises realizadas pelos alunos sobre as fotografias da praça podem ser interpretadas à luz das contribuições de Pierre Nora, que introduziu o conceito de lugares de memória, espaços onde a memória se ancorou, cristalizou e encontrou refúgio ao longo do tempo.

O historiador francês Pierre Nora desenvolveu este conceito dentro do contexto da chamada crise da memória que o continente europeu passava nas últimas décadas do século XX, em um momento onde as formas tradicionais de transmissão de memória, como a oralidade e as práticas culturais locais perdiam espaço para as memórias audiovisuais e a cultura de massa.

Ele observou que diante dessa crise da memória, era necessário encontrar novas maneiras de preservar e valorizar as memórias. Assim, ele cunhou o conceito de "lugares de memória" para se referir a locais físicos, objetos, práticas culturais e eventos que se tornam pontos de referência simbólicos para uma comunidade.

Estes lugares não surgem de maneira espontânea, mas são construídos ao longo do tempo, refletindo os contextos históricos onde eles estão inseridos, Pierre Nora nos diz que (1993, p. 13), "os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea [...]". E não há memória espontânea porque se vive em um contexto marcado por rupturas, pois as mudanças sociais e culturais ao longo do tempo alteram continuamente as formas como as pessoas percebem, lembram e interpretam o passado.

Essas mudanças podem ser percebidas nas respostas que os alunos deram sobre os usos do coreto. A construção que não é um bem tombado pelo patrimônio público concebido originalmente como um espaço para apresentações musicais de fanfarras e bandas, hoje é utilizado de maneira diferente. As respostas dos alunos indicam que o coreto se tornou um local de encontro e expressão cultural, onde ocorrem outras manifestações musicais como batalhas de rap, danças e ponto de encontro.

Por fim, não poderia faltar imagens históricas também do Colégio para que eles pudessem comparar com as imagens que eles registraram nas práticas anteriores.

Selecionei algumas imagens alusivas à visita do ex-presidente da república Fernando Henrique a cidade em fevereiro de 1995, onde inaugurou o Teatro Municipal. Antes da inauguração, ele visitou o colégio para ministrar uma palestra de abertura do ano letivo.

**Figura 17:** Visita do presidente Fernando Henrique ao colégio



Fonte: Museu Municipal (1995)

**Figura 18:** Espaços da escola



Fonte: Imagem do arquivo pessoal (2023)

Ante a surpresa ao descobrirem que um presidente já visitou o colégio, as comparações das instalações físicas do colégio dominaram os textos, os alunos identificaram que pouca coisa quanto ao prédio mudou de lá para cá, identificando apenas mudanças nos uniformes e na pintura (figura 18).

Tornou-se possível para os alunos perceberem diversas permanências que não se separam entre passado e presente.

A escola desempenha um papel fundamental na vida humana, indo além de um simples local de ensino. Ela é um espaço onde acontecem experiências enriquecedoras e trocas significativas, essenciais para a formação de valores, o desenvolvimento social e a construção da identidades.

Os alunos em diversos momentos citaram que seus pais e até mesmo avós também estudaram no colégio, reforçando a ideia de que a instituição escolar é também um lugar de memória.

### **3.6 Imagens Reveladas: Exposição dos Resultados do Projeto**

Concluída essa importante etapa com as fotografias do museu, na quinta-feira seguinte, a primeira do mês de Junho, realizamos uma saída a campo pelo bairro onde está localizado o colégio. Antes da atividade, os alunos receberam uma autorização impressa para participar da atividade, pois, mesmo não sendo um trajeto muito distante, era obrigatório garantir a permissão dos pais e/ou responsáveis por serem todos alunos menores de idade. Todos entregaram o documento assinado e logo partimos para o nosso caminho pelas ruas circundantes do colégio, munidos da câmera Samsung que eles já estavam familiarizados e agora também da Tekpix, uma câmera digital bastante simples que ganhou fama nacional em anos anteriores principalmente devido às suas campanhas publicitárias televisivas bastante agressivas. A Tekpix prometia, ao menos nas propagandas ser um equipamento versátil, não apenas uma câmera digital, mas também uma filmadora, gravador de áudio, *pendrive* e rádio.

Com o objetivo de explorar a história local por meio de saídas a campo e da análise dos bens patrimoniais situados no entorno do colégio, Maria Auxiliadora Schmidt (2007) nos afirma que a História não se restringe ao conhecimento

veiculado principalmente pelos manuais didáticos, o conteúdo da História pode ser encontrado em todos os lugares; e o conhecimento histórico está na experiência humana. (SCHMIDT, 2007, p. 195)

Durante o percurso, os alunos observaram e registraram pelas lentes das câmeras os espaços e locais que compõem o bairro, as casas, placas, comércio, animais e plantas. Cada esquina e cada canto contavam uma história.

**Figura 19:** Oficina de fotografia nos espaços públicos



Fonte: Imagem do arquivo pessoal (2023).

A imagem registrada pelo aluno J. do 2º ano, um dos mais assíduos ao longo do projeto, apresenta uma composição bastante interessante. A fotografia registra um contraste em primeiro plano de caçambas de entulho com um fundo com árvores bastante frondosas.

**Figura 20:** Caçambas



Fonte: aluno “J” (2023).

Ele relata:

“No caminho no retorno da praça me deparei na esquina com estas caçambas. Gostei da diferença entre as cores, amarelo, verde e azul, coisas tão diferentes, de um lado as mudanças da construção de uma nova casa e do outro a presença de grandes árvores, a natureza que ainda permanece”. Aluno “J” 2ºA.

Aqui fica perceptível a relação criada entre as mudanças e permanências, conteúdo apropriado nas aulas anteriores.

O mesmo aluno, no outro lado da esquina, também fez mais um interessante registro de uma casinha de madeira, abandonada e em péssimo estado de conservação.

**Figura 21:** Casa antiga da esquina



Fonte: aluno “J” (2023)

Aproveitei a oportunidade para relembrar as inúmeras madeiras que existiram no bairro e na cidade nas primeiras décadas da colonização, destacando o impacto da extração de madeira na região. Ressaltei a grande quantidade de árvores derrubadas, especialmente araucárias e perobas centenárias, e como as casas remanescentes representam um testemunho desse período.

Nesse sentido, ao destacar os lugares do cotidiano, buscando a historicização do comum, deseja-se aproximar os alunos da disciplina de história. Esse processo permitiu também que eles compreendessem a relação dialética entre o passado e o presente.

Na praça, a imagem registrada pelo aluno P. retrata um parquinho criado recentemente.

**Figura 22:** O parquinho



Fonte: aluno “P” (2023)

Ele relata: “escolhi fotografar o parquinho porque este lugar é novo, antes não tinha nada aqui, agora depois das aulas e nos fins de semana fica lotado”.

Neste, entre outros relatos, foi possível identificar como os alunos pensam sobre os usos dos espaços públicos ao longo do tempo mostrando como a praça, um espaço público tradicional, continua a ser usada e adaptada ao longo do tempo para atender às novas gerações pelas suas demandas.

**Figura 23:** Retorno ao colégio após a saída de campo



Fonte: Imagem do arquivo pessoal (2023).

Foram ao todo feitas nesse dia 72 fotos que logo ao terminar todos os filmes me prontifiquei em enviá-las o quanto antes para o laboratório fotográfico.

O avanço das tecnologias digitais trouxe grande praticidade ao ato de fotografar e compartilhar imagens, especialmente com o advento das redes sociais, o que revolucionou a maneira como produzimos e consumimos fotografias. No entanto, a fotografia analógica ainda persiste como uma prática cultuada por um grupo específico de entusiastas e artistas, sobretudo nos grandes centros urbanos, que buscam não apenas a estética do filme analógico, mas também a experiência dos processos, o "ritual" que esse método oferece.

Conforme Maciel (2010), devido à escassez de matéria-prima e à diminuição dos laboratórios de revelação, a prática da fotografia analógica torna-se um ato de resistência para aqueles que apreciam esse processo.

Em Campo Mourão não existem mais laboratórios de revelação analógicos, o último, um dos mais tradicionais da cidade deixou de trabalhar com filme se dedicando somente ao digital devido a falta de demanda e o alto custo dos químicos. O proprietário me afirmou que não compensava mais manter toda a estrutura pois cada vez menos clientes procuravam o serviço. Sendo assim, enviei os filmes para a cidade mais próxima que ainda mantém um laboratório que trabalha com revelação fotográfica, Maringá, localizada a aproximadamente 90km. O prazo

estipulado era de 30 dias úteis para ter as imagens reveladas e impressas em mãos.

Ciente de que o semestre estava chegando ao fim e precisávamos concluir todas as atividades, dedicamos as próximas aulas a preparação da exposição de tudo o que foi produzido para a comunidade escolar. Na disciplina de Componente Curricular Eletivo, a avaliação é realizada por meio da chamada culminância, um momento no calendário escolar onde todos os resultados das atividades realizadas pelos alunos são apresentados.

Como ainda não tínhamos todas as imagens em mãos, nos concentramos nas aulas restantes do mês de Junho em montar os cartazes, que serviriam de suporte para as imagens. Começamos criando um cartaz de apresentação da exposição. Expliquei que era importante incluir o título do projeto de forma convidativa, para atrair os visitantes, e também garantir uma identificação da autoria de todas as imagens que seriam expostas.

**Figura 24:** Preparação da exposição pelos alunos



Fonte: Imagem do arquivo pessoal (2023).

Ao todo, tínhamos em mãos 112 fotografias, surpreendente nenhuma foto analógica foi perdida. Como o número de cartolinas disponíveis não era suficiente para colar todas as imagens, decidimos montar também varais de fotografias. Pedi aos alunos que, se possível, trouxessem prendedores de roupas emprestados para serem usados no dia da exposição. Além das fotografias, planejamos expor e demonstrar as câmaras escuras. Era importante que os visitantes da exposição compreendessem claramente o que estava sendo apresentado.

No dia da exposição, 6 de Julho de 2023, optamos por utilizar a biblioteca do colégio para montar o espaço expositivo. Inicialmente, a ideia era organizar a mostra no pátio externo, no entanto, a previsão de chuva e a vantagem de manter as fotografias expostas por mais tempo tornaram a opção pela biblioteca mais atraente e prática.

Para além de expor imagens para fim contemplativo, tinha como missão que a exposição também fosse algo interativo, em que os visitantes pudessem também tocar, sentir as texturas, cheiros, experimentar na prática a mesma experiência que os alunos tiveram ao manusear os dispositivos de mídia física. Além das fotos, também ficaram expostas as câmeras usadas para registrar as imagens, os negativos e as câmaras escuras, atrações a parte em que todos puderam manusear e observar com seus próprios olhos as imagens serem projetadas.

**Figura 25:** Exposição: Fotografia e História local: aprendendo com o uso de imagens



Fonte: Imagem do arquivo pessoal (2023).

Todos os alunos, na função de fotógrafos, assumiram também o papel de curadores da exposição fotográfica, tornando-se protagonistas do processo de aprendizagem. Nossa compreensão de curadoria é ampla, abrangendo todas as contribuições dos alunos, pois sem eles nada disto seria possível.

**Figura 26:** Produto desenvolvido pelos estudantes



Fonte: Imagem do arquivo pessoal (2023).

Os resultados ao final da exposição foram muito bons. A interatividade proporcionada pela exposição permitiu que o público presente, alunos, professores e demais funcionários do colégio pudessem se envolver com as imagens e os objetos ali expostos, estimulando perguntas e reflexões sobre a história e as fotografias. Também foi notável perceber por parte dos alunos expositores o orgulho ao verem o seu trabalho em destaque, de explicarem os cartazes aos visitantes e ao receberem elogios pelo esforço demonstrado.

Foi muito gratificante perceber o orgulho por parte dos alunos expositores ao verem o seu trabalho em destaque no colégio. Como expressou um dos participantes, “F” do 2ºA:

“Foi muito bom ver todo mundo interessado no que a gente produziu. Explicar o funcionamento das câmeras ao pessoal e receber elogios pelas fotos pelo nosso esforço me fez entender que o nosso trabalho foi importante.”

Paradoxalmente, a atividade terminou próxima de uma das primeiras ideias discutidas logo ao ingressar no programa. Nas primeiras orientações com o

professor Michel, foi pensada a ideia de dar o pontapé inicial e trabalhar com a digitalização e catalogação de imagens históricas do acervo do Museu Municipal, imagens que se mostraram quase que inacessíveis de serem utilizadas durante o projeto.

As fotografias registradas pelos alunos geraram um novo acervo e era necessário valorizá-las. Na impossibilidade de inserir todas as imagens na dissertação e para evitar repetir os mesmos erros da administração do museu quanto à disponibilidade das imagens, foi criado um álbum virtual público com todas as fotografias registradas ao longo da pesquisa, garantindo que esses registros não ficassem restritos ou se perdessem em uma gaveta qualquer.

O ato de "fotografar a fotografia" revelou-se muito mais do que simplesmente cumprir a última fase da proposta didática. As imagens apresentadas no álbum transformaram-se em narrativas autorais, dando voz aos alunos que participaram do projeto, tanto pelos seus registros fotográficos quanto pela expressão de suas impressões sobre a história local e memórias de Campo Mourão.

Para organizar o álbum virtual, escolhemos a plataforma digital Canva<sup>11</sup>. Esta escolha se deu pelo conhecimento básico que eu possuía de algumas de suas possibilidades, adquirido em cursos de formação ofertados pela Secretaria da Educação, além do fato de ver que os alunos já utilizavam a plataforma em seus trabalhos escolares, substituindo o tradicional PowerPoint.

O Canva é disponibilizado em uma versão mais básica gratuita e outra paga, profissionais, com recursos mais avançados. Para os professores da rede estadual do Paraná, todas as funcionalidades da versão profissional estão disponíveis através do acesso com o e-mail institucional. Entre suas funcionalidades destacam-se a criação de cartazes, *slides* e a edição de vídeos, tornando-a uma boa opção para fins educacionais.

### **Imagem 27:** Fragmento da exposição virtual

---

<sup>11</sup> O Canva é uma plataforma de design gráfico online que permite a criação de diversos tipos de conteúdos visuais, como apresentações, cartazes, convites, documentos, oferecendo recursos para edição colaborativa, facilitando o trabalho em grupo.



Fonte: Imagem do arquivo pessoal (2024).

A divulgação das atividades desenvolvidas em sala de aula é essencial para ampliar o conhecimento produzido, permitindo que a comunidade escolar tenham acesso às reflexões dos alunos. Muitas vezes, os trabalhos realizados ficam restritos ao ambiente escolar, limitando seu potencial de alcance e a valorização dos esforços dos estudantes. Compartilhar essas produções contribui não apenas para o reconhecimento do trabalho pedagógico, como fortalece a percepção de que o aprendizado vai além da sala de aula.

Com essa preocupação em mente, além do álbum digital, também criamos um cartaz contendo um QR Code que direciona diretamente ao álbum virtual. Essa iniciativa visa facilitar o acesso ao material e ampliar a divulgação do projeto.

Convidamos a todos a acessarem o álbum de fotografias produzido durante o projeto! Basta escanear o QR Code disponível no cartaz ou acessar o seguinte [link](#) para explorar os registros e impressões dos alunos sobre a história e o patrimônio.

**Imagem 28:** Cartaz de divulgação da exposição virtual



Fonte: Imagem do arquivo pessoal (2024).

Este álbum é um testemunho visual do envolvimento e das impressões dos alunos sobre a história e o patrimônio de Campo Mourão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Passados quase cinco semestres de reflexão, chego ao fim desta escrita, marcada por inúmeros desafios. Trabalhar com a temática da história local, um assunto de grande relevância mas que infelizmente não é contemplado no currículo do ensino médio, mostrou-se um grande desafio. Atualmente, o ensino de história e a escola enfrentam ataques contínuos, como a redução da carga horária, o esvaziamento dos currículos escolares e a pressão crescente por plataformas digitais e avaliações externas que muitas vezes carecem de significado e reflexão.

Medidas como essas geram um sentimento de incerteza e prejudicam o andamento das atividades escolares, refletindo um cenário onde índices e metas fantasiosas parecem prevalecer, medidas estas que contribuem para sentimento de incertezas, dúvidas e prejudicam o andamento das atividades escolares.

A escola é um ambiente essencial para a vida humana, proporcionando não apenas a aquisição de conhecimentos científicos, mas também por ser um espaço de convivência, troca de ideias e desenvolvimento pessoal. Diferente da visão limitada de muitos que a veem apenas como um “depósito” de crianças e adolescentes, a escola ainda se revela como um espaço transformador, é nela que os alunos aprendem a construir relações, exercitar o respeito às diferenças e desenvolver habilidades que vão além do âmbito acadêmico, contribuindo para o crescimento pessoal e social de cada indivíduo.

Desenvolver o material temático para trabalhar com os alunos também foi desafiador. A transformação do colégio em turno integral trouxe falta de orientação inicial sobre a execução da disciplina do componente curricular eletivo, resultando em muitas tentativas baseadas no método de tentativa e erro, todos os materiais utilizados para confeccionar as atividades e a exposição foram custeados por mim, não recebi nenhum fomento para a realização das atividades.

De acordo com Bordin (2021), a fotografia analógica, devido aos altos custos e à limitada disponibilidade de materiais, tornou-se um luxo acessível apenas para um público restrito, sendo portanto elitizada.

Trabalhar com fotografia analógica no século XXI se tornou um nicho caro e restrito, assim como a impressão das imagens.

Preparar atividades hoje em dia, em um contexto onde se exige cada vez mais o uso das famigeradas metodologias ativas e diferenciadas, é um desafio

constante. Para que essas metodologias realmente façam a diferença e não sejam apenas um fazer por fazer, é necessário tempo adequado. Esse tempo é crucial para estudar, planejar, executar e refletir sobre os resultados.

Assim como em todo o processo de escrita da dissertação de mestrado, a preparação das atividades pedagógicas demandou tempo considerável. Esse tempo, entretanto, está se tornando cada vez mais escasso devido às constantes cobranças por índices e resultados já mencionados anteriormente.

Considero a questão do tempo uma das necessidades mais importantes, tanto para preparar as atividades quanto para cumprir os prazos do programa de mestrado. Isso é especialmente relevante em um programa como o PROFHISTÓRIA, que se diferencia de um programa acadêmico tradicional, se faz necessário considerar as longas jornadas dos professores na escola. Garantir tempo para cumprir todos os prazos e estudar é essencial para evitar a sobrecarga e manter a saúde mental diante dessas situações.

Outro grande desafio foi organizar as atividades práticas fora da sala de aula, nos pátios e corredores do colégio, e principalmente as saídas dos alunos no espaço público. Obter autorizações para saídas, uso de imagem e lidar com fatores meteorológicos foram um dos fatores.

Apesar de todas essas dificuldades, elas serviram como combustível para continuar a jornada, transformando percalços em oportunidades para seguir adiante, como professor, para os alunos e para a comunidade em geral. Ver o entusiasmo e o sorriso dos alunos na exposição que eles mesmos produziram foi um momento muito especial e marcante. Durante toda a atividade, as sugestões, dúvidas e questionamentos dos alunos foram extremamente gratificantes.

Trabalhar com um pequeno grupo de alunos se mostrou vantajoso por permitir um acompanhamento mais próximo de cada um, individualizado. Além de tornar possível os deslocamentos fora da sala de aula, sobretudo fora da escola, impensável na realidade das salas de aula superlotadas do ensino médio.

Em um momento caracterizado pelo forte presentismo e imediatismo, ver o interesse dos alunos por objetos distantes de sua realidade, como câmeras fotográficas antigas e imagens em preto e branco, foi uma grata surpresa, assim como o interesse em conhecer a história do local onde vivem.

Foi perceptível em vários momentos a relação estabelecida entre história, memória e identidade, pois os alunos, ao documentar e refletir sobre os diferentes

espaços do colégio e da cidade, não se limitando a apenas aprenderem fatos e datas consideradas importantes, mas também em conectar os elementos presentes nas fotografias ao cotidiano e suas memórias.

. A história, como disciplina escolar, aqui dentro da modalidade do componente curricular eletivo, foi enriquecida pelas memórias individuais e coletivas dos alunos. O vínculo entre história e memória permitiu que os alunos reconhecessem a importância de preservar e valorizar a história do local de onde vivem.

Diante de tudo que foi produzido até aqui, convido os professores a pensarem em atividades e metodologias diferenciadas sempre que possível, explorando as brechas encontradas na nossa difícil realidade escolar. Programas de mestrado como o PROFHISTÓRIA oferecem uma oportunidade valiosa para refletirmos sobre nossa prática e reconhecermos nossa capacidade, autonomia e responsabilidade na formação cidadã dos alunos, transformando-os em sujeitos pensantes e conscientes por meio da troca de informações e experiências. É fundamental levar esse conhecimento para além da escola, contribuindo para uma educação transformadora.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCA, Isabel. **Ideias chave para a educação histórica: uma busca de (inter)identidades.** História Revista, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 37-51, 2012, p. 47

BARCA, Isabel. **Aula Oficina: do Projeto à Avaliação.** In. Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131 – 144.

BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de História: Fundamentos e Métodos.** São Paulo: Cortez, 2011.

BITTENCOURT, Circe. **O saber histórico na sala de aula.** 7ª edição. São Paulo: Contexto. 2002

BORDIN, Ana Valquiria Vieira, **Fotografia digital: Da invenção do smartphone às novas poéticas visuais,** Curitiba, UNINTER, 2021.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & Fotografia.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou o ofício do historiador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica;** traduzido por Vera Maria Xavier dos Santos; São Paulo: Editora Unesp, 2017.

CAINELLI, Marlene. **Educação histórica: ensinando e aprendendo história no ensino fundamental: texto mesa redonda.** In: ENCONTRO NACIONAL DOS PESQUISADORES DO ENSINO DE HISTÓRIA. Metodologias e Novos Horizontes, 8., 2008, São Paulo. Anais... São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2011.

CAMPO MOURÃO, **Decreto Nº 2470 de 15 de Março de 2002.**

Disponível

em:

<https://leismunicipais.com.br/a/pr/c/campo-mourao/decreto/2002/247/2470/decreto-n-2470-2002-regulamenta-a-lei-n-1411-de-4-de-dezembro-de-2001-que-dispoe-sobre-a-preservacao-do-patrimonio-natural-e-cultural-do-municipio-de-campo-mourao>

CAMPOS, C. E. da C. Michel de Certeau. **A Operação Historiográfica.** In: CERTEAU, Michel de. A Escrita da História. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CAINELLI, Marlene Rosa; TOMAZINI, Elizabete Cristina de Souza. **A Aula-Oficina como campo metodológico para a formação de professores em História: um estudo sobre o PIBID/História/UEL.** In: História & Ensino, Londrina, v. 23, n. 2, p. 11-33, (2017).

CAVALCANTE, Fernanda Alanna Machado. **“Ossos e barro na criação do Encantado: cultura material arqueológica no litoral de origem nos sertões de Quixeramobim -Ceará”**, Monografia, Universidade Estadual do Ceará, 2017

Constituição da República Federativa do Brasil. **Constituição de 1988.** Disponível em:

<[www2.camara.leg.br/.../constituicao-1988-5-outubro-1988-322142-publicacaoorigin](http://www2.camara.leg.br/.../constituicao-1988-5-outubro-1988-322142-publicacaoorigin)>.

Acesso em 05 de Fev. 2023.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e Prática de Ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados.** 8ª. ed. Campinas: Papyrus, 2009

FONSECA, Selva Guimarães. **História local e fontes orais: uma reflexão sobre saberes e práticas no ensino de história.** História Oral, v.9, n.1, p. 125-141, jan./jun. 2006.

HADLER, Maria Silva Duarte. **Modernização urbana, patrimônio e história: algumas considerações.** In: RABÊLO, Jinielle; MENESES, Sônia. (org.). História Pública e debate: patrimônio, educação e mediações do passado. São Paulo: Letra e Voz, 2018. p. 75-92.

HALBWACHS, Maurice, (1877-1945). **A memória coletiva.** São Paulo, SP: Centauro, 2017.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

GRUNBERG, Evelina. **Manual de atividades práticas de educação patrimonial.** Brasília, DF: IPHAN, 2007.

**HISTÓRIA,** Museu Municipal Deolindo Mendes Pereira, 2018. Disponível em: <<http://museudmp.blogspot.com/2018/08/relatos.html>>. Acesso em: 16 de fev. 2023.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2021. **Estimativa populacional de Campo Mourão,** 2019. Disponível em: [https://ftp.ibge.gov.br/Estimativas\\_de\\_Populacao/Estimativas\\_2021/POP2021\\_2022\\_1212.pdf](https://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2021/POP2021_2022_1212.pdf) Acesso em: 17 de fev. 2023.

INSTRUÇÃO NORMATIVA CONJUNTA Nº 003/2023 - DEDUC/DPGE/SEED. Curitiba, 2023.

IPHAN. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/276>>. Acessado pela última vez em 15 de Junho de 2024.

IPHAN. **Educação Patrimonial: Histórico. Conceitos e Processos.** 65f, 2014

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994 (Coleção magistério 2º grau. Formação do professor).

LINHARES, Maria Eliza. **História e Fotografia**. Belo Horizonte: Autentica, 2008.

KNAUSS, P. **O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual**. ArtCultura, 8(12). (2006).

KOBELINSKI, Michel. **Heroísmos, sedições e heresias: a construção do ufanismo e do ressentimento nos sertões da capitania de São Paulo (1768-1774)**. 2008. 250 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2008.

Maciel, N. (2010). **Com escassez de matéria-prima e laboratórios de revelação, o processo de fotografia analógica vira um ato de resistência**. Correio Braziliense, [www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2010/01/21/inter\\_na\\_diversao\\_arte,168050/com-escassez-de-materia-prima-e-laboratorios-de-revelacao-o-processo-de-fotografia-analogica-vira-um-ato-de-resistencia.shtml](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2010/01/21/inter_na_diversao_arte,168050/com-escassez-de-materia-prima-e-laboratorios-de-revelacao-o-processo-de-fotografia-analogica-vira-um-ato-de-resistencia.shtml).

Acessado em 04 de Setembro de 2024

MAUAD, Ana Maria. **Através da imagem: fotografia e história interfaces**. Tempo, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 73-98, 1996.

MAUAD, Ana Maria; LOPES, Marcos Felipe de Brum. **História e fotografia**. In: CARDOSO, Ciro F. & VAIFANS, Ronaldo (orgs). **Novos domínios da História**. Rio de Janeiro, Elsevier; Campus, 2012, p. 263-281.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. **Memória e cultura material**: documentos pessoais no espaço público. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 89-104, jul. 1998. ISSN 2178-1494.

Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2067/1206>>. Acesso em: 11 Abril. 2024.

MOTA, Lúcio Tadeu. **As guerras dos índios Kaingang**. A História épica dos índios Kaingang no Paraná (1769-1924). Maringá: EDUEM, 2009.

NORA, P., & Aun Khoury, T. Y. (2012). **ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: A PROBLEMÁTICA DOS LUGARES**. Projeto História : Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História, 10. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101> Acesso em 15 Abril. 2024.

PINTO, Júlio Pimentel; TURAZZI, Maria Inez. **Ensino de História**: diálogos com a literatura e a fotografia. 1ª ed. São Paulo: Moderna. 2012.

POLLAK, Michael. **“Memória e identidade social”**. In: Estudos Históricos, 5 (10). Rio de Janeiro, 1992.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 6ª ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2020.

SANTOS JÚNIOR, J. E. . **Campo Mourão: a construção de uma cidade**. 1. ed. Londrina - PR: Midiograf, 2017.

SCHMIDT, M. A.; CAINELLI, M. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2009.

SCHMIDT, M. A. **História Do Ensino De História No Brasil: Uma Proposta De Periodização.** Revista História da Educação – RHE Porto Alegre, v. 16, n. 37, p. 73-91, 2012.

SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VEIGA, Pedro da. **Campo Mourão: centro do progresso.** Maringá: Bertoni, 1999.

WEBER, A. **Fundação da cidade de Campo Mourão sob a perspectiva das narrativas da historiografia local.** Temas & Matizes, [S. l.], v. 17, n. 29, p. 23–46, 2023.

## **APÊNDICE A - Conversando com o professor**

Esta sequência didática foi inicialmente destinada aos alunos do ensino médio do Colégio Estadual Dom Bosco localizado em Campo Mourão-PR como uma atividade propositiva do PROFHISTÓRIA Unespar. Foi proposta uma série de atividades práticas pensadas em um semestre com o intuito de entrelaçar o ensino da história local do município com o uso da fotografia, sendo utilizados uma seleção de imagens presentes do acervo do Museu Municipal da cidade e também pelas imagens produzidas pelos próprios alunos participantes do projeto em diversos espaços patrimoniais da cidade como o colégio e as ruas circundantes.

O principal objetivo foi o de aproximar a história local da realidade dos alunos, para além dos conteúdos obrigatórios presentes no currículo do estado, valorizando a participação ativa dos alunos em todos os momentos deste processo na condição de coautores.

Nesse sentido, a seguinte propus que esta sequência didática servisse como uma referência para os demais professores da rede, não somente os do município de Campo Mourão, mas todos aqueles interessados em trabalhar com a temática local e patrimonial em suas aulas de maneira prática, valorizando as capacidades dos alunos e que também os auxilie em seu reconhecimento como sujeitos da história e pertencentes do lugar onde vivem.

Por fim, uma questão muito cara ao término das atividades era o de valorizar e divulgar tudo aquilo que foi produzido para que não ficasse restrito entre as quatro paredes da sala de aula, fim que muitas atividades interessantes acabam tendo pelas escola, mas que se tornasse também um espaço de compartilhamento e socialização dos saberes construídos e aprendidos, pois um novo acervo fotográfico foi gerado dessa vez pela ação da comunidade.

# Fotografia e História local: aprendendo com o uso de imagens

## Uma breve história da fotografia

Muitas vezes, em meio à rapidez das mudanças tecnológicas, não nos preocupamos em pensar e refletir sobre o funcionamento e a origem das coisas que usamos com muita frequência.

Com o propósito de despertar essa curiosidade, a proposta desta aula, a primeira da nossa eletiva, consiste em uma verdadeira "viagem no tempo", que inclui conhecermos as **origens da fotografia**, das primeiras experiências no século XIX até a atualidade.

## A câmara escura: o princípio da fotografia

Muito antes da invenção da fotografia, quando as pessoas queriam ter um retrato, a solução era contratar um habilidoso artista e ficar por horas parado na mesma posição até que esse pintor concluísse a sua obra.

Uma das formas de abreviar esse processo era com o uso da câmara escura.

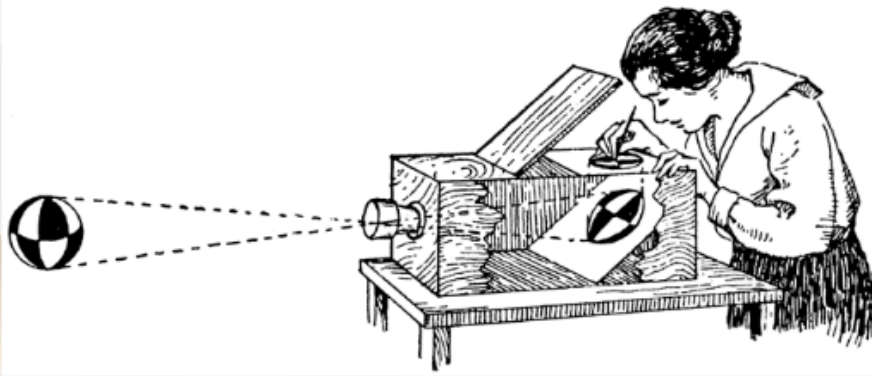


Van Gogh. "Autorretrato com a Orelha Cortada", 1889. Reprodução: Artnet News.



Tarsila Amaral, "Auto Retrato (Manteau Rouge)", 1923. Reprodução: Artelbrasileiros.

Este simples equipamento, embora tenha sido inventado a muito tempo, só começou a ser usado com mais frequência durante o **Renascimento** (século XVI em diante). A câmara já era construída e conhecida desde a Antiguidade. Conta-se que Aristóteles construiu um equipamento muito similar para observar um eclipse solar há 2350 anos atrás.



## Da câmara escura para câmera fotográfica

O princípio de toda câmera fotográfica, seja ela digital, presente em todos os aparelhos celulares ou a analógica, passa pela câmara escura.

*“Quando as imagens dos objetos iluminados penetram num compartimento escuro através de um pequeno orifício e se recebem sobre um papel branco situado a uma certa distância desse orifício, vêem-se no papel, os objetos invertidos com as suas formas e cores próprias.”* Leonardo da Vinci

# O registro fotográfico

Foi somente no século XVIII que os primeiros experimentos com produtos químicos fotossensíveis permitiu a **fixação** da imagem projetada pela câmara escura, a fotografia.

A invenção da fotografia foi um processo gradual e colaborativo, fruto dos estudos e experimentos de muitas pessoas em várias regiões, incluindo o Brasil.

## Joseph Niepce - França (1826)



Reprodução: Wikimedia Commons

Será essa a primeira fotografia da história?

## Primeiras experiências fotográficas no Brasil

O imigrante suíço **Hercules Florence** de forma independente fez importantes contribuições para o desenvolvimento da fotografia no Brasil. Porém, por estar distante dos grandes centros industriais europeus, não teve o devido reconhecimento de suas invenções até não muito tempo.



Hercules Florence, 1875

## As experiências de Hércules Florence

Além de inventor, foi desenhista, pintor, tipógrafo e naturalista.

Seu interesse pelos estudos naturais o fez se fixar no Brasil, onde participou de diversas expedições pelo interior do país contratado como **desenhista**, retratando diversas paisagens naturais e humanas: a fauna, a flora e a população visitada.



Desenho de um índio Bororo, feito por Hercule Florence



Cachorro do mato. Aguada em nanquim de Hercule Florence, 1829.

## A popularização da fotografia (1888)

Nos Estados Unidos, o fotógrafo George Eastman fundou uma empresa que mais tarde revolucionou a fotografia: a **Kodak**. Sua câmera portátil e filme fotográfico de rolo popularizaram imensamente a fotografia entre amadores.

Seu lema era: “Você aperta o botão e nós fazemos o resto”.

Um grande sucesso, sem dúvidas.



### *A Kodak conserva a lembrança*

Nos momentos de folga, nas férias e na casa, são muitos os incidentes de que se quiseram lembrar sempre, e as photographias não permitem esquecer.

A Kodak conserva a lembrança dos dias felizes passados, para os renovar nos annos vindouros.

*Todas as Kodaks são Autographicas*

Kodak Brasileira, Ltd., Rua São Pedro, 268, Rio de Janeiro



### Quero lembrar este momento...

Como é maravilhoso poder lembrar - e ser lembrado! Basta o "click!" e um momento como este fica retido para sempre - para ser vivido e revivido através dos anos. E não é para isto mesmo que os filmes Kodak são feitos?

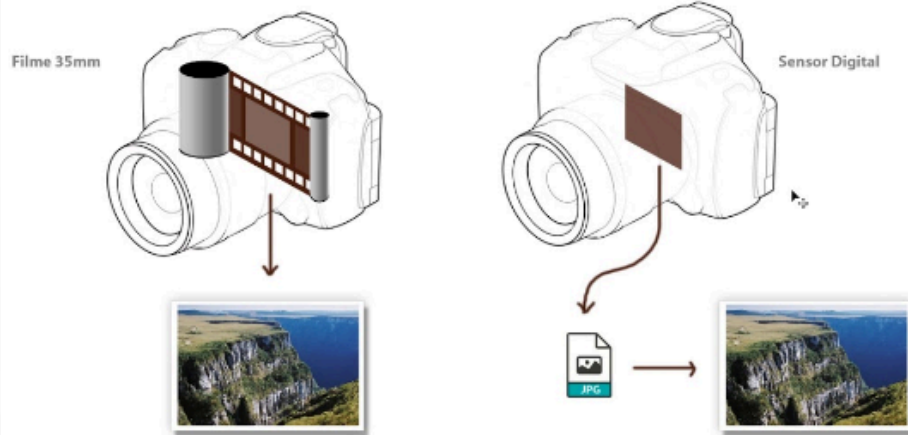


Os filmes Kodak Brownie e Kodak, nos produtos "click" para o consumidor, são vendidos nos nomes "Kodak" e "Kodak". Para obter mais informações, consulte o livro "Kodak" e o livro "Kodak".

Várias formas de armazenar informações, como fotografias ao longo da história



Fotografia digital: do filme para os megapixels



### Diferenças filme e o digital

## Fotografia digital: do filme para os megapixels

O início da fotografia digital remonta às décadas de 1950 e 1960, quando os primeiros avanços foram feitos na captura e armazenamento eletrônico de imagens. A NASA foi uma das pioneiras na captura de imagens digitais.

No entanto, somente no final do século XX, com o desenvolvimento de tecnologias que permitiam a captura, processamento e armazenamento de imagens digitais de maneira acessível ela passou a se tornar mais frequente na vida das pessoas.

## Evolução da fotografia digital

A partir dos anos 2000, a fotografia digital se tornou dominante e praticamente substituiu a fotografia analógica.

A chegada das câmeras digitais compactas, a popularização dos **smartphones** com câmeras embutidas e o avanço do compartilhamento de imagens online contribuíram para a ampla adoção da fotografia digital.



## Evolução da fotografia digital

Desde então, a tecnologia continuou a evoluir, resultando em câmeras digitais cada vez mais sofisticadas, com sensores de alta resolução, recursos avançados de processamento de imagem e maior facilidade de uso. A fotografia digital abriu novas possibilidades criativas e transformou a maneira como capturamos, armazenamos e compartilhamos imagens.



# Patrimônio cultural

**Afinal, o que é o patrimônio cultural?**



## **Questionário - Google Forms**

1. Você conhece o Museu Municipal de Campo Mourão?
2. Você já visitou um museu ou uma exposição presencial?
3. E uma exposição virtual? Conhece algum museu on-line?

## **Uma definição para patrimônio cultural**

O patrimônio cultural é composto por monumentos, conjuntos de construções e sítios arqueológicos, de fundamental importância para a memória, a identidade e a criatividade dos povos e a riqueza das culturas. (IPHAN)

Ao longo do tempo vários prédios, objetos e monumentos foram deixados como uma manifestação do passado, muitos se tornaram patrimônio cultural.



Reprodução: Ministério do Turismo

## Patrimônio imaterial

O conceito de patrimônio cultural não se restringe aos bens materiais, os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas) (IPHAN).

**Você conseguiria citar um exemplo de patrimônio imaterial?**

**A cidade de Campo Mourão possui bens que podem ser considerados patrimônio cultural material e imaterial?**



## **O patrimônio pessoal**

Para além do patrimônio cultural coletivo, existe também o conceito de patrimônio pessoal, que consiste em uma coleção de acontecimentos e momentos importantes para nós, geralmente preservados em fotografias, vídeos, objetos de importante valor pessoal para nós.

**A fotografia pode ser considerada uma forma de patrimônio?**

# A história de Campo Mourão

A região que hoje compreende o município de Campo Mourão já era ocupada a muito tempo antes da chegada das primeiras expedições por povos indígenas como os guaranis e kayngangs, notáveis caçadores coletores.



Retrato do capitão Índio Bandeira, Museu Municipal.



A sociedade guarani era organizada em torno da figura do cacique, que detinha o poder político e religioso da comunidade. Na agricultura tem destaque o cultivo de milho, mandioca e batata-doce. Além disso, eles também produziam objetos diversos em cerâmica, tecelagem e plumária.

Já entre os kaingangs, de perfil mais sedentário e baseados na caça e pesca tinham como estrutura social os clãs e a presença de um chefe que era eleito por suas habilidades e conhecimentos. Na região, se destacou a presença do cacique capitão índio Bandeira

## Os Campos do Mourão

Quanto ao nome do município, sua origem se deve ao primeiro governador da capitania de São Paulo, o nobre português Luís António de Sousa Botelho Mourão, que governou a região de 1765 a 1775.



Somente em 1903 se fixaram os primeiros moradores, nomes de famílias que assim como o do capitão índio **Bandeira** nomeiam as principais ruas e avenidas da cidade, tais como os Theodoro de Oliveira e Albuquerque, nesta época o pequeno núcleo “urbano” pertencia ao município de Pitanga e tinha não mais que duzentos habitantes, em sua maioria, agricultores, pecuaristas e trabalhadores rurais que buscavam estabelecer-se nas terras férteis da região.



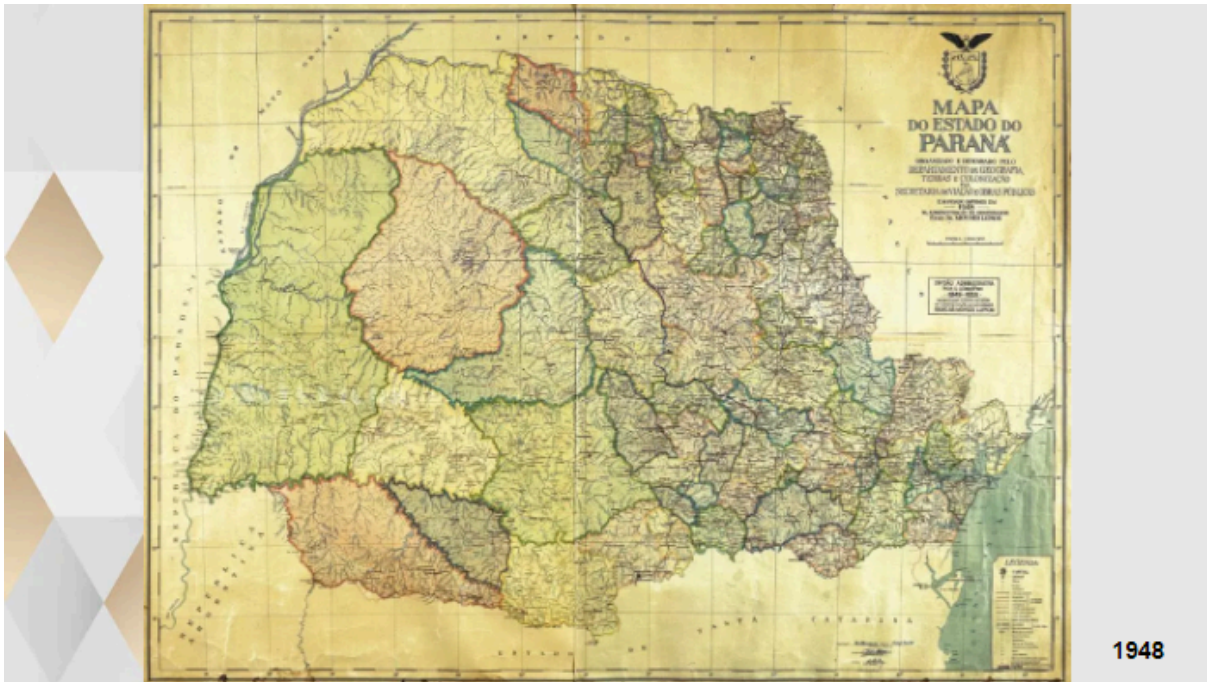
Mapa do estado do Paraná - 1908 - [https://www.iaf.pr.gov.br/Parana/Coletanea\\_de\\_Mapas\\_Historicos\\_do\\_Parana](https://www.iaf.pr.gov.br/Parana/Coletanea_de_Mapas_Historicos_do_Parana)

A infraestrutura urbana era muito limitada, com poucas construções e serviços, a vida cotidiana da população era marcada pela simplicidade e pelo trabalho árduo na lavoura e na pecuária. As comunicações e os transportes também eram muito dificultados pelas limitações naturais, a presença indígena original já havia sido impactada pela presença dos colonizadores e a população local estava em contato direto com diferentes grupos étnicos e culturais.

## **Emancipação política**

Ao longo da primeira metade do século XX, Campo Mourão passou por um gradual processo de crescimento e desenvolvimento urbano, as ruas eram de terra e as construções todas de madeira sem grande refinamento. Este processo de crescimento levou a lideranças da comunidade local sonharem com a emancipação política do distrito (JUNIOR) pelo desejo de terem mais autonomia nas questões políticas e no desenvolvimento da região.

Em 10 de outubro de 1947, a Assembleia Legislativa do Estado do Paraná aprovou a Lei nº 2, que desmembrou Campo Mourão do município de Pitanga (PARANÁ, 1947), concedendo-lhe o status de município.



1948



**OFICINA:**  
A Praça como  
um lugar de  
memória

Praca Getúlio Vargas em 1943.



Praça Alvorada - Lar Paraná - década de 60



Capela de Nossa Senhora do Caravaggio - Lar Paraná - 1963

## Oficina - Leitura de imagens - 04/05/2023

- a) Qual a origem do nome da praça?
- b) Quem frequenta?
- c) O que as pessoas faziam na praça antigamente?

## Oficina - Leitura de imagens

### Quanto aos aspectos físicos presentes nas imagens:

O que tem nessa praça? Como era? O que tem hoje?

*\* Pensar no estado de conservação do espaço, a igreja, como este espaço é ocupado atualmente*

## Referências

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: o uso de imagens como evidência histórica; traduzido por Vera Maria Xavier dos Santos; São Paulo: Editora Unesp, 2017.

**HISTÓRIA**, Museu Municipal Deolindo Mendes Pereira, 2018. Disponível em: <<http://museudmp.blogspot.com/2018/08/relatos.html>>. Acesso em: 16 de fev. 2023.

**IPHAN**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/276>>. Acessado pela última vez em 15 de Junho de 2024.

IPHAN. **Educação Patrimonial: Histórico. Conceitos e Processos**. 65f, 2014

SANTOS JÚNIOR, J. E. . **Campo Mourão: a construção de uma cidade**. 1. ed. Londrina - PR: Midiograf, 2017.

WEBER, A. **Fundação da cidade de Campo Mourão sob a perspectiva das narrativas da historiografia local**. Temas & Matizes, [S. l.], v. 17, n. 29, p. 23–46, 2023.

# ANEXOS

## ANEXO A - Parecer do CEP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO  
PARANÁ - UNESPAR



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Uma imagem vale mais do que mil palavras? Ensino de história e reflexões sobre o acervo fotográfico do Museu Municipal Deolindo Mendes Pereira em Campo Mourão-PR.

**Pesquisador:** Michel Kobelinski

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 68192323.4.0000.9247

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANA

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 6.096.829

#### Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma pesquisa vinculada ao projeto de mestrado no PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA – PROFHISTÓRIA - Mestrado e intitulada "Uma imagem vale mais do que mil palavras? Ensino de história e reflexões sobre o acervo fotográfico do Museu Municipal Deolindo Mendes Pereira em Campo Mourão-PR".

#### Objetivo da Pesquisa:

Objetivos gerais: 1. Explorar e refletir sobre a potência da fotografia como ferramenta pedagógica no ensino de história e sua interação com o patrimônio histórico local.

2. Realizar oficinas práticas para alunos do Novo Ensino Médio, potencializando sua compreensão do passado e sua relação com o presente.

3. Valorizar e destacar o papel fundamental dos alunos nas oficinas propostas, reconhecendo sua capacidade de protagonismo na construção do conhecimento histórico Específicos:

4. Promover a valorização e difusão do Museu Municipal Deolindo Mendes Pereira, por meio de atividades práticas enfocadas em seu acervo fotográfico.

5. Elevar a importância da memória local, incluindo aquelas de pessoas comuns, que muitas vezes são ignoradas pelas narrativas oficiais.

**Endereço:** Av:Gabriel Esperidião s/n sala 20

**Bairro:** Jardim Morumbi

**CEP:** 87.703-000

**UF:** PR


**Município:** PARANAVAI

**Telefone:** (44)99973-4064

**Fax:** (44)3141-4319

**E-mail:** cep@unespar.edu.br

## ANEXO B - Termo de Ciência pelo responsável pelo campo de estudo



**Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR**  
Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos  
**CEP UNESPAR**

**TERMO DE CIÊNCIA DO RESPONSÁVEL PELO CAMPO DE ESTUDO**

Ao diretor do Museu Municipal Deolindo Mendes Pereira, Jair Elias dos Santos Júnior.

**Título do projeto:** Uma imagem vale mais do que mil palavras? Ensino de história e reflexões sobre o acervo fotográfico do Museu Municipal Deolindo Mendes Pereira em Campo Mourão-PR

**Local de pesquisa:** Museu Municipal Deolindo Mendes Pereira

**Nome do pesquisador responsável (Orientador):** Michel Kobelinski

**Nome do acadêmico:** André Felipe Svolinski

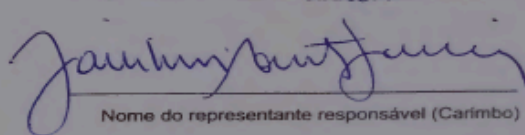
**Responsável pelo local de realização da prova:** Jair Elias dos Santos Júnior

Declaro(amos) que os pesquisadores acima identificados estão autorizados a realizar a pesquisa com o título **Uma imagem vale mais do que mil palavras? Ensino de história e reflexões sobre o acervo fotográfico do Museu Municipal Deolindo Mendes Pereira em Campo Mourão-PR** e coleta de dados, os quais serão usados exclusivamente para fins didáticos. O armazenamento dos dados ocorrerá num período de até 05 anos, contados a partir do ano de 2022. Após este período os dados serão descartados. O referido projeto será realizado junto (aos sujeitos) que aceitarem participar da pesquisa após a aprovação no comitê de ética em pesquisa, assegurando a sua confidencialidade e o anonimato dos sujeitos participantes da pesquisa de acordo com as normas da resolução CNS/MS nº 466/2012 e/ou CNS/MS nº510/2016 e suas complementares.

Esta autorização só terá validade mediante parecer de aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Paraná (CEP UNESPAR<sup>1</sup>), e o pesquisador responsável deverá obrigatoriamente entregar o parecer/aprovação do CEP para a instituição Museu Municipal Deolindo Mendes Pereira em Campo Mourão-PR.

\_\_\_\_\_  
Nome do(a) Pesquisador(a) responsável

Campo Mourão, 10 de Maio de 2023.

  
\_\_\_\_\_  
Nome do representante responsável (Carimbo)

<sup>1</sup> Fls. 1 de 2

Unespar Campus Paranavai – Avenida Gabriel Esperidião, S/N – Sala 20,  
Jardim Morumbi, Paranavai - PR | CEP: 87.703-000  
Telefone: (44) 3424.0100 | E-mail: cep@unespar.edu.br

